

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

MÁRCIA REGINA AVERSANI LOURENÇO

**A SELEÇÃO BRASILEIRA DE
CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA:
perfil de ginastas e treinadoras,
estrutura técnica e administrativa e o
habitus construído**

Maringá
2015

MÁRCIA REGINA AVERSANI LOURENÇO

**A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS
DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas
e treinadoras, estrutura técnica e
administrativa e o *habitus* construído**

Tese de doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
Associado em Educação Física –
UEM/UEL, para obtenção do título de
Doutora em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

Maringá
2015

Dados Internacionais de catalogação-na-publicação
Universidade Norte do Paraná
Biblioteca Central
Setor de Tratamento da Informação

L935s Lourenço, Márcia Regina Aversani, 1970-
 A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: perfil de
 ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus*
 construído. / Márcia Regina Aversani Lourenço. – Maringá; Londrina,
 2015.
 189f.

 Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de
 Maringá; Universidade Estadual de Londrina
 Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

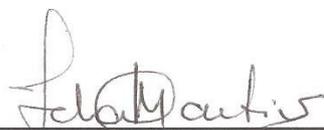
 1 – Ginástica rítmica – tese de doutorado. 2 - Ginástica rítmica -
 perfil esportivo. 3 – Seleção Brasileira de Ginástica rítmica – História.
 4- *Habitus*. 5- Organização esportiva. I- Rinaldi, Ieda Parra Barbosa,
 orient. II- Universidade Estadual de Maringá. III. Universidade
 Estadual de Londrina. IV. Título. CDU 796.412(091)(043)

MÁRCIA REGINA AVERSANI LOURENÇO

**A SELEÇÃO BRASILEIRA DE
CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA:
PERFIL DE GINASTAS E TREINADORAS,
ESTRUTURA TÉCNICA E
ADMINISTRATIVA E O *HABITUS*
CONSTRUÍDO.**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Práticas Sociais em Educação Física, para obtenção do título de Doutor(a).

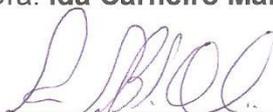
APROVADA em 28 de abril de 2015.



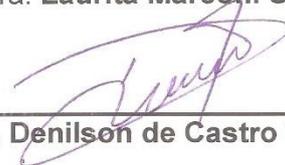
Prof. Dra. **Ida Carneiro Martins**



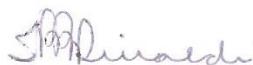
Prof. Dra. **Laurita Marconi Schiavon**



Prof. Dr. **Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira**



Prof. Dr. **Denilson de Castro Teixeira**



Prof. Dra. **Ieda Parra Barbosa Rinaldi**
(Orientadora)

*Dedico este trabalho a minha família pela compreensão
e apoio incondicional em todos os momentos, meu
marido Rogério e meus filhos Luiz Felipe e Giovanna.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelas bênçãos em minha vida, em especial pelas oportunidades de encontros e reencontros na caminhada pessoal e profissional!

Aos professores!

Em especial minha orientadora professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi. Obrigada Ieda por me aceitar e orientar no Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM / UEL, mas especialmente, obrigada por ser minha amiga há mais de 25 anos!

À professora Elisabeth Bueno Lafranchi que é uma destas profissionais únicas que assumem o trabalho com paixão e determinação. Seus ensinamentos me acompanham em todos os momentos, obrigada por fazer parte da minha vida desde quando eu era apenas uma menina conhecendo a ginástica!

À professora Roberta Gaio, grande amiga e parceira que ganhei na vida acadêmica. Obrigada Roberta pelo impulso inicial que culminou neste trabalho!

Aos membros da banca professores Amauri Bássoli, Denilson Teixeira, Ida Martins e Laurita Schiavon, pelas contribuições significativas no estudo!

À família e aos amigos!

Agradeço minhas irmãs Suely (in memoriam) e Ana e meus irmãos Agnaldo e Paulinho pelos apoios e incentivos constantes e a meus pais Augusta e Osvaldo pela infância feliz, educação coerente e formação do meu caráter!

Às integrantes do Grupo de Pesquisa “Gímnica: Formação, Intervenção e Escola” representadas aqui pelas colegas mais próximas Juliana Pizani e Maria Eloiza Fiorese Prates. Vocês foram ótimas parceiras, espero retribuir o apoio!

À amiga Vanda Sanches pelos momentos de conversas e leituras!

Especial!

Às treinadoras da Seleção Brasileira de Conjuntos que prontamente aceitaram participar deste estudo: Bárbara Lafranchi, Monika Queiroz, Giurga Nedialkova e Camila Ferezin. Muito obrigada!

Às ginastas que participaram do estudo com tanta prontidão e riqueza de detalhes, vocês representam todas as ginastas que um dia estiveram à frente da Seleção Brasileira de Conjuntos e seguiram no anonimato!

Às treinadoras e ginastas da UNOPAR que me acompanham nas alegrias e nas angústias da ginástica rítmica!

“Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

“Tudo posso em Cristo que me fortalece!”

“Somos eternas vencedoras no imenso amor de Cristo!”

...

LOURENÇO, Márcia Regina Aversani. **A Seleção Brasileira de Conjuntos de Ginástica Rítmica: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído**. 2015. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Educação Física. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

RESUMO

A presente tese tem como objetivo geral analisar, por meio do discurso de treinadoras e ginastas, o perfil das integrantes da Seleção Brasileira de Conjuntos (SBC) de ginástica rítmica (GR) no período de 1997 a 2012, sua estrutura técnica e administrativa e o *habitus* esportivo construído. Baseada no “Modelo Escandinavo” a tese é composta por quatro artigos originais completos que contaram com a participação de 12 ginastas e quatro treinadoras atuantes na SBC, no período que compreende quatro ciclos olímpicos completos, denominados no estudo como ciclos 1, 2, 3 e 4. O primeiro e o segundo artigo, de cunho descritivo, objetivaram identificar o perfil das integrantes da SBC, os procedimentos de selecionamento e dispensa das ginastas e o processo de contratação e desligamento das treinadoras por meio de entrevistas semiestruturadas e questionário específico. Os resultados apontam para um processo contínuo de selecionamento e desligamento de ginastas, embora sem procedimentos bem delineados e precisos; na contratação e demissão das treinadoras, há ausência de procedimentos pré-estabelecidos, seja no momento do convite ou da dispensa. O terceiro artigo, também descritivo, utilizou-se de entrevista semiestruturada com o objetivo de registrar os procedimentos e os comportamentos técnicos e a estrutura administrativa na SBC, apontando as semelhanças e diferenças entre os ciclos. Os resultados indicam o ciclo 2 como o período que reuniu melhores condições de ginásio, estadia e alimentação, além de melhores resultados, já os ciclos 1, 2 e 3 apresentam características muito parecidas em sua estrutura técnica com semelhanças na preparação física e técnica e diferenças na preparação tática. No que se refere à organização administrativa, as treinadoras são as grandes responsáveis pela condução das equipes em todos os ciclos, sendo os parceiros das sedes nos ciclos 1, 2 e 3 os gestores administrativos locais, e no ciclo 4 a responsabilidade foi total da Confederação Brasileira de Ginástica. O quarto artigo objetivou identificar a presença de *habitus* esportivo na SBC de GR a partir da técnica de depoimentos do método de história oral. Como resultado, apresenta dez *habitus* da SBC, relacionados ao processo de entrada e saída da equipe, comando, superação pessoal em prol do grupo, manutenção do peso corporal e de resultados, amadurecimento, rotinas de viagens e estudos, convivência intensa, esporte espetáculo e continuidade na vida esportiva. De forma geral, verificou-se que o ciclo 2 reuniu as melhores condições físicas e técnicas e os melhores resultados. O ciclo 3 apresentou a estrutura mais interessante para os estudos e estágios internacionais com a manutenção de resultados e o ciclo 4 ofereceu a melhor estrutura administrativa, mas registrou quedas significativas no ranking de resultados da FIG. A identificação do *habitus* permitiu construir uma visão mais abrangente do grupo social colaborando para o entendimento de como as estruturas se complementam com as atitudes, costumes, ações e rituais específicos de seus atores.

Palavras-Chave: Ginástica rítmica. História. *Habitus*. Organização esportiva. Perfil esportivo.

LOURENÇO, Márcia Regina Aversani. **The Brazilian National Group of Rhythmic Gymnastics: the profile of gymnasts and coaches, technical and administrative structure and the built *habitus***. 2015. 188 pages. Thesis. (Doctorate in Physical Education) – Physical Education Center. State University of Maringá, Maringá, 2015.

ABSTRACT

The general objective of the present thesis was to analyze, through the discourse of gymnasts and coaches, the profile of the Brazilian National Group of Rhythmic Gymnastics members during the period from 1997 to 2012, their technical and administrative structures and the sporting built *habitus*. Based on the Scandinavian Model, the thesis is composed of three complete original articles that counted on the participation of twelve gymnasts and four active coaches on BNG within the period that comprises four complete Olympic cycles named in this study as cycles 1, 2, 3 and 4. The first and second study of descriptive nature aimed to identify the profile of BNG members, the selecting and discharge procedures of gymnasts and the hiring and dismissal processes of coaches through semi-structured interviews and specific questionnaire. The results point to a continuous process of selecting and dismissal of gymnasts, although without precise and well-designed procedures. As for the hiring and dismissal of coaches, there is an absence of pre-established procedures, either at the invitation or at the dismissal moment. The third article, also of the descriptive character, utilized semi-structured interviews aiming to register the procedures and behaviors of coaches as well as the administrative structure of BNG, pointing to the similarities and differences between the cycles. The results point to cycle 2 as the period that brought together the best conditions of the gymnasium, the abode and the alimentation provided to the gymnasts, besides better results, and cycles 1, 2 and 3 present very similar characteristics on technical structure with resemblance on physical and technical preparations, and differences on tactical preparation. As for the administrative organization, the coaches are the most responsible for leading the groups in all cycles, being the headquarter partners on 1, 2 and 3 cycles the local administrative managers, and in cycle 4 the Brazilian Gymnastic Confederation was the fully responsible. The fourth article aimed to identify the presence of sports *habitus* on GR BNG through the testimony technique of oral history method. As a result, it presents ten *habitus* of SBC, related to the team joining and leaving processes, command, personal overcoming in favor to the group, body weight and result maintenances, maturation, travel and study routines, intense acquaintanceship, sports show and sporting life continuity. In general, the cycle 2 was the one that brought together the best physical and technical conditions and the best results as well. Cycle 3 presented the most interesting structure for studies and international internships with results maintenance, and cycle 4 offered better administrative structure, although it registered significant falls in the FIG results ranking. The identification of *habitus* allowed developing a wider view of the social group thus contributing for a better understanding on how the structures complement themselves in attitudes, customs, actions and specific rituals of the actors.

Keywords: Rhythmic Gymnastics. History. *Habitus*. Sporting Organization. Sporting Profile.

LISTA DE QUADROS

Estrutura	Quadro 1 – Estrutura geral da tese.....	12
Capítulo 2	Quadro 1 – Ginastas e treinadoras da seleção brasileira permanente de conjuntos de 1997 a 2012, presentes nos Jogos Pan Americanos e Jogos Olímpicos.....	29
	Quadro 2 – Treinadoras participantes do estudo.....	31
	Quadro 3 – Ginastas participantes do estudo.....	32
	Quadro 4 – Aspectos avaliados, procedimentos de avaliação e critérios de participação e dispensa nas seletivas para compor a SBC.....	37
Capítulo 3	Quadro 1 – Treinadoras participantes do estudo.....	59
	Quadro 2 – Convite, contratação e desligamento de treinadoras na SBC.....	63
Capítulo 4	Quadro 1 – Ginastas participantes do estudo.....	80
	Quadro 2 – Treinadoras participantes do estudo.....	80
	Quadro 3 – Ginásio, alojamento e refeitório.....	82
	Quadro 4 – Equipe técnica.....	92
	Quadro 5 – Treinamento.....	100
	Quadro 6 – documentos e estudos.....	108
Capítulo 5	Quadro 1 – Ginastas participantes do estudo.....	132
	Quadro 2 – Treinadoras participantes do estudo.....	133

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
COB	<i>Comitê Olímpico Brasileiro</i>
CONFEF	<i>Conselho Federal de Educação Física</i>
FIG	<i>Federação Internacional de Ginástica</i>
GR	<i>Ginástica Rítmica</i>
JO	<i>Jogos Olímpicos</i>
ODEPA	<i>Organização Desportiva Pan Americana</i>
SBC	Seleção Brasileira de Conjuntos
UNOPAR	<i>Universidade Norte do Paraná</i>

SUMÁRIO

	ESTRUTURA.....	12
Capítulo 1	INTRODUÇÃO GERAL DA TESE.....	13
	1.1 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	13
	1.2 APRESENTAÇÃO DA TESE	15
	REFERÊNCIAS	22
Capítulo 2	PROCESSO SELETIVO E PERFIL DE GINASTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012.....	24
	INTRODUÇÃO	24
	METODOLOGIA	27
	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	52
Capítulo 3	O PERFIL DE TREINADORAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012.....	55
	INTRODUÇÃO	55
	METODOLOGIA	58
	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	72
Capítulo 4	A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: ESTRUTURA TÉCNICA E ADMINISTRATIVA NO PERÍODO DE 1997 A 2012 NA VISÃO DE GINASTAS E TREINADORAS	75
	INTRODUÇÃO	75
	METODOLOGIA	79
	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	82
	Estrutura física	82
	Estrutura técnica	92
	Estrutura administrativa	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	115

	REFERÊNCIAS	117
Capítulo 5	A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NA ÓTICA DE GINASTAS E TREINADORAS: O <i>HABITUS</i> ESPORTIVO CONSTRUÍDO.....	122
	INTRODUÇÃO	122
	CARACTERIZAÇÃO DO <i>HABITUS</i> NA TEORIA DE BOURDIEU - <i>HABITUS</i> E O CAMPO ESPORTIVO	125
	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	131
	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	134
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
	REFERÊNCIAS	157
Capítulo 6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	ANEXOS.....	164
	ANEXO A – Aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP)	165
	APÊNDICES	167
	APÊNDICE A: Termo de Autorização	168
	APÊNDICE B: Termo de Consentimento Ginastas	169
	APÊNDICE C: Termo de Consentimento Treinadoras	171
	APÊNDICE D: Matriz Analítica	173
	APÊNDICE E: Questionário – ginastas	175
	APÊNDICE F: Questionário – treinadoras	176
	APÊNDICE G: Entrevista semiestruturada 1 – ginastas	178
	APÊNDICE H: Entrevista semiestruturada 1 – treinadoras	179
	APÊNDICE I: Entrevista semiestruturada 2 – ginastas	180
	APÊNDICE J: Entrevista semiestruturada 2 – treinadoras	181
	APÊNDICE K: Roteiro depoimentos – ginastas e treinadoras	182
	APÊNDICE L: Quadro – <i>Habitus</i> da Seleção Brasileira de Conjunto	183
	APÊNDICE M: Quadros – Estrutura física, técnica e administrativa da Seleção Brasileira de Conjunto	184

ESTRUTURA

A tese aqui apresentada foi baseada no “Modelo Escandinavo” e estruturada em seis capítulos (Quadro 1). O primeiro capítulo, Introdução Geral da Tese, é composto pelas Experiências vividas e pela Apresentação da tese contendo (em texto corrido) o objetivo geral e os específicos, a justificativa, o método e o referencial teórico de análise. O Capítulo 2, em formato de artigo, apresenta o perfil das ginastas da Seleção Brasileira de Conjuntos no período de 1997 a 2012 e como foram realizados os procedimentos de selecionamento das atletas, identificado por meio dos depoimentos das mesmas. O Capítulo 3, também em formato de artigo, apresenta o perfil e o processo de contratação e desligamento das treinadoras da Seleção Brasileira de Conjuntos no período de 1997 a 2012. O Capítulo 4, mais uma vez em formato de artigo, aborda os procedimentos e os comportamentos técnicos, assim como a estrutura administrativa ofertada nos últimos quatro ciclos olímpicos para as integrantes da Seleção Brasileira de Conjunto. O Capítulo 5, ainda em formato de artigo, traz os elementos constituintes do *habitus* esportivo reconhecidos no discurso de ginastas e treinadoras integrantes da Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012. Por fim, o capítulo 6 finaliza a tese com as conclusões gerais do estudo.

Quadro 1: Estrutura geral da tese

Capítulo 1	Introdução Geral da Tese Experiências vividas Apresentação da tese
Capítulo 2	Artigo Original Processo seletivo e perfil de ginastas da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012
Capítulo 3	Artigo Original O perfil de treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012
Capítulo 4	Artigo Original A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: estrutura técnica e administrativa no período de 1997 a 2012 na visão de ginastas e treinadoras
Capítulo 5	Artigo Original A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica na ótica de ginastas e treinadoras: o <i>habitus</i> esportivo construído
Capítulo 6	Considerações finais Conclusão geral da tese

1 INTRODUÇÃO GERAL DA TESE

1.1 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Escrever sobre um assunto tão presente em minha¹ história de vida reforça a ideia de que o pesquisador também faz parte da história que investiga. Por muitas ocasiões vivenciei situações de forma concreta em fatos e acontecimentos registrados e apresentados no decorrer dos capítulos que seguem. O que me permitiu um olhar diferenciado do contexto pesquisado, colaborando nas reflexões e nas interpretações do período de tempo histórico aqui analisado.

A escolha por este campo de investigação foi motivada pela minha vivência e experiência na ginástica rítmica (GR), que se deu em várias instâncias, impulsionando-me na escolha do tema. Como atleta, dos nove aos 21 anos de idade, tive o privilégio de participar do primeiro Campeonato Brasileiro da Categoria Infantil (oficial) ocorrido em 1982 na cidade do Rio de Janeiro. Como ginasta, integrei a Seleção Brasileira de Conjuntos² (SBC) durante os cinco anos em que estive na categoria adulto, com a oportunidade de representar o país em competições internacionais.

Atuei como treinadora por 15 anos, com equipes de base, da iniciação a categoria juvenil, sendo por três vezes técnica da SBC na categoria juvenil conquistando o título de campeãs Pan-americanas no ano de 2002.

Na GR também sou árbitro desde os 17 anos, quando fiz o primeiro curso ainda como ginasta, ou seja, sou atuante na Federação Paranaense de Ginástica e na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) há mais de 25 anos. Mas foi com a aquisição do brevê da Federação Internacional de Ginástica (FIG) que pude

¹ Embora tenha adotado para todo o texto escrever na primeira pessoa do plural, permito-me utilizar neste início a primeira pessoa do singular por se tratar do momento em que coloco minha trajetória de vida esportiva e profissional no contexto do assunto pesquisado neste estudo.

² Na GR existem dois tipos de competição: individual (ginasta apresenta-se sozinha em quatro coreografias com aparelhos distintos) e conjunto (composto por cinco ginastas que realizam duas coreografias distintas, uma com aparelhos semelhantes e outra com aparelhos mistos) (LLOBET, 1998).

acompanhar, por diversas vezes, a SBC em eventos importantes como Jogos Pan Americanos, Universíades e Campeonatos Mundiais.

São as experiências como ginasta e árbitro na SBC que me permitiram conjecturar e questionar diversos aspectos a ela relacionados, como a estrutura administrativa, as necessidades para o desenvolvimento de um trabalho com resultados positivos e a participação em maior número de competições a fim de adquirir experiência e intercâmbio internacional. Reflito, também, sobre a importância de se ter um órgão que assuma a gestão da modalidade evitando delegar aos clubes responsabilidades que não lhes competem, tais como qualificar³ ginastas para representar o país, da forma como ocorria no tempo em que fui atleta. As exigências para uma seleção brasileira na década de 1980 para ginastas de um país iniciante na GR eram diferente do atual momento em que vivemos, no qual as atletas passaram ou a seleção passou para o status de melhor equipe do continente americano. Assim as convocações⁴ de ginastas de bom nível técnico devem ser fortalecidas e, para isso, há que se oferecer estrutura física adequada e preparação condizente com o status da equipe na atualidade, pois resultados positivos dependem do planejamento e bom andamento das ações.

Exercer a função de presidente do Comitê Técnico de Ginástica Rítmica da Federação Paranaense de Ginástica, ao longo de 15 anos, e de vice-presidente do Comitê Técnico de Ginástica Rítmica da CBG por dois anos colaborou para ampliar a compreensão de como se dá a administração desta modalidade, na qual também atuo como coordenadora e gestora no projeto “Escola de Iniciação em Ginástica Rítmica da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR” há, aproximadamente, 20 anos.

Vale destacar que meu envolvimento com a GR no contexto universitário, além da extensão, também se efetiva a partir da pesquisa e do ensino. A vivência e experiência como docente e coordenadora na graduação e pós-graduação me permitem ministrar conteúdos de GR e outros da Educação Física atuando diretamente na formação de futuros professores e treinadores de todo o país.

³ Em se tratando de seleção brasileira, ginasta “qualificada” pela CBG são integrantes de equipes campeãs nos Campeonatos Interclubes nacionais que representam o país autorizadas pelo órgão, porém sem seu apoio oficial no que diz respeito à supervisão técnica e aos custos dessa participação.

⁴ Quando a ginasta (de vários clubes ou estados) é “convocada” pela CBG significa que toda a organização técnica e financeira fica a cargo do órgão (LOURENÇO, 2003).

Por fim, tenho buscado na minha formação continuada estudar e escrever sobre a GR. Na dissertação de mestrado iniciei os estudos mais aprofundados sobre a história e desenvolvimento da modalidade no Brasil, dando especial atenção à identidade artística nas coreografias da SBC e, desde então, venho publicando em artigos, livros e capítulos de livros um pouco destas experiências e descobertas nesta modalidade.

Para este momento, o interesse é a discussão da organização técnica e administrativa das SBC de GR de 1997 a 2012. Nesse período, que compreendeu quatro ciclos olímpicos, as seleções nacionais de conjunto passaram a ser convocadas sistematicamente e, em muitas oportunidades, estive envolvida. Porém, entendo que é na atualidade que posso contribuir de maneira diferenciada para o desenvolvimento da GR, em decorrência do amadurecimento acadêmico e como estudiosa da área. Assim, apresento a seguir a organização do estudo.

1.2 APRESENTAÇÃO DA TESE

A GR é um esporte relativamente jovem, posto que as primeiras competições oficiais tiveram início na década de 1960, mas recebeu status de modalidade olímpica apenas em 1984 por ocasião dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (LLOBET, 1998; GAIO, 2007). Em nosso país o número de envolvidos cresce a cada ano nos diversos níveis da prática da modalidade, novos clubes e federações surgem oportunizando eventos para iniciantes e fortalecendo os campeonatos nacionais. Em especial, nas competições de conjunto há participação de clubes da maioria dos estados brasileiros em todas as categorias, e é exatamente neste tipo de competição que o Brasil apresenta os melhores resultados internacionais em GR, sendo finalista nos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000 e de Atenas em 2004 (LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014). Atualmente percebemos um esforço contínuo dos profissionais da modalidade para que bons resultados aconteçam, novamente, nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

O conjunto é uma das modalidades de competição da GR que exige a organização do treinamento e das composições coreográficas respeitando as individualidades, porém com o intuito de um resultado comum. A participação de cada ginasta ao mesmo tempo no trabalho, de forma homogênea e com espírito coletivo, é sua característica típica (LISITSKAYA, 1995; LAFFRANCHI, 2005).

Formado por cinco integrantes, o conjunto necessita de um trabalho diferenciado, uma vez que a GR é classificada como uma modalidade individual, pois o conjunto assemelha-se com as características das modalidades coletivas. Para isso tem que funcionar com regras de organização interna, com liderança e também deve haver reconhecimento das próprias possibilidades e limitações de cada membro da equipe. Todas estas necessidades são repartidas em tarefas dependendo da capacidade individual das ginastas (BOBO; PALMEIRO, 1998).

Ao vencer a competição de conjuntos nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg em 1999, novos horizontes abriram-se para a GR brasileira, o país conquistou a vaga para os Jogos Olímpicos de Sydney, passou a ser convidado para eventos internacionais de grande porte e importância e, nos anos seguintes, passou do 20º para o 8º lugar no ranking do Campeonato do Mundo, provando que um país do Continente Americano pode chegar a boas colocações no quadro da FIG e, principalmente, incentivando países fora do circuito europeu a investirem no treinamento de conjuntos de GR (LOURENÇO, 2003). Com isso, as competições de conjunto nos eventos realizados nas Américas passaram a contar com nível técnico e competitividade mais elevados e com um número maior de países já a partir das categorias de base.

A GR brasileira apresenta uma trajetória histórica de construção de bons resultados, mas ao mesmo tempo de descontinuidade dos mesmos. Embora sendo o país com os melhores resultados do continente americano na modalidade de conjunto nas quatro últimas edições dos Jogos Pan Americanos, não estivemos presentes nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012⁵, fato que causou uma lacuna para o país que

⁵ O Brasil não se classificou nos eventos Pré-olímpicos da modalidade que ocorreram em 2010 e 2011.

vinha se mantendo entre os 12 melhores do mundo nas competições de conjunto no ciclo olímpico⁶ anterior.

Com a proximidade dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, cresce a preocupação de uma boa representação do país neste megaevento em todas as modalidades esportivas, e na GR não é diferente. A expectativa é de que possamos voltar a apresentar um desempenho no nível das melhores equipes do mundo, independente de ter a vaga garantida, por ser o país sede.

A organização de um esporte acontece a partir de um conjunto de ações como: popularização da modalidade; entidades registradas nas federações estaduais que são filiadas à confederação nacional que, conseqüentemente, está ligada à federação internacional a qual rege o desporto em questão; profissionalização e qualidade técnica da base ao alto rendimento. Em um grande organograma, é necessário visualizar um órgão responsável pela condução de cada ação que leve ao bom andamento de uma modalidade esportiva. Mas o que se tem, muitas vezes, são apenas algumas pessoas responsáveis e, não exatamente, um órgão, comprometido e estruturado com planos de ações a curto, médio e longo prazo ou ao menos uma equipe composta por profissionais de áreas afins capacitados para atender às necessidades da equipe como um todo.

No Brasil, várias foram as pessoas que se ocuparam do desenvolvimento desta modalidade ao longo da história, Ilona Peuker, Daisy Barros, Ingeborg Crause, Vera Miranda e Elisabeth Laffranchi, são exemplos de dedicação à GR, estando esta última à frente do Comitê Técnico de GR da FIG durante 16 anos, de 1993 a 2008, representando nosso país e o Continente Americano (LAFFRANCHI, 2001; ALONSO; CRAUSE, 2005). Entretanto, em determinados momentos, a obtenção de resultados foi mais expressiva que em outros e esse é um dos motivos que determinou a intenção em estudar e pesquisar a organização das seleções nacionais de conjunto de GR, a fim de conhecer os processos e procedimentos realizados no decorrer deste período em que

⁶ Ciclo olímpico é o período de quatro anos que se inicia após o encerramento de uma edição dos Jogos Olímpicos até a realização da próxima.

as ginastas passaram a ser convocadas e que se adquiriu uma organização própria para a SBC.

Entendemos que para a continuidade de boas práticas e correção de outras não tão bem sucedidas se faz necessário conhecer quais foram os caminhos percorridos no período de 12 anos selecionados para este estudo, de 1997 a 2012. Isso porque compreendem os últimos quatro ciclos olímpicos completos da modalidade, e podem nos oferecer subsídios recheados de informações gerais e pontuais de fatores relacionados ao treinamento, ao processo de seleção de ginastas, à contratação de treinadoras, a estruturas de ginásio, à acomodação das equipes e a assuntos administrativos.

Acreditamos ainda, que o estudo nos possibilita entender como se organizam os *habitus* esportivo na SBC, pois de acordo com Bourdieu (1990) entre pessoas ou grupos de um mesmo segmento e dotadas do mesmo *habitus* há uma tendência a uma organização naturalmente direcionada, na qual quase tudo parece evidente, pois a compreensão acontece de forma fácil e, em alguns momentos, até por meias palavras, inclusive nos conflitos percebe-se uma movimentação semelhante. Porém, se o *habitus* é diferente, há enfrentamentos e surgem possibilidades de colisão, de não resolução do conflito e de mudança de caminhos.

Para dar embasamento às nossas discussões, nos ocupamos das referências específicas nacionais e internacionais da modalidade (CRAUSE, 1985; ROBEVA; RANKÉLOVA, 1991; FERNANDES DEL VALLE, 1991; LISITSKAYA, 1995; LLOBET, 1998; JASTRJEMBSKAIA; TITOV, 1998; LAFFRANCHI, 2001; LOURENCO, 2003; LAFFRANCHI, 2005; GAIO, 2007; SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010; ANTUALPA, 2011; FIG, 2013-2016; LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014) e, em especial para o capítulo 4, ao referencial teórico de Pierre Bourdieu ⁷em seus estudos

⁷ Pierre Bourdieu (1930-2002) filósofo francês ingressou na Faculdade de Letras, na Escola Normal Superior em Paris aos 21 anos de idade e aos 24 anos graduou-se em Filosofia, assumindo a função de professor em Moulins. Prestou serviço militar na Argélia, e assumiu o cargo de professor assistente na Faculdade de Letras em Argel aos 28 anos iniciando sua pesquisa acerca da Sociedade Cabila que muito colaborou em suas teorias. Pensador mais citado no mundo em sua área é o fundador de um paradigma sociológico; sua obra oferece múltiplas facetas ao discutir temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Ao longo de sua vida desenvolveu diversos trabalhos abordando a questão da dominação nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano. É consagrado Doutor '*honoris causa*' das universidades Livre de Berlim em 1989, Johann-Wolfgang-Goethe de Frankfurt em 1996 e Atenas em 1996 (BONNEWITZ, 2003).

sobre o *habitus* esportivo, considerando a GR como um subcampo do campo esportivo (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU, 1990; BOURDIEU, 2000; MARCHI JR, 2001; BONNEWITZ, 2003; RIBAS, 2007; STAREPRAVO, 2011).

Este estudo vem ao encontro da necessidade de apresentar, de forma científica, dados que possam contribuir para o entendimento da relevância da boa organização técnica e administrativa e do envolvimento entre os atores que movimentam essa modalidade, pois boa vontade e esforços extremos isoladamente não garantem as conquistas no campo esportivo. Para isso optamos por realizar entrevistas com ginastas e treinadoras que fizeram parte da SBC em um recorte de tempo de 16 anos, ou seja, no período de 1997 a 2012, que são os quatro últimos ciclos olímpicos completos em que houve organização oficial da SBC e que também coincide com o momento seguinte em que as competições de conjunto entraram para o calendário oficial dos Jogos Olímpicos.

Portanto, ao nos interessarmos por pesquisar os ciclos olímpicos em que as equipes de conjunto do Brasil foram formadas, queremos registrar como se deu o processo de organização e estruturação das seleções de GR ao longo do período estudado e para tal elencamos pontos-chaves como a forma de convocação das atletas, a estrutura física relacionada aos ginásios de treinamento, os alojamentos e locais para refeição, a organização administrativa, os procedimentos técnicos do treinamento, e ainda os elementos constituintes do *habitus* esportivo na organização das seleções seguindo matriz analítica organizada para o estudo (Apêndice D).

Essas inquietações levam aos seguintes questionamentos: Qual o perfil das ginastas e treinadoras da SBC no período de 1997 a 2012? Como foram realizados os processos seletivos e as contratações dos integrantes da seleção nesse período? Quais fatores estruturais, técnicos e administrativos caracterizaram a SBC nos últimos quatro ciclos olímpicos? É possível reconhecer elementos constituintes do *habitus* esportivo no discurso de ginastas e treinadoras integrantes da SBC no período de 1997 a 2012?

Para tanto, nosso objetivo geral é analisar, por meio do discurso de treinadoras e ginastas, o perfil das integrantes da Seleção Brasileira de Conjuntos de GR no período de 1997 a 2012, bem como sua estrutura técnica e administrativa, e o

habitus esportivo construído. E como objetivos específicos, estabelecemos os seguintes: 1. Identificar os procedimentos de seleção, o processo de contratação e desligamento e o perfil de ginastas e treinadoras integrantes da Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012; 2. Registrar, por meio de depoimentos de ginastas e treinadoras da Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica, os procedimentos e os comportamentos técnicos, assim como a estrutura administrativa ofertada nos últimos quatro ciclos olímpicos, apontando suas semelhanças e diferenças; 3. Identificar, por meio do discurso de treinadoras e ginastas, o *habitus* esportivo presente na Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012.

Mediante o exposto, justifica-se a realização deste estudo, em âmbito técnico, pela oportunidade de documentar as organizações técnicas e administrativas das equipes de conjunto do Brasil nos últimos ciclos olímpicos e no campo acadêmico, assim como a contribuição de publicação dos caminhos percorridos dentro e fora do tablado pelas equipes nacionais.

Ao optar pelo modelo escandinavo organizamos os capítulos 2, 3, 4 e 5 da tese em quatro artigos originais completos, na tentativa de abranger todas as possibilidades que nos leve a entender o processo de organização da SBC de forma contínua desde a seleção das ginastas até a identificação do *habitus* esportivo passando por sua organização técnica e administrativa.

O Capítulo 2, denominado de “Processo seletivo e perfil de ginastas da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012” nos possibilita identificar os procedimentos de selecionamento e dispensa das ginastas durante os quatro ciclos e ainda conhecer o perfil das integrantes da SBC deste período. Organizado por meio de um estudo descritivo, apresenta dados coletados em entrevistas semiestruturadas e questionário específico.

O Capítulo 3, denominado de “O perfil de treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012” nos possibilita conhecer o perfil das treinadoras e identificar o processo de contratação e desligamento de cada uma das profissionais. Organizado por meio de um estudo descritivo, também apresenta dados coletados em entrevistas semiestruturadas e questionário específico.

O Capítulo 4 apresenta o terceiro artigo: “A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: estrutura técnica e administrativa no período de 1997 a 2012 na visão de ginastas e treinadoras”. De cunho descritivo, assim como o artigo anterior, este estudo utilizou-se de entrevista semiestruturada para registrar os procedimentos e os comportamentos técnicos das diferentes equipes formadas no decorrer do período pesquisado. Apresenta, também, a estrutura física e administrativa ofertada nos últimos quatro ciclos olímpicos apontando semelhanças e diferenças entre os mesmos.

O Capítulo 5 aborda assuntos relacionados ao *habitus* esportivo presentes na SBC com o título de “A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica na ótica de ginastas e treinadoras: o *habitus* esportivo construído”. Como o *habitus* se constrói de acordo com o grupo social, as ginastas e treinadores, bem como toda a equipe de profissionais que passam pelos ginásios de treinamento e competição, obrigatoriamente, estão inseridos no meio social esportivo e vivenciam as situações de forma muito parecida, permitindo assim uma construção da identidade do grupo que vai se perpetuando nas ações contínuas para resoluções de alguns problemas e encaminhamento de outros.

Entendendo que não apenas de estruturas físicas e administrativas as equipes se organizaram no decorrer dos ciclos, este artigo valoriza as ações e relações ao reconhecer elementos constituintes do *habitus* esportivo no discurso das participantes do estudo obtidos por meio da técnica de depoimentos presente na metodologia de história oral.

As descrições mais detalhadas das metodologias utilizadas nos quatro artigos bem como suas referências bibliográficas virão registradas especificamente em cada um dos capítulos.

Diante do exposto, esta tese se justifica pela importância de registro de um período histórico da ginástica rítmica brasileira em que a SBC passou a ser permanente, com ginastas devidamente convocadas e com resultados significativos no cenário internacional, demonstrando que é possível realizar bons trabalhos nesta modalidade fora do circuito europeu, oferecendo um modelo de investimento específico em treinamento de conjunto a ser seguido, em especial, por equipes do Continente Americano e de países com menos expressividade no cenário mundial.

REFERÊNCIAS

ALONSO, H. CRAUSE, I. In: DACOSTA, L. P. (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. 858 p.

ANTUALPA K.F. **Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas**. 2011,187f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BOBO, M., PALMEIRO, M. A **Ximnasia Rítmica Deportiva - adestramento e competición**". Edicións Lea, Santiago de Compostela, 1998.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis; Vozes, 2003. 149p.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234p.

_____. **O poder simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 311p.

CRAUSE, I. I. **Ginástica rítmica desportiva: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação da ginasta**. 1985. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Código de puntuación gimnasia rítmica**. Comité Técnico Gimnasia Rítmica. 2013-2016.

FERNANDES DEL VALLE, A. F. **Gimnasia rítmica**. Comitê Olímpico Espanhol. Madrid: 1991. 241p.

GAIO, R. **Ginástica rítmica “popular”**. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2007. 151 p.

JASTRJEMBSKAIA, N. TITOV, Y. **Rhythmic Gymnastics - Hoop, Ball, Clubs, Ribbon, Rope**. EUA: Human Kinectics, 1998. 272 p.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica**. Londrina: UNOPAR, 2001. 157 p.

_____. **Planejamento, aplicação e controle da preparação técnica da ginástica rítmica: análise do rendimento técnico alcançado nas temporadas de competição**. 2005. 267f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto, Porto, 2005.

LISITSKAYA, T. **Gimnasia rítmica**. Barcelona: Paidotribo, 1995. 410p.

LLOBET, A. C. **Gimnasia rítmica deportiva: teoria e práctica.** Barcelona: Paidotribo, 1998. 296 p.

LOURENÇO, M. R. A. **Ginástica rítmica no Brasil: a (r)evolução de um esporte.** 2003. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

_____. BARBOSA-RINALDI, I. P. O conjunto na ginástica rítmica. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org.). **Ginástica de alto rendimento.** Várzea Paulista, SP: Fontoura, cap. 2, p. 43-64, 2014.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000).** 2001. 282 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

RIBAS, J. A. - **Os Jogos Abertos do Paraná na contextualização do esporte paranaense entre 1987 e 2005.** 2007. 220f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

RÓBEVA, N.; RANKÉLOVA, M. **Escola de campeãs: ginástica rítmica desportiva.** São Paulo: Ícone, 1991. 333 p.

SANTOS, E. V. N. dos; LOURENÇO, M. R. A.; GAIO, R. **Composição coreográfica em ginástica rítmica: do compreender ao fazer.** Jundiaí: Fontoura, 2010. 127 p.

STAREPRAVO, F. A. **Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico.** 2011. 422f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CAPÍTULO 2

PROCESSO SELETIVO E PERFIL DE GINASTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012

RESUMO

Esta pesquisa objetivou identificar, por meio de depoimentos de ginastas e treinadoras da Seleção Brasileira de Conjuntos (SBC) de Ginástica Rítmica (GR), processos de seleção e o perfil de ginastas convocadas no período de 1997 a 2012. Para este estudo de cunho descritivo, utilizamos como instrumentos questionário e entrevista semiestruturada para 12 atletas que fizeram parte das SBC no período proposto. Para analisar os dados optou-se pela estatística descritiva e análise de conteúdo. A maioria das ginastas vem da região sul do país, iniciaram na GR aos sete anos de idade e permanecem na SBC em média por cinco anos dos 13 dedicados ao esporte. Motivadas e estimuladas para o treinamento pela família ou ainda por ginastas de gerações passadas, 80% estudam ou estudaram Educação Física e 25% se tornaram treinadoras em nível nacional. Os resultados apontam para um processo regular de selecionamento e desligamento de ginastas de acordo com a necessidade de renovação, porém sem procedimentos bem delineados e precisos. A pesquisa apresenta dados que poderão colaborar para novas estratégias no processo de selecionamento de ginastas para a SBC.

PALAVRAS-CHAVES: Ginástica Rítmica. Seleção de Atletas. Perfil Esportivo.

INTRODUÇÃO

A ginástica rítmica é um dos esportes gímnicos de responsabilidade da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) com muitos praticantes no Brasil. Atualmente, das 24 federações estaduais filiadas à CBG com 273 clubes que desenvolvem algum tipo de trabalho em ginástica, apenas uma não atua diretamente com treinamento de GR. Assim, 22 estados brasileiros mais o Distrito Federal possuem praticantes desta modalidade em diferentes níveis, com participação em torneios nacionais de iniciação e/ou campeonatos brasileiros com alto nível competitivo (CBG, 2014).

Na edição de 2014 dos Jogos Escolares da Juventude do Brasil – categoria 12 a 14 anos realizado na cidade de Londrina, no Paraná, e organizado pelo Comitê

Olímpico Brasileiro em parceria técnica com a CBG houve a presença de ginastas de 22 equipes completas de individual (3 a 4 ginastas) representando, respectivamente, seus estados e demonstrando que a base da GR nacional ocorre, efetivamente, em todo o país com um cenário bastante diferente de décadas passadas.

Dentre as responsabilidades da CBG está o desenvolvimento da modalidade em território nacional, bem como a organização de campeonatos e selecionamento das melhores ginastas para compor as seleções nacionais individuais e de conjunto, com o intuito de conquistar resultados expressivos para o nosso país em eventos como Jogos Olímpicos, Jogos Pan-americanos, Campeonatos Mundiais, entre outros.

De acordo com o Regulamento Geral da CBG (2014, Art. 73, § 2º) uma seleção nacional pode ser permanente e mantida pela CBG, sendo as ginastas convocadas para representar o país continuamente no ano ou no ciclo olímpico⁸, ou então, uma seleção transitória, em que a convocação ou qualificação é apenas para um evento específico ou ainda para um período pré-determinado. Neste segundo caso, é muito comum que os clubes campeões brasileiros sejam qualificados para representar o país em determinada competição, mas com a obrigação de arcar com todos os custos do evento, mesmo sendo uma representação oficial. Se o clube qualificado não dispõe de recursos financeiros para tal, seja de patrocínios ou não, será qualificado o segundo colocado, o que nos faz perceber que o critério da qualidade técnica, que deveria identificar ginastas para representar o país, deixa de ser o fator mais relevante em seleções transitórias se o mesmo não tem condições de bancar as despesas de viagem, estadia e alimentação e até mesmo taxas de inscrição e participação.

No ano de 2014, a entidade manteve seleções nacionais permanentes de GR individual e conjunto, respectivamente com quatro e dez ginastas, mais treinadores, auxiliares técnicos, professores de *ballet*, coreógrafos e ainda uma coordenadora para a modalidade. É considerado componente da Seleção Brasileira, ginastas e técnicos convocados e/ou qualificados pela CBG que devem atender a programação estabelecida para cada ciclo olímpico. Porém não encontramos nos documentos da CBG as regras para indicar as ginastas de uma seleção nacional de conjuntos.

⁸ Ciclo olímpico é o período de quatro anos que se inicia após o encerramento de uma edição dos Jogos Olímpicos até a realização da próxima.

Foi somente a partir de 1995, por ocasião da participação nos Jogos Pan Americanos de Mar Del Plata, que as seleções de conjunto passaram a ser convocadas sistematicamente. Antes disso algumas experiências em organizar seleções ocorreram isoladamente, em 1983 e 1987. Porém, foi o título inédito obtido nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg, em 1999, considerado como um marco divisório na GR brasileira, que contribuiu muito para que as seleções fossem permanentes. Esta conquista também abriu caminho para a primeira participação olímpica do conjunto brasileiro nos Jogos Olímpicos de Sydney (LOURENÇO, 2003).

Ao ficar entre as oito melhores equipes em Sydney e participar da final olímpica, abriu-se um precedente importante para o Brasil que consolidou sua posição de melhor país do continente americano em competições de conjunto, fato este confirmado ao vencer seguidamente as edições dos Jogos Pan Americanos de Santo Domingo/2003, Rio de Janeiro/2007 e Guadalajara/2011.

Não há registros de como, exatamente, eram realizadas as seletivas nacionais para escolher as integrantes da Seleção Brasileira de Conjuntos (SBC), mas em sua maioria ocorreram nas cidades de treinamento da SBC com a participação de ginastas que atuavam em competições de individual e de conjunto. No período de 1995 a 2004 a equipe treinou em Londrina/PR, de 2005 a 2009 nas cidades de Vila Velha/ES e Vitória/ES e a partir de 2010 em Aracaju/SE onde também passou a funcionar a nova sede da CBG (após eleição da nova diretoria em 2009), que até então era em Curitiba/PR (LAFFRANCHI, 2001; SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

Na ausência de estudos que nos remetam ao entendimento de como a SBC foi convocada, em especial a partir do primeiro ciclo que o Brasil participou de uma edição dos Jogos Olímpicos na competição de conjunto, nos perguntamos: Qual o perfil das ginastas da SBC no período de 1997 a 2012? Como foram realizados os processos seletivos na seleção nesse período?

Com o intuito de responder estes questionamentos o objetivo da nossa pesquisa foi identificar, por meio de depoimentos de ginastas da SBC de GR, processos de seleção e o perfil de ginastas no período de 1997 a 2012, recorte de tempo que compreende os quatro últimos ciclos olímpicos completos da modalidade que culminam com a realização dos Jogos Olímpicos: de 1997 a 2000 (Sydney), 2001 a 2004

(Atenas), 2005 a 2008 (Pequim) e 2009 a 2012 (Londres), entre estes eventos, apenas na última edição o Brasil não esteve presente nas competições de conjunto.

O estudo traz um quadro completo contendo os nomes de todas as ginastas titulares das SBC nos quatro ciclos citados, bem como das treinadoras que comandaram as equipes neste período. Na sequência apresenta o perfil das participantes da pesquisa e discute, a partir das entrevistas com as mesmas, os processos de selecionamento das atletas. A expectativa é de contribuir para a elaboração de novas metodologias a serem utilizadas nas próximas seletivas para a SBC, a partir da identificação dos procedimentos ocorridos até então e, em especial, que possa promover uma reflexão coletiva no que concerne a processos futuros.

METODOLOGIA

A fim de identificar os procedimentos de seleção e o perfil das ginastas integrantes da SBC, optamos por um estudo de cunho descritivo, que segundo Thomas e Nelson (2002) é o mais apropriado para a obtenção de respostas de indivíduos em se tratando de uma região geográfica muito extensa, como o Brasil, o que aliado às características da pesquisa realizada, justifica o seu uso neste estudo.

Para a constituição da amostra, contamos com os seguintes critérios de inclusão das atletas: ginastas convocadas para a SBC participantes como titular de uma edição dos Jogos Pan Americanos e/ou dos Jogos Olímpicos contemplados no período da pesquisa, totalizando 12 atletas de um universo de 25 ginastas. Estas foram selecionadas por conveniência, ou seja, além de apresentarem os critérios de inclusão, demonstraram interesse e se colocaram a disposição em participar do estudo, com facilidade de acesso e tempo para realização da entrevista em virtude da dimensão do território nacional, sendo três de cada ciclo olímpico. Também tivemos a participação de todas as treinadoras contratadas pela CBG para dirigir a seleção nacional de conjuntos no período da pesquisa, totalizando quatro profissionais.

Utilizamos como instrumentos para a pesquisa questionário e entrevista semiestruturada. No questionário usado para traçar o perfil das ginastas (Apêndices E) buscamos extrair informações que nos possibilitaram conhecer o grupo em relação à faixa etária em que iniciou na GR, tempo de treinamento, idade da aposentadoria como

atleta, estado de origem, experiências nacionais e internacionais anteriores, o principal título conquistado em sua carreira, formação acadêmica e atuação profissional, além das influências que as levaram a praticar e continuar praticando a modalidade, até integrar a seleção brasileira.

Foi realizado um contato inicial via e-mail, telefone e pela rede social *Facebook* com coleta das assinaturas de todas as envolvidas no Termo de Autorização (Apêndices A) e no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndices B e C). Após aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá, sob o nº 739.303 (Anexo A), deu-se início aos agendamentos das entrevistas, todas realizadas pela própria pesquisadora nas residências dos sujeitos ou ainda em eventos específicos de GR realizados no decorrer do ano de 2014.

Nas entrevistas foram abordados pontos relacionados à convocação, documentação e testes seletivos para ginastas e treinadoras (Apêndices G e H). De acordo com Trivinos (1987), a entrevista semiestruturada permite intervenções quando necessário de acordo com as evidências encontradas durante o procedimento, valorizando a presença do investigador dando ao sujeito liberdade total para as respostas. Para tal, agendamos as mesmas com antecedência, predeterminando datas e horários.

A estatística descritiva foi a opção para analisar os dados que têm por objetivo coleta, redução, análise e modelagem dos dados; que possibilita realizar inferência para a população ou amostra da qual se obteve os dados de acordo com Bussab e Morettin (1987); e pela técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977), elaborando categorias que possibilitaram as discussões e respostas aos objetivos propostos, sistematizando os conteúdos das entrevistas e buscando os significados que estão implícitos nas mesmas.

Após a exploração do material encontramos nas respostas dos sujeitos os dados que nos permitiram definir as unidades de registro e de contexto, realizando a categorização a partir do todo visualizando a presença, ou frequência de aparição, dos núcleos de sentidos. Este procedimento nos permitiu tratar os resultados brutos tornando-os significativos e válidos (BARDIN, 1977). Organizamos os mesmos em

quadros com intuito de favorecimento da compreensão do contexto e acompanhamento das interpretações ao longo da discussão, baseados nos objetivos estabelecidos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de iniciar as discussões sobre os resultados dos dados encontrados nos questionários e entrevistas, apresentamos um quadro com o nome e estados de origem de todas as ginastas que fizeram parte da SBC no período de 1997 a 2012 e participaram como titulares de alguma edição dos Jogos Pan Americanos e/ou Jogos Olímpicos, com o intuito de conhecer o grupo. O quadro também traz os estados que foram sedes das equipes.

Quadro 1: Ginastas e treinadoras da seleção brasileira permanente de conjuntos de 1997 a 2012, presentes nos Jogos Pan Americanos e Jogos Olímpicos.

Ano	Evento	Local	Ginastas	UF	Sede
1999	XIII Jogos Pan Americanos	Winnipeg / Canadá	Alessandra Ferezin Guidugli Camila Ferezin do Amarante Dayane Camillo da Silva Flávia Cristina Faria Juliana Dias Coradine Michelle Bressanini Salzano	PR PR PR DF ES SP	PR
2000	XXXII Jogos Olímpicos	Sydney / Austrália	Alessandra Ferezin Guidugli Camila Ferezin do Amarante Dayane Camillo da Silva Flávia Cristina Faria Natalia Scherer Eidt Thalita Santos Nakadomari	PR PR PR DF RS PR	PR
2003	XIV Jogos Pan Americanos	Santo Domingo / República Dominicana	Ana Maria Teixeira Maciel Dayane Camillo da Silva Fernanda Trotta Cavaliere Gabriela Maria Andrioli Natalia Scherer Eidt Thalita Santos Nakadomari	PR PR SP PR RS PR	PR
2004	XXXIII Jogos Olímpicos	Atenas / Grécia	Ana Maria Teixeira Maciel Dayane Camillo da Silva Fernanda Trotta Cavaliere Jeniffer Quirino Oliveira Larissa Maia Barata Thayanne Mantovanelli	PR PR SP PR SE ES	PR
2007	XV Jogos Pan Americanos	Rio de Janeiro / Brasil	Daniele Aleixo Leite Luiza Harumi Matsuo Marcela Oliveira Menezes Nicole Romine Müller Natalia Peixinho Sanches Thayanne Coelho Mantovanelli	MG SC BA PR SP ES	ES

2008	XXXIV Jogos Olímpicos	Pequim / China	Daniele Aleixo Leite Luana Faro Luiza Harumi Matsuo Marcela Oliveira Menezes Nicole Romine Müller Thayanne Coelho Mantovanelli	MG PA SC BA PR ES	ES
2011	XVI Jogos Pan Americanos	Guadalajara / México	Eliane Rosa Sampaio Drielly Daltoé Dayane Amaral Debora Andreazi Falda Luiza Harumi Matsuo Bianca Maia Mendonça	RS ES PR PR SC AM	SE

Fonte: ODEPA (2014); CBG (2014)

Nos últimos quatro ciclos olímpicos, 25 ginastas oriundas de todas as regiões do Brasil foram titulares da SBC de GR durante Jogos Pan Americanos e Jogos Olímpicos, com representatividade de 11 estados brasileiros. O Estado do Paraná é o único que possui ginastas em todos os ciclos pesquisados tendo sido sede da SBC durante uma década. A Federação Paranaense de Ginástica, dentre as filiadas da CBG é atualmente a que mais tem instituições que trabalham a ginástica, são 25 clubes filiados e mais 29 entidades vinculadas (CBG, 2014).

Em seus estudos sobre centros de treinamento de GR, Antualpa (2011) relacionou ginastas da seleção permanente de conjunto e individual no ano de 2010 e constatou que a maioria é do sul do país, com ênfase no Paraná e Santa Catarina, destacou também o estado do Espírito Santo. A maioria das ginastas da seleção permanente de ginástica artística neste período também era proveniente das regiões sul e sudeste do país, de acordo com Schiavon (2009). Em dois dos quatro ciclos em que o Brasil esteve presente nos Jogos Pan Americanos e Jogos Olímpicos, como já mencionado, a sede da seleção foi no Paraná, especificamente em Londrina, em outro ciclo a sede esteve em Vitória no Espírito Santo e, por fim, transferiu-se para Aracaju em Sergipe onde ainda permanece.

Quadro 2: Treinadoras participantes do estudo.

	Treinadora	Período na seleção	Ciclo
T1	Bárbara Elisabeth Laffranchi	1995 a 2004	1 e 2
T2	Monika Mello Queiroz	2005 a 2009	3 e 4
T3	Giurga Takova Nedialkova	2010	4
T4	Camila Ferezin	2010 a 2012	4

Também são do Paraná duas das quatro treinadoras presentes no Quadro 2, no caso Bárbara Elisabeth Laffranchi que dirigiu a SBC nos ciclos 1 e 2 e Camila Ferezin, responsável pela equipe nos anos finais do ciclo 4. Já Monika Mello Queiroz que assumiu a equipe no ciclo 3 e início do ciclo 4 é do Espírito Santo e Giurga Takova Nedialkova, que esteve à frente da SBC no ano de 2010 (ciclo 4) é búlgara, tendo laços profissionais no Brasil há 30 anos. Em dois dos quatro ciclos em que o Brasil esteve presente nos Jogos Pan Americanos e Jogos Olímpicos, como já mencionado, a sede da seleção foi no Paraná, especificamente em Londrina, em outro ciclo a sede esteve em Vitória no Espírito Santo e, por fim, transferiu-se para Aracaju em Sergipe onde ainda permanece.

De acordo com Stadnik (2010), no Paraná encontra-se a UNOPAR⁹ que é um dos maiores centros formadores de ginastas de GR no Brasil, histórico que começou com a professora Elisabeth Laffranchi¹⁰, que formou a primeira equipe de competição da modalidade no Paraná, estado que serviu de palco de diversas seleções e se tornou sede permanente da SBC no período de 1995 a 2004.

Perfil das Ginastas da SBC

No quadro 3 são apresentados dados relacionado às ginastas participantes do estudo.

⁹ A Universidade Norte do Paraná-UNOPAR, localizada na cidade de Londrina/PR foi sede da SBC de 1995 a 2004.

¹⁰ Elisabeth Bueno Laffranchi levou a GR para a cidade de Londrina na década de 1970 e fundou um polo de treinamento na Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná-FEFI, que anos mais tarde se tornou UNOPAR. Atual Membro Honorário da FIG foi treinadora, árbitro internacional e eleita quatro vezes para o Comitê Técnico de GR da FIG, exercendo a função de representante do Continente Americano por 16 anos, tendo sido vice-presidente em dois mandatos.

Quadro 3: Ginastas participantes do estudo.

Ginasta	Ciclo	Período na seleção	Idade de Iniciação	Idade de Competição	Idade da Aposentadoria	Tempo de treinamento até 2012	Tempo na SBC até 2012
G1	1	1997 a 1999	9 anos	10 anos	19 anos	11 anos	4 anos
G2	1	1997 a 2000	9 anos	11 anos	24 anos	15 anos	7 anos
G3	1	1997 a 2004	6 anos	9 anos	27 anos	22 anos	11 anos
G4	2	2000 a 2003	7 anos	8 anos	18 anos	12 anos	4 anos
G5	2	2003 a 2004	5 anos	8 anos	17 anos	13 anos	3 anos
G6	2	2004	8 anos	8 anos	15 anos	8 anos	1 ano
G7	3	2005 a 2008	9 anos	10 anos	21 anos	13 anos	5 anos
G8	3	2007	8 anos	8 anos	20 anos	13 anos	4 anos
G9	3	2007 a 2012	8 anos	8 anos	25 anos	18 anos	6 anos
G10	4	2011 a 2012	10 anos	10 anos	-	10 anos	2 anos
G11	4	2011 a 2012	7 anos	9 anos	-	11 anos	2 anos
G12	4	2011 a 2012	8 anos	9 anos	-	13 anos	2 anos

São oriundas de clubes da região sul do país (PR, SC e RS) 83,3% das ginastas entrevistadas e as demais, 16,7%, são da região sudeste (ES e SP). Iniciaram suas atividades no esporte, em média, aos sete (7,8) anos de idade e praticaram GR por, aproximadamente, 13 (13,6) anos entre etapas de iniciação e treinamento, sendo que todas passaram pelas categorias de base em eventos regionais e nacionais. Porém há uma margem de alternância significativa entre as atletas, uma vez que, encontramos uma ginasta que treinou por 22 anos ininterruptos, e outra que se dedicou à GR por oito anos de sua vida.

Vieira, Botti e Vieira (2005) em pesquisa com uma das equipes qualificadas como Seleção Brasileira de Conjuntos Juvenil, encontraram uma média muito parecida com a nossa amostra, de 7,1 anos na iniciação na modalidade. Ainda sobre o assunto, Peres e Lovisolo (2006) informam que é na faixa etária de 7 a 12 anos que atletas de elite de diversas modalidades iniciam sua jornada no esporte que, possivelmente, o levará ao alto rendimento.

Entretanto, as atletas da SBC começaram as aulas de GR quase dois anos depois do que a literatura aponta como ideal, visto que geralmente uma ginasta inicia a prática da GR aproximadamente aos seis anos de idade (ROBEVA; RANKÉLOVA, 1991; LISITSKAYA, 1995; LLOBET, 1998; LAFFRANCHI, 2001). Não são muitos os espaços destinados para a prática de ginástica no Brasil, o que dificulta o acesso em idades menores, porém percebemos no decorrer de nossas avaliações junto à SBC,

que o fato de iniciar mais tarde não interferiu na formação das ginastas que chegaram à categoria adulta com bom nível técnico relacionado ao trabalho corporal e especialmente ao trabalho de manejo de aparelhos.

Para Laffranchi (2005), o tempo de formação de uma ginasta de GR é de, aproximadamente, oito anos vivenciando o meio esportivo, com isso espera-se que haja uma categoria adulta com um bom nível. Avilés, Díaz e Borrás (2014) corroboram com esta ideia quando afirmam que a ginasta chega à etapa de maestria esportiva entre oito e dez anos de treinamento sistematizado, assim ela é encaminhada ao aperfeiçoamento do exercício competitivo, pois já possui o domínio necessário da técnica exigida na GR para competições de categorias maiores.

A categoria adulta tanto para a FIG quanto para a CBG tem início a partir dos 16 anos, esta também é a idade mínima para uma ginasta participar de Jogos Pan Americanos e Jogos Olímpicos, apenas no evento Pré-Pan realizado um ano antes da edição dos Jogos Pan Americanos é permitido que ginastas participem com 15 anos de idade. Logo a idade em que as ginastas entrevistadas iniciaram suas atividades na SBC foi no mínimo a partir dos 15 anos.

Independente da iniciação tardia, em geral, a primeira competição de 58,3% das ginastas aconteceu a partir dos nove anos de idade, sendo que, apenas uma delas competiu pela primeira vez aos 11 anos. A diferença de tempo encontrada entre a iniciação e a competição é de apenas um ano (1,08) posto que 33,3% das ginastas competiram no mesmo ano que começaram a praticar GR. A participação em competições de categorias de base não foi descartada, o que consideramos importante no processo de formação das mesmas.

De acordo com o Regulamento Geral da CBG (2014, art. 21, p. 5), a primeira categoria de competição no Brasil é denominada de pré-infantil e compreende a faixa etária de nove a dez anos, seguida pela categoria infantil que vai dos 11 aos 12 anos. Desta forma, podemos perceber que todas as envolvidas na pesquisa passaram pelas categorias de base.

Embora uma das ginastas tenha encerrado sua carreira aos 27 anos de idade e outra, precocemente, aos 15 anos, a média de idade em que as mesmas estavam no momento da aposentadoria é de 20 (20,4) anos. O que demonstra que o

Brasil vem acompanhando a tendência mundial, pois as estatísticas da FIG (2014), realizadas a cada ciclo olímpico, têm mostrado que a faixa etária das ginastas nas competições oficiais vem aumentando. Em 1993 a média de idade das ginastas era de 16,68 no Campeonato do Mundo de Alicante e, 20 anos mais tarde, em Kiev/2013, essa média subiu para 18,15. Mas são nos Jogos Olímpicos que encontramos ginastas mais velhas, chegando a 19,95 em Pequim/2008 e praticamente se mantendo (19,58) em Londres/2012. Já o primeiro ano de cada ciclo é marcado por uma redução grande da média de idade, isso se dá pelo fato de que as ginastas mais experientes quase sempre encerram suas carreiras nos Jogos Olímpicos obrigando os países a iniciarem um novo ciclo com ginastas mais jovens.

Todas as ginastas entrevistadas estiveram no pódio de competições nacionais antes de integrar a SBC, porém 25% nunca venceram campeonatos de conjunto. Apenas uma das ginastas ainda não havia participado anteriormente de competições fora do país, as demais já possuíam experiência internacional nas categorias de base ou mesmo na categoria adulta, inclusive uma delas já havia participado de uma edição dos Jogos Pan Americanos na competição de conjunto antes do recorte de tempo desta pesquisa.

No grupo que participou das entrevistas, 25% das ginastas ainda permanecem em treinamentos na SBC, 58,3% encerraram suas carreiras esportivas ao sair da equipe nacional e 16,7% ainda permaneceram treinando em seus clubes por mais um tempo. Duas retornaram à seleção em novas seletivas, mas não assumiram posição de titular.

Em se tratando dos estudos e formação profissional, todas as entrevistadas frequentaram ou frequentam a universidade sendo que 83,3% optaram pela formação inicial em Educação Física. Destas, 33,3% ainda estão cursando, 41,7% colaram grau e uma ginasta (8,3%) trancou o curso. Inclusive, 25% possuem Especialização em Ginástica Rítmica e 16,7% são formadas em outros cursos (Ciências Contábeis e Farmácia uma delas com MBA em Gestão Industrial). Uma das acadêmicas de Educação Física também cursa Nutrição paralelamente.

Em seus estudos sobre ginastas de ginástica artística (GA) que representaram o Brasil em Jogos Olímpicos, Schiavon (2009, p. 326) entrevistou dez

ginastas e encontrou um universo bastante parecido quando afirma que na fase de encerramento de carreira, as ginastas partiram para atuar profissionalmente com a ginástica artística, com formação inicial em Educação Física, inclusive cursando mestrado na área. “Luisa Parente cursou também Direito, área que exerceu relacionando com a Educação Física no Conselho Regional de Educação Física”.

Quanto à atuação profissional, três ex-ginastas da SBC são treinadoras e atuam no circuito nacional da modalidade trabalhando com equipes para individual e conjunto. Deixar as quadras ocupadas diariamente pelo treinamento intenso e assumir novas funções na vida ao escolher a área profissional pode causar uma lacuna difícil de preencher para ex atletas, algumas vezes esta transição é suavizada ao direcionar esta escolha pela permanência no esporte. Novamente nos reportamos à Schiavon (2009, p. 323): “Com o término dos treinamentos, as ginastas sentiram mudanças significativas em suas vidas que, em alguns casos, foram amenizadas pelo contato com a GA por meio da vida como professoras da modalidade [...]”.

Continuar envolvida com o esporte é uma das possibilidades apontadas por Brandão et al. (2000) no momento de transição, quando o atleta, realmente, faz a opção por deixar de treinar e seguir um caminho profissional. De acordo com os autores, esta escolha pode auxiliar na adaptação do novo estilo de vida em que o esporte deixaria de ocupar o espaço central e se tornar memória, porém atuando como técnico, gestor ou dirigente isso pode ser amenizado.

Ao tratar das influências que estimularam as ginastas a iniciar ou mesmo se manter em treinamento na GR, a família representa papel importante. O papel dos pais no incentivo à participação e principalmente na motivação diária é essencial aos atletas, em especial na iniciação, pois esta cooperação acelera a prontidão esportiva, a maturidade e possibilita escolhas (SIMÕES; BÖHME; LUCATO, 1999; ALVES; ALVES, 2009).

Ao estudar a importância dos pais nas trajetórias esportivas de ginastas de GR, Nakashima, Nascimento Junior e Vieira (2012) encontraram evidências de influências positivas em relação à segurança, felicidade, tranquilidade, satisfação, proteção e motivação, aspectos relacionados às características dos pais (disciplina,

calma, otimismo e companheirismo) que acabam refletindo de forma favorável e saudável na vida esportiva das filhas.

A maioria das nossas entrevistadas afirma que a família sempre esteve presente em sua formação como atleta e teve papel fundamental nas escolhas para entrar e permanecer na SBC. Schiavon (2009) também chegou à conclusão de que a família foi determinante em relação à motivação e estímulos em muitas fases do processo de treinamento das ginastas que representaram o Brasil em Jogos Olímpicos na modalidade de GA. Peres e Lovisolo (2006, p. 206), ao analisar a formação e desenvolvimento de atletas de alto rendimento, confirma que “[...] a família, tanto no aspecto de orientação à prática esportiva quanto no suporte emocional e financeiro, independentemente do estilo de vida do grupo familiar, é o agente social que mais contracenava com o atleta”.

Interessante foi constatar que algumas ginastas afirmam que foram motivadas por gerações passadas da própria seleção ou ídolos e ainda outras que buscaram a GR por conta das amizades. Peres e Lovisolo (2006) afirmam que além do suporte familiar outro fator que solidifica a continuidade no esporte é o convívio com amigos e, em especial para a permanência na carreira esportiva, o que conta muito é a profissionalização, a convocação para seleções e também a identificação de uma personalidade de atleta. No caso desta pesquisa, a identificação com as ginastas que fizeram parte dos primeiros títulos internacionais conquistados pela SBC é bastante grande por parte das novas gerações.

Podemos perceber que o perfil das ginastas envolvidas na SBC, em 12 anos de organização, não é diferente do perfil de demais atletas de elite que encontramos na bibliografia em geral, ginastas de GR começam e terminam suas carreiras no esporte precocemente, porém o vivencia com muita intensidade desde a iniciação, com uma formação longa e um período pequeno de atuação na categoria adulta.

Processo de Selecionamento para a SBC

As primeiras organizações de seleções não tiveram testes como as demais. De acordo com T1, unir ginastas com o objetivo de representar o país morando em um único local por tempo indeterminado era uma prática ainda nova, portanto o processo

de escolha se dava nas competições a partir das observações durante a participação individual da ginasta, somente no ano de 1998 ocorreu uma seletiva organizada especificamente para escolher ginastas para compor a SBC independente se faziam individual ou somente conjunto em seus clubes.

O Quadro 3 traz as categorias com as respectivas frequências de aparição das respostas no discurso das 16 entrevistadas (ginastas e treinadoras) no que diz respeito ao processo de seleção e convocação das ginastas para integrar a SBC a partir da questão: Como se deu a convocação para a SBC? Abrangendo tópicos relacionados à documentação, testes seletivos e processo de convocação e dispensa.

Quadro 3: Aspectos avaliados, procedimentos de avaliação e critérios de participação e dispensa nas seletivas para compor a SBC.

Categorias	n	Sub-categorias	f
Aspectos avaliados	1	Componentes físicos	16
	2	Componentes técnicos	16
Procedimentos de avaliação	3	Avaliadores	12
	4	Formato da avaliação	10
	5	Duração da seletiva	10
	6	Documentação	7
Critérios de participação	7	Seletivas abertas e fechadas	6
	8	Ginastas da seleção de individual para o conjunto	5
	9	Testes médicos	2
Critérios de Dispensa	10	Desligamento	16

Basicamente, de acordo com as respostas, dentro dos aspectos avaliados, as seletivas exigiam das ginastas conhecimentos específicos sobre a realização dos elementos corporais, dos manejos dos aparelhos e execução de exercícios característicos das composições de conjunto.

As categorias 1 e 2 nos remetem aspectos avaliados nas seletivas e em especial a categoria 1 aos **componentes físicos** exigidos. Detectamos na fala de todas as entrevistadas que no tempo destinado à avaliação dos testes físicos, ou seja, das possibilidades físicas de cada ginasta, ocorriam durante a realização da preparação física específica e das aulas de *ballet*, dando a impressão para as ginastas de que era um dia de treino normal.

A preparação física é um dos componentes do treinamento que visa o desenvolvimento das qualidades físicas básicas e específicas do desporto. Lisitskaya

(1995) afirma que a afinidade entre arte e dança na GR determina uma estrutura diferenciada para a preparação física nesta modalidade. Para a preparação física específica, Laffranchi (2001) criou um sistema de trabalho chamado PFG (preparação física para a ginasta), que consiste em desenvolver capacidades físicas da ginasta por meio de movimentos específicos da GR possibilitando correções cabíveis da técnica correta do trabalho corporal. São dois tipos de exercícios distintos: os exercícios na barra (já inclusos nas aulas de *ballet*) e os exercícios no centro (que utilizam elementos corporais do código de pontuação da modalidade).

Ainda para Laffranchi (2001), as constantes mudanças no código de pontuação que regulamentam a modalidade dão ênfase à necessidade de um excelente trabalho corporal que, invariavelmente, depende da qualidade de execução dos elementos e que necessita de desenvolvimento de capacidades motoras específicas. Nesse contexto, capacidades motoras como flexibilidade, coordenação e potência, obrigatoriamente são avaliadas em um processo seletivo para ginastas que buscam integrar uma equipe de elite, neste caso, a SBC.

Nos processos de seleção aqui apontados e discutidos, esta avaliação se deu por meio de observação da execução dos elementos específicos durante a preparação física, uma vez que as ginastas executavam o trabalho de flexibilidade neste momento da avaliação. Embora algumas falas das ginastas contemplem a denominação testes físicos, estes testes não foram apontados.

Para Llobet (1998) é na preparação física específica que devemos focar nosso interesse na melhora da forma e estrutura técnica dos elementos que estarão presentes na competição, ou seja, não perder de vista os elementos que efetivamente farão parte da coreografia.

Percebe-se então, que é natural inserir na preparação física da GR os próprios elementos corporais do grupo fundamental que são os saltos, os equilíbrios e as rotações, presentes no código de pontuação. Portanto, ao acompanhar as aulas de *ballet*, os exercícios de chão e em especial as diagonais¹¹, as avaliadoras já poderiam

¹¹ Realização de elementos corporais do grupo fundamental (saltos, equilíbrios e rotações) e outros movimentos presentes no código de pontuação e escolhidos para as composições coreográficas do ano, utilizando a trajetória reta em diagonal (linha imaginária que une os cantos opostos do tapete). Esta disposição no espaço permite a correção individual das execuções de cada elemento.

perceber quais ginastas executariam com propriedade os elementos de maior ou menor valor que provavelmente seriam incluídos nas composições coreográficas do ano.

Alguém dava preparação física, a seletiva era um treino normal, então começava com a preparação física, fazia o *ballet* e elas ficavam analisando. (G2).

Eu lembro que tinha um monte de diagonal, depois, pegamos os aparelhos. Acho que primeiro eles avaliaram toda a parte física, e depois o aparelho (G4).

Na categoria 2, também houve unanimidade em relação à presença dos **componentes técnicos** na seletiva, considerados aqui como os exercícios dos grupos corporais e dos aparelhos e a execução dos elementos específicos da coreografia ainda que isoladamente. Técnica é a maneira em que uma habilidade é desempenhada, é o componente que claramente diferencia uma equipe ou uma ginasta de outra, a preparação técnica de um atleta é o conjunto de ensinamentos acerca das ações que ele executará na competição e nos treinos (BOMPA, 2005; LAFFRANCHI, 2005). Para Llobet (1998) quando há o aperfeiçoamento de um elemento a mãos livres ou com aparelhos, percebe-se a qualidade técnica presente na execução da ginasta, os manejos dos aparelhos escolhidos de acordo com a coreografia do ano¹², devem ser realizados com a melhor fluência técnica possível e de forma muito variada.

As trocas entre aparelhos (lançamentos de uma parceira para a outra) são sem dúvida um dos componentes técnicos mais importantes no conjunto. Em uma coreografia, das 10 dificuldades exigidas, 50% deverão ser de troca, as demais são de dificuldades corporais (saltos, equilíbrios e rotação) que, obrigatoriamente, devem ter o manejo dos aparelhos, assim como as, culminando na execução de partes da coreografia aprendidas no período destinado à avaliação (LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014).

Nos exercício de conjunto o caráter típico é a participação de cada uma das ginastas no trabalho homogêneo do grupo nas relações e colaborações. Conforme o Código de Pontuação da FIG (2013/2016) são as colaborações que dão a ideia exata do espírito de equipe que encontramos nas coreografias de conjunto. De acordo com

¹² Nas competições de conjunto na categoria adulta, cada equipe apresenta duas coreografias distintas, uma com um aparelho único e outra com dois tipos de aparelhos. Para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, por exemplo, será um conjunto de 5 fitas e outro de 6 maçãs e 2 arcos (LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014).

Lebre e Araujo (2006), colaborações são os elementos em que uma ginasta passa por cima, por baixo ou ainda por dentro do aparelho que é segurado por uma das companheiras de maneira organizada, de forma que a cada uma ao fazer um determinado elemento contribua para o resultado final na dinâmica e beleza do movimento.

Ginastas que não treinam conjunto têm dificuldade de executar estes elementos específicos, pois não conseguem, por exemplo, ter a dimensão exata da necessidade da companheira na execução de uma colaboração. Na GR um dos principais fatores da preparação tática é a montagem de coreografias, já que são por meio das composições que se organizam as ações individuais e coletivas de forma racional e nos limites do regulamento do esporte.

É no momento de composição coreográfica, de acordo com Santos, Lourenço e Gaio (2010) que a treinadora ou coreógrafa vai aproveitar as potencialidades de suas atletas escolhendo quem irá executar os elementos mais difíceis ou ainda esconder estrategicamente uma ginasta que tenha dificuldade em executar determinado elemento. Para isso ao avaliar a execução de partes coreográficas que envolvam elementos de trocas e colaborações ou ainda passos de dança, os avaliadores podem analisar quais ginastas se destacam tecnicamente e ainda quais ginastas juntas formam a melhor composição de atletas para o grupo a ser escolhido.

Na coreografia não era fazer o que as outras ainda não sabiam, mas eram os movimentos e os lançamentos e as colaborações mais difíceis, a gente ensinava as meninas pra treinar e fazer ali como se fosse um treino (G2).

Eu me recordo das dificuldades que tinha na série, colaborações, dificuldades corporais, e manejo de aparelhos, lançamentos (G3).

Em mais ou menos uma semana de avaliação, realizamos exercícios específicos na preparação física de dificuldade corporal, depois de manejo e no final, elementos da composição coreográfica (T1).

Dentre os procedimentos de avaliação estão organizadas as categorias de 3 a 6. A categoria 3 trata dos **avaliadores** da seletiva, assunto abordado por 100% das entrevistadas. As avaliações no processo de escolha das ginastas para a SBC foram realizadas por profissionais envolvidos com a modalidade e com a CBG “Sempre tinha a Bárbara Lafranchi e mais alguém para avaliar.” (G3). Membros do Comitê Técnico de

GR da entidade, coordenadores de seleção e professoras convidadas, além da treinadora, foram funções citadas nas entrevistas. “A Giurga Nedialkova era, no caso, a professora convidada; a professora Marta Schonhorst era a coordenadora das seleções e a professora Vera Miranda era a presidente do comitê de GR da Confederação” (T2).

A CBG organiza internamente seus comitês técnicos para todas as modalidades, são chamados órgãos de cooperação, assim como as demais comissões existentes ou que possam vir a existir. Cada comitê é composto por um coordenador técnico e um adjunto indicado pela presidência e até seis membros indicados pelas federações que devem ter experiência como treinador em eventos nacionais e ser, no mínimo, árbitro nacional (exceto a modalidade de ginástica para todos). Dentre as funções previstas para os comitês está a de “[...] instituir os critérios de classificação e composição das delegações de representação da confederação brasileira de ginástica, dentro e fora do país” (ESTATUTO CBG, 2014, Art. 43, p. 14).

Tinha normalmente a técnica, a futura auxiliar técnica, eu lembro que a coordenadora da seleção também sempre participava. No mínimo sempre três pessoas (G9).

A figura do/a coordenador/a de seleção não aparece nos documentos oficiais da CBG, embora saibamos ser esta uma função de planejamento e organização para o bom andamento das equipes. Em relação às professoras convidadas, as ginastas referem-se às treinadoras que mesmo não fazendo parte do comitê técnico participaram ativamente de alguns processos, como por exemplo, a técnica búlgara Giurga Nedialkova (viria assumir a SBC em 2010) que aplicou uma metodologia de avaliação em duas das seletivas no período pesquisado (o modelo metodológico não foi apresentado por nenhuma das entrevistadas). No caso da participação das treinadoras responsáveis pelas equipes, apenas uma das treinadoras afirmou que em uma das seletivas não participou do processo de escolha:

Esse momento me marcou muito porque nós, as três professoras envolvidas não pudemos participar do processo seletivo. Então já foi um começo bem assim, digamos que, diferente para as três. Nós ficamos só assistindo porque tínhamos ginastas também envolvidas. Então o início de tudo eu achei complicado porque não fazer parte da escolha da equipe que você vai dirigir [...] (T2).

Por fim, a mesma treinadora admite que a não participação na escolha foi interessante quando do processo de desligamento. “[...] e no final foi muito importante

não ter participado desse processo, pois fiquei muito a vontade depois para cortar essas meninas, como não fui eu que escolhi [...]” (T2).

A categoria 4 discute o **formato das avaliações**. Embora a seletiva fosse para a composição de equipe de conjunto, as avaliações aconteceram de forma individual, mesmo não sendo possível identificar como exatamente era realizada a avaliação, acreditamos que mesmo avaliando individualmente, os exercícios eram executados em grupo, principalmente no caso das trocas e colaborações.

No sábado foi o teste, onde a gente realizou as dificuldades, as trocas e as colaborações uma de cada vez para, assim, elas puderam avaliar cada uma (G11).

Nós vamos ensinar algumas trocas, alguns movimentos e depois elas vão executar duas a duas ou sozinhas a dificuldade. Significa que nós queremos ver como cada ginasta aprende fazer o que se ensina pra ela, não o que ela sabe fazer (T3).

No final foi avaliada uma por uma tudo aquilo que foi treinado durante a semana. Aí, com o resultado dessa avaliação a gente convocou as ginastas que iam integrar a seleção (T4).

Algumas vezes fica claro que havia pontuações específicas por parte dos avaliadores, de acordo com o relato das entrevistadas. Embora aparentemente toda a avaliação fosse pontuada, não foi possível saber se ginasta recebia uma nota final ou então um relatório que pudesse entender seu resultado ou mesmo saber de suas dificuldades para dar continuidade aos treinamentos e sanar as deficiências.

Eu não sei como elas faziam se era por pontuação, não sei. Mas dali elas escolhiam as meninas, dependendo das vagas (G3).

Todo mundo recebeu um ranqueamento de exercícios que valiam “X” pontos, e quais eram os mais importantes e quais não eram (T2).

Avaliar somente a atleta individualmente pode dificultar a escolha da melhor composição de ginastas em um grupo, pois como afirma Bueno (2010) há ginastas com ótimo desempenho técnico, mas sem nenhuma habilidade interpessoal. Ao promover a atividade em conjunto, os avaliadores podem ter a noção exata de como uma se relaciona com a outra no momento da execução, por exemplo, de uma colaboração, quando o sucesso da finalização do exercício depende da boa atuação da companheira, portanto ambas deverão interagir a favor de um resultado comum positivo.

A categoria 5 trata da **duração das seletivas** que tinham em média duração de uma semana, há apenas um registro de 15 dias e outro de um mês. “As seletivas eram sempre assim: vinham, eram convocadas atletas de todo o Brasil, elas vinham pra cá, para Londrina, e aí a gente passava uns 15 dias treinando juntas [...]” (G5). Durante os primeiros dias, o tempo era disponibilizado para os testes físicos (exercícios realizados na preparação física) e aprendizado das dificuldades e dos elementos de trocas e colaborações e, ao final da semana, uma última avaliação da execução coreográfica com divulgação do resultado. “É uma semana de teste, treinava cinco dias e no sábado, sempre no sábado, era a decisão. Ficava a semana toda para aprender a coreografia ou algumas partes da mesma [...]” (G2).

Os dias destinados às seletivas para 50% das ginastas corriam como um treino normal, aparentemente o formato de realização com a sequência de aquecimento, preparação física e técnica de manejo de aparelhos seguido de repetições de elementos coreográficos deixavam as atletas à vontade. “A seletiva era um treino normal, então começava com a preparação física fazia o ballet e elas ficavam analisando [...]” (G2).

A categoria 6 aborda questões relacionadas à **documentação**. Poucas ginastas receberam documentação de convite ou informações para participar das seletivas, elas acreditam que talvez os clubes tenham recebido e apenas informado às mesmas, o que aparentemente parece ser o que ocorreu, pois somente assim ginastas poderiam ter acesso aos detalhes das seletivas. Porém, de forma geral, elas alegam que as convocações pós-seletivas foram recebidas.

Na época era tudo direto com os técnicos, chegou no nosso clube uma convocação, na verdade não uma convocação, era mais um aviso que teria, acho que um convite [...] (G8).

Eu recebi um e-mail. Primeiro recebeu o meu clube, que tinha uma convocação pra uma seletiva, e que tinha lá o meu nome, dizendo que eu fui convidada para participar da seletiva (G10).

Já as treinadoras colaboravam com a organização da seletiva, mas não eram as responsáveis diretas pela documentação enviadas para as ginastas ou clubes, a fala de T4 traduz esta prática: “Sempre a gente procurou colaborar nas informações para fazer toda a documentação, a Confederação que ficava responsável de comunicar, conversar com a técnica, comunicar o clube”.

As categorias 7, 8 e 9 encontram-se nos critérios de participação na seletiva. A categoria 7 versa sobre as **seletivas abertas e fechadas**, na qual algumas avaliações eram abertas para ginastas de todo o país, contemplando todos os clubes filiados às suas federações e conseqüentemente à CBG, desde que a ginasta estivesse na faixa etária da categoria adulta. “[...] não foi exclusivo para ninguém, foi aberto pro Brasil inteiro, tinha muitas meninas, eu lembro que foi uma seletiva extremamente demorada [...]” G9. Fatalmente, avaliar tantas atletas demanda um tempo grande, gerando ansiedade por parte das avaliadas. Porém, é importante para um país em que muito se pratica esta modalidade oportunizar a chance de entrar na SBC e ter a possibilidade de escolher realmente as melhores e assim compor um grupo de bom nível.

Um ponto positivo é que as ginastas que não passaram nos testes voltaram para seus clubes e continuaram em treinamento no aguardo de uma nova seletiva, com isso as competições nacionais da categoria adulta passaram a ter um número maior de participantes tanto no individual quanto no conjunto. Novos eventos foram criados exclusivamente para esta categoria como o Troféu Brasil e o Circuito Caixa. Em especial, o Campeonato Brasileiro de Conjuntos “Ilona Peuker”, realizado ao final do ano, vem recebendo mais equipes adultas nos últimos anos, com uma média de sete equipes de conjuntos participantes deste evento nos anos de 2011 a 2014. No início dos anos 2000 algumas edições do Campeonato Ilona Peuker não contaram com competições da categoria adulta por falta de inscritos.

Já as seletivas fechadas contavam com ginastas convidadas ou convocadas para a avaliação. “Na verdade foi um convite né, pra participar da seletiva, se não me engano eram dez ginastas convidadas mais as convocadas [...]”. A fala da ginasta 11 se refere ao convite para participar das seletivas fechadas, pois recebiam convocação as ginastas que já integravam a SBC, nestes casos todas as despesas eram pagas pela CBG, e os convites eram encaminhados para os clubes de ginastas com idade e potencial para integrar a equipe no ano. As despesas com deslocamento até a cidade da seletiva, bem como alimentação e estadia corriam por conta das convidadas ou de seus clubes.

Ginastas convidadas são a princípio atletas com potencias para integrar a SBC, o fato de terem que arcar com todos os custos da viagem não condiz com a necessidade de encontrar novas integrantes para a SBC, a CBG deveria custear as despesas de todas as ginastas que possivelmente assumirão lugares no grupo, uma vez que estas ginastas foram incluídas na lista pela treinadora responsável exatamente por terem características que as colocam próximas da equipe já em treinamento. Em seletivas abertas na qual a ginasta se inscreve com a expectativa de que tem qualidades técnicas para assumir um lugar na SBC até é admissível que a mesma pague suas despesas, mas em seletivas fechadas é um absurdo.

A categoria 8 trata das atletas que foram convocadas diretamente da **seleção brasileira individual para a SBC**, de acordo com as entrevistas, ginastas de individual indo para o conjunto foi um processo bastante comum nos ciclos pesquisados. No início, quando a seleção começou a se organizar de forma permanente, a opção por ginastas de individual já foi uma estratégia, como podemos perceber:

Porque a gente conseguiu literalmente as melhores ginastas do país. As melhores do individual e do conjunto e colocamos morando e treinando junto. Isso fez a medalha inédita no Pan-Americano de 1999, que foi a primeira medalha de ouro que do Brasil (T1).

Alguns anos depois a mesma estratégia foi utilizada, mesmo já possuindo no Brasil ginastas com experiência em conjunto, inclusive com participações olímpicas em seus currículos. “As meninas escolhidas em 2010 foram as ginastas que naquele momento tiveram mais sucesso no individual. Apenas uma foi um ano em conjuntos” (T3). Com o Brasil já experiente em conjuntos e com bons resultados internacionais anteriores, a tática não colaborou para a manutenção de resultados no ano em questão, pelo contrário.

Dentre as ginastas participantes do estudo, 25% fizeram testes seletivos para seleções individuais, mas foi na SBC que conseguiram resultados expressivos.

A primeira vez que eu entrei na seleção foi pra individual. Eu participei da seletiva em 2005, e nessa ocasião foi feita a seletiva do individual primeiro e depois a de conjunto. Então depois que eu entrei na seleção de individual, a minha convocação para o conjunto foi direta porque eu já tinha mostrado o meu potencial (G9).

Eu estava na seleção individual, e daí depois do Meeting¹³ que teve em Vitória me convidaram para fazer parte do conjunto e participar das competições de 2011, que eram muito importantes (G12).

Encontramos casos de ginastas de renome no individual que iniciaram sua participação internacional em conjuntos ou então passaram a integrar o conjunto mesmo depois de boas participações individuais. Nas equipes da Ucrânia isto é comum, estrelas do individual como Tamara Yerofeeva campeã mundial individual em 2001, Anna Bessonova campeã mundial em 2007 e ainda Nataliya Godunko completaram a equipe de conjunto de seu país no ano de 2002 no Campeonato do Mundo de Conjuntos realizado em Nova Orleans. Neste mesmo evento Kirenia Ruiz de Cuba conhecida pelas participações individuais no Continente Americano competiu como titular do conjunto de seu país.

Mesmo entendendo que o trabalho corporal de uma ginasta de individual pode ser melhor do que uma ginasta que treina conjunto, porque a quantidade e o nível de dificuldades corporais exigidas nas competições são maiores no individual, reforçamos que as características para compor uma equipe de conjunto vão além da execução de bons elementos corporais. Concordamos com Bueno (2010) quando afirma que, por mais que sejam ou pensem diferentes, as cinco ginastas que entram na quadra para competir juntas devem transformar-se em uma só, interagindo de forma assertiva. Nem sempre a melhor ginasta individual será a melhor ginasta do conjunto.

Um país com os resultados internacionais tão expressivos nas competições de conjunto deveria valorizar mais o trabalho das ginastas que se dedicam a esta modalidade desde as categorias iniciais. O que falta é uma organização sistematizada das exigências para cada etapa de treinamento desde a iniciação, o que obrigaria as treinadoras de todo o país a ensinar exercícios que serão importantes na categoria adulta, independente se a ginasta irá competir conjunto ou individual. A qualidade dos movimentos deve ser preservada e padronizada a fim de evitar que uma ginasta, mesmo que talentosa, não seja selecionada para a SBC porque não aprendeu os movimentos básicos com a técnica de execução correta. Este discurso é endossado pelas treinadoras participantes do estudo, como podemos perceber nas falas a seguir:

¹³ Refere-se ao Meeting Internacional de Ginástica Rítmica realizado anualmente no Brasil pela CBG com a presença de equipes convidadas de outros países.

Então eu procurei trazer meninas que tinham um manejo de aparelho maduro e que fossem fisicamente parecidas com a base da minha equipe. E aí eu matava o treinamento corporal aqui, porque no Brasil não existe um trabalho de base único. Vem uma menina prepara *pivot* de quarta posição, outra prepara *pivot* dando passo, uma fecha a quinta, a outra fecha a sexta posição, uma não faz *releve* [...] Então tem que padronizar isso, e em um ano é muito difícil (T1).

No processo de seleção do Brasil, escolher as meninas é uma coisa, descobrir como são essas meninas é outra, porque nós não temos um plano nacional de GR então na verdade o professor que assume a função de treinador do conjunto vai começar da base porque elas não têm uma escola, o *passê* vem diferente, o salto *jetê* vem de outro. O giro *attitude*? Nem conhece [...] eu posso dizer que foi um ano e meio pra fazer um trabalho de nivelamento. Não é que vamos igualar tudo no Brasil, porque nosso país tem grandes diferenças, mas pelo menos que se tenha algo. Então eu tinha raiva e pensava porque nosso país chegou a esse ponto de não ter esse plano e não tem até hoje (T2).

Países com tradição na GR, como Rússia, Bulgária e Bielorrússia têm um trabalho de base único direcionados por suas respectivas federações. Acreditamos que mesmo sendo o Brasil um país de proporções continentais, a CBG poderia se responsabilizar em capacitar seus treinadores ou elaborar ao menos recomendações aos treinadores de iniciação na tentativa de minimizar este problema de décadas. Para Schiavon et al. (2013, p. 9) “este parece ser um problema oriundo da própria construção histórica da modalidade no país, e que precisa urgentemente ser revisitada e aprimorada.” É urgente a necessidade da criação de um programa nacional para capacitação de profissionais¹⁴, uma vez que o Brasil possui treinadoras que passaram pela sistematização do FIG *Academy* que tem como objetivo o desenvolvimento do alto rendimento em três diferentes níveis.

O tema da categoria 9, embora comentado apenas por duas das entrevistadas, é um assunto muito importante, pois discute o fato de que, em alguns momentos, exigiram das ginastas **testes médicos**, embora em uma das seletivas estes exames tenham sido realizados na própria sede da CBG, nos demais casos cada ginasta já deveria levar seus exames de casa para uma avaliação da equipe médica.

¹⁴ Atualmente este tipo de capacitação vem sendo realizada por iniciativas particulares de clubes e associações que praticam GR, que organizam clínicas de treinamento ou cursos rápidos, alguns com a presença de treinadoras internacionais.

Nós tínhamos protocolo a ser seguindo de testes físicos e técnicos, e também médicos, e a gente já teve que ir pra Curitiba¹⁵ com alguns exames médicos prontos, outros nós fizemos lá e a parte médica eram os próprios médicos da Confederação que estavam ali avaliando (G8).

O assunto da categoria 10, sobre **desligamento** de ginastas foi abordado mais detalhadamente pelas treinadoras. As dispensas ocorreram, em sua maioria, ao final dos ciclos em que as mesmas estavam envolvidas, cada treinadora tinha seu jeito próprio de fazer o comunicado à ginasta, sempre buscando tratar do assunto com naturalidade, embora fosse um momento delicado.

Ao participar de uma seletiva, mesmo já tendo sido titular no ano anterior, a ginasta era reavaliada, permitindo assim à comissão de avaliadores decidir se a mesma permaneceria na equipe ou não. Outro fator levado em consideração em algumas seletivas, de acordo com as treinadoras, era o de conquistas anteriores, fato que valorizava a qualidade técnica da ginasta que mesmo não estando tão bem no momento da avaliação já havia provado seu potencial durante as competições. O período do ano para as dispensas sempre levava em consideração a escola, com o intuito de não prejudicar a continuidade dos mesmos em suas cidades de origem.

Encontramos também no relato das treinadoras não só casos de dispensas, mas também casos de desistências, a maioria por conta da não adaptação da ginasta em morar longe da família ou ainda pelo ritmo e intensidade dos treinamentos.

A dispensa ocorria naturalmente no segundo processo de seleção, então a gente nunca dispensou atleta no meio do caminho. No caso de algum problema, se não tinha mais condição de permanecer na equipe aí ela já não era reconvocada (T1).

Houve cortes que eram semestrais e a gente teve muito cuidado, com os títulos adquiridos, porque hoje eu posso não estar bem, mas eu fui tão bem há três meses, há seis meses, porque eu não posso recuperar isso? Então isso a gente também tomava um cuidado muito grande (T2).

Tive poucos casos de desligamento ou indisciplina, quase sempre as ginastas que decidiam continuar ou não ao final do ano. Algumas desistiram no meio do caminho, a maioria que desistiu foi por conta própria mesmo, por não aguentar ficar longe de casa, ou treinamento muito pesado, ou viu que não era aquilo que queria. Quando a ginasta decidia que não queria mais e estava decidida a gente desligava da seleção e elas encerravam as carreiras em seus respectivos clubes (T4).

¹⁵ Como não havia local definido para o treinamento da SBC em 2005, a seletiva ocorreu em Curitiba, cidade sede da CBG na época.

Entre as ginastas participantes do estudo, cinco chegaram à conclusão de que estava na hora de parar e ao finalizar o ano não retornaram para novos processos seletivos. Brandão et al. (2000) alega que atletas costumam optar voluntariamente pelo momento de encerrar suas carreiras e que estas razões ocorrem por motivos variados, podendo ser pessoais, sociais ou ainda esportivos. Na maioria das vezes eles procuram por novas experiências de vida, traçam novos objetivos e se motivam para as mudanças.

Eu não ia conseguir chegar onde eu queria, então foi quando eu decidi parar, eu voltei para casa para pensar muito bem o que eu ia fazer da minha vida, demorei uma semana pra ter coragem de assumir que eu ia parar. Por isso tudo, e por mim mesma, já não tinha a mesma paciência para treinar, estar numa equipe com muitas meninas novas, eu já estava num ritmo completamente diferente (G8).

Duas ginastas não foram aprovadas ao retornarem para uma nova seletiva, mesmo com resultados expressivos em competições anteriores não tiveram chance de continuidade na equipe. Novamente recorremos a Brandão et al. (2000, p. 53): “Uma das mais significantes contribuições para ocorrer o término da carreira de esportes é a natureza do processo de seleção [...] O processo seletivo, escolhe somente os atletas que têm potencial para progredir para o próximo nível de competição”. Por mais que as atletas conhecessem suas deficiências tanto quanto suas qualidades, participar da seletiva confirma o fato de que as mesmas acreditavam em seu potencial, a reprovação além de causar angústia, sentenciou a não realização de sonhos e planos de vida, como ir aos Jogos Olímpicos.

A gente não foi bem nesse campeonato, o que gerou um pouco de conflito na equipe, mas, eu não acho que influenciou, diretamente, para o meu corte para a Olimpíada, na seletiva de 1999, eu fui cortada e voltei para casa (G1).

Então, como ginasta, até esse ano que teve mais uma seletiva e eu fui cortada, Fiz tudo que eu pude enquanto eu estava lá, ajudei, acho que saí não foi por incompetência minha, porque tem meninas melhores que podem estar representando melhor o Brasil¹⁶ (G10).

Excluindo duas ginastas que continuaram treinando, três entrevistadas praticamente se sentiram obrigadas a parar após a finalização precoce dos trabalhos da

¹⁶ Esta ginasta foi reconvocada para a SBC em 2014.

equipe em 2004, pois não havia muita escolha. Embora tenha sido dada a possibilidade de participarem da seletiva em 2005, nenhuma delas se inscreveu.

Não queria ter encerrado minha carreira assim, queria continuar treinando, mas eu não tinha mais esse tempo, já estava com 26 anos, acho que se a Bárbara tivesse continuado com a seleção aqui em Londrina, eu teria continuado sim, mas sem ela eu jamais pensei. (G3).

Foi difícil, quando teve que acabar, porque a gente está acostumada a treinar todo dia, então foi mais difícil porque foi de repente (G6).

O atleta que define sua atuação única e exclusivamente dentro do contexto esportivo poderá ter mais dificuldade no processo de desligamento, pois estes têm a tendência a não possuir outros componentes ocupacionais, o que pode causar um prejuízo da identidade social do mesmo (BRANDÃO et al., 2000). As ginastas que estavam na SBC no final do ciclo 4 não tiveram oportunidade de se preparar para o desligamento, não possuíam outras atividades, sequer pensavam nesta possibilidade até receberem a informação sobre o encerramento da seleção. Preencher todo o tempo ocupado antes pelos treinamentos diários, e traçar novos objetivos para vida é difícil quando não se está preparada para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo foi abordado aspectos relacionados ao perfil das ginastas integrantes da SBC durante os últimos quatro ciclos olímpicos e como foram realizados os processos de selecionamento das mesmas, inclusive com o posicionamento das treinadoras que dirigiram as equipes durante estes 16 anos.

Ginastas selecionadas para a SBC vêm de todo o Brasil, sendo a maioria da região sul do país. Permanecem representando o país em média por cinco anos dos 13 dedicados ao treinamento, chegando ao grupo no primeiro ano da categoria adulta e após um ciclo de competições internacionais retornam aos seus clubes ou encerram sua carreira esportiva iniciada, aproximadamente, aos sete anos de idade. Conquistaram seus resultados mais expressivos na SBC e foram motivadas e estimuladas pela família ou ainda por ginastas de gerações passadas. A preocupação com a formação profissional sem se desligar do meio esportivo é uma constante, 80% estudam ou estudaram Educação Física e 25% se tornaram treinadoras em nível nacional.

Este perfil nos remete a uma constante internacional, em que raramente presenciamos ginastas defendendo seus países por mais de um ciclo olímpico. Os conjuntos da Rússia, campeã das últimas cinco edições dos Jogos Olímpicos, são renovados constantemente, já presenciamos alterações completas das titulares dentro do mesmo ciclo. Por outro lado, a seleção italiana de conjunto manteve duas ginastas por três ciclos olímpicos inteiros do qual esteve no pódio em dois deles. A equipe da Bulgária, depois de alteradas todas suas integrantes durante um ciclo, optou por reconvocar as titulares antigas um ano antes dos Jogos Olímpicos. Na SBC, Dayane Camillo foi a ginasta que mais tempo permaneceu na equipe, durante 22 anos, ou seja, por dois ciclos completos e assim como Luisa Matsuo participou de duas edições dos Jogos Pan Americanos e como Thayanne Mantovanelli de dois Jogos Olímpicos.

No processo de selecionamento de ginastas para a SBC, nossas treinadoras esbarram em um grande problema que é a ausência de um trabalho de base uniforme nas regiões do Brasil, este fato diminui as possibilidades de ginastas talentosas chegarem à SBC ou ainda seguirem carreiras de sucesso. Para alterar este quadro se faz necessário repensar as políticas de desenvolvimento da GR dentro da CBG e requer investimento em capacitação profissional. De qualquer forma, independente da realização de seletiva aberta a todo o país ou fechada em nomes pré-estabelecidos, ou ainda do convite de ginastas do individual para o conjunto, as seletivas para compor as equipes nacionais de conjunto aconteceram sistematicamente em todos os ciclos deste estudo, embora não haja registros do número de ginastas que participaram. É necessário resgatar a documentação oficial sobre o assunto, nas diferentes gestões, e possibilitar a organização da sequência histórica de ginastas que participaram destas seletivas, quantas foram aprovadas, reprovadas e por fim, dispensadas.

Um aspecto que surgiu apenas nos dois últimos ciclos do estudo é a exigência de exames e laudos médicos, principalmente no que diz respeito ao histórico de lesões. Esperamos que esta exigência se mantenha e que os assuntos relacionados à documentação sejam mais organizados no que diz respeito aos processos de convites, seleção e convocação das ginastas brasileiras para a SBC.

Mesmo não contando com entrevistas de todas de ginastas da SBC, este estudo aponta dados que auxiliarão na reflexão dos sistemas de seletiva para equipes

futuras, podendo oportunizar novas estratégias no processo de selecionamento, uma vez conhecido os perfis de ginastas e treinadoras. Uma limitação encontrada foi a não participação de dirigentes da entidade responsável pela modalidade o que, com certeza, complementariam os dados auxiliando em uma discussão mais profunda principalmente no que se refere à gestão. Assim esperamos contribuir para o desenvolvimento contínuo e eficaz da GR, com o aperfeiçoamento na seleção de ginastas, ficando aberta a possibilidade de mais investigações sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. M. C. ALVES, R. C. A Prática da ginástica artística: Perfil, influências e preferências. 2009. **Revista Ciência em Extensão**, Bauru, v.5, n. 1, p.43-55, 2009.
- ANTUALPA K.F. **Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas**. 2011,187f Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- AVILÉS, M. I. DÍAZ, Y. G. BORRÁS, N. O. Reflexões sobre o planejamento e o controle do treinamento esportivo na ginástica rítmica: respostas a partir da pesquisa científica. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org.). **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, cap. 10, p. 219-239, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.
- BOMPA, T.O. **Treinando atletas de desporto coletivo**. São Paulo: Phorte, 2005. 350 p.
- BRANDÃO, M.R. F.; AKEL, M. C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A. E NASTÁS. M. A. Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. São Caetano do Sul, v.8, n.2, p.49-58, 2000.
- BUENO, T. F.. Ginástica Rítmica exercício de conjunto: cinco ginastas, um só corpo. In: PAOLIELO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. Cap.7, p.219-234.
- BUSSAB, W. O. MORETTIN, P. A. **Estatística básica**. São Paulo: Atual, 1987. 540 p.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Federações**. 2014. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/federacoes>. Acesso em: 04 abr. 2014.
- _____. **Estatuto**. 2014. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/estatuto>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. **Regulamento geral.** 2014. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/regulamentogeral>. Acesso em: 30 ago. 2014.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Código de puntuación gimnasia rítmica.** Comité Técnico Gimnasia Rítmica. 2013-2016.

_____. **About Rhythmic Gymnastics.** 2014. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/page/view?id=261>. Acesso em: 28 ago. 2014.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica.** Londrina: UNOPAR, 2001. 157 p.

_____. **Planejamento, aplicação e controle da preparação técnica da ginástica rítmica:** análise do rendimento técnico alcançado nas temporadas de competição. 2005. 267f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto, Porto, 2005.

LEBRE, E. ARAÚJO, C. **Manual de ginástica rítmica.** Porto: Porto, 2006. 238p.

LISITSKAYA, T. **Gimnasia rítmica.** Barcelona: Paidotribo, 1995. 410p.

LLOBET, A. C. **Gimnasia rítmica deportiva:** teoria e práctica. Barcelona: Paidotribo, 1998. 296 p.

LOURENÇO, M. R. A. **Ginástica rítmica no Brasil:** a (r)evolução de um esporte. 2003. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

_____. BARBOSA-RINALDI, I. P. O conjunto na ginástica rítmica. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org.). **Ginástica de alto rendimento.** Várzea Paulista, SP: Fontoura, cap. 2, p. 43-64, 2014.

NAKASHIMA, F. S. NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A. VIEIRA, L. F. O papel dos pais na trajetória esportiva de atletas de ginástica rítmica. **Revista Pensar a Prática,** Goiânia, v. 15, n. 4, p. 821-1113, out./dez. 2012.

ORGANIZAÇÃO DESPORTIVA PAN AMERICANA (ODEPA). **Juegos panamericanos.** 2014. <http://www.paso-odepa.org/juegos-panamericanos.html>. Acesso em: 01 set. 2014.

PERES, I. LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM,** Maringá, v.17, n. 2, p.211-218, 2. sem. 2006.

RÓBEVA, N.; RANKÉLOVA, M. **Escola de campeãs:** ginástica rítmica desportiva. São Paulo: Ícone, 1991. 333 p.

SANTOS, E. V. N. dos; LOURENÇO, M. R. A.; GAIO, R. **Composição coreográfica em ginástica rítmica: do compreender ao fazer.** Jundiaí: Fontoura, 2010. 127 p.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos.** 2009. 357f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

_____. PAES, R. R. TOLEDO, E. DEUTSCH, S. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, v. 27, n. 3, p.423-436, jul/set 2013.

SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista Paulista de Educação Física,** 13(1), p.34-45, jan-jun. 1999.

STADINIK, A. M; W. Um panorama da ginástica rítmica no Paraná. In: PAOLIELO, E.; TOLEDO, E. (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica.** São Paulo: Phorte Editora, cap. 8, p. 237-268, 2010.

THOMAS, J. R. & NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VIEIRA, L.F. BOTTI, M. VIEIRA, J.L.L. Ginástica rítmica – análise dos fatores competitivos motivadores e estressantes da Seleção Brasileira Juvenil. **Acta Scientiarum. Health Science.** Maringá, v. 27, n.2, p. 207-215, 2005.

CAPÍTULO 3

PERFIL DE TREINADORAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012

RESUMO

Esta pesquisa objetivou identificar, por meio de depoimentos de treinadoras da Seleção Brasileira de Conjuntos (SBC) de Ginástica Rítmica (GR), processos contratação e desligamento e o perfil das treinadoras no período de 1997 a 2012. Para este estudo de cunho descritivo, utilizamos como instrumentos questionário e entrevista semiestruturada para as quatro treinadoras que fizeram parte das SBC no período proposto. Para analisar os dados optou-se pela estatística descritiva e análise de conteúdo. As treinadoras iniciaram suas carreiras em média aos 23 e permaneceram na SBC de dez meses a 10 anos, 75% afirmam que sua conquista profissional mais importante se deu nesta fase. Em relação à contratação e à demissão das treinadoras, os resultados apontam total ausência de procedimentos pré-estabelecidos para estes processos, seja no momento do convite ou da dispensa. A pesquisa apresenta dados que poderão colaborar para os procedimentos de contratação de treinadoras para futuras organizações da SBC.

PALAVRAS-CHAVES: Ginástica Rítmica. Técnico Esportivo. Perfil Profissional.

INTRODUÇÃO

A ginástica rítmica é uma modalidade olímpica que oportuniza a prática em conjunto e individual, ambas com formatos diferenciados de competições oficiais e consequentemente características específicas para o treinamento. Os campeonatos de GR costumam ter em sua programação momentos próprios para o individual e para o conjunto, nas etapas de Copa do Mundo e Campeonato Mundiais, organizadas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) primeiramente ocorrem as provas de individual e ao final do evento as provas de conjunto.

As ginastas individuais na categoria adulta apresentam quatro coreografias distintas (também chamadas de séries) nos aparelhos arco, bola, maçãs e fita com a duração entre 1 minuto e quinze segundos a 1 minuto e trinta segundos cada, na qual o maior valor adquirido na somatória de todas dará o título da competição. Já o conjunto,

composto por cinco ginastas titulares, apresenta duas coreografias com a duração de 2 minutos e quinze segundos a 2 minutos e trinta segundos cada, sendo uma com um único tipo de aparelho e outra com aparelhos mistos (no máximo dois tipos). Para o ano olímpico de 2016 serão quatro arcos e dois pares de maçãs para uma das séries e cinco fita para a outra e a somatória das duas apresentações indica o conjunto campeão (LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014).

Embora possuam características próprias, em geral treinadoras brasileiras de GR trabalham com as duas categorias de competição, ou seja, tanto individual quanto conjunto. Nos clubes brasileiros é muito comum, tanto ginastas como treinadoras treinarem para os dois tipos de competição. Internacionalmente, em eventos de seleções nacionais a probabilidade de encontrar uma treinadora ocupando ambas as funções é muito pequena. A Seleção Brasileira de Conjuntos possui treinadora exclusiva para esta função e a responsável pela contratação desta profissional é a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) que também é o órgão que desenvolve a GR em todo o país.

Segundo o Regulamento Geral da CBG (2014, Art. 73, § 2º) uma seleção nacional pode ser permanente (ginastas convocadas) ou transitória (ginastas qualificadas) e podem representar o país em um único evento ou continuamente no ano ou no ciclo olímpico¹⁷. Seus componentes, ginastas / técnicos / auxiliares técnicos / professores de ballet / coreógrafos / coordenadores são convocados e/ou qualificados pela CBG que devem atender a programação estabelecida para cada ciclo olímpico. Encontramos nos documentos da CBG apenas os critérios de convocação em relação aos treinadores. O Regulamento Geral da CBG (2014, Art. 74 § 2º, p. 20) traz uma determinação generalizada para todas as modalidades gímnicas, pouco praticadas no caso da GR:

A CBG determinará um Treinador Chefe em cada modalidade que integrará o Conselho Nacional de Treinadores (CNT). O CNT será composto pelos técnicos dos clubes que tiverem ginastas na Seleção. Caberá ao clube envolvido nominar um técnico para o CNT. Os técnicos do CNT serão escalados para dirigirem a Seleção em eventos preparatórios e oficiais através do Supervisor das Seleções de cada modalidade.

¹⁷ Ciclo olímpico é o período de quatro anos que se inicia após o encerramento de uma edição dos Jogos Olímpicos até a realização da próxima.

Seleções nacionais de conjunto passaram a ser convocadas sistematicamente a partir dos Jogos Pan Americanos de Mar Del Plata em 1995, e com os bons resultados no Campeonato do Mundo de Sevilla/Espanha em 1998 e em especial nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg em 1999 ganharam status de seleção permanente e a vaga para os Jogos Olímpicos de Sydney em 2000, de acordo com Lourenço (2003). Este formato se mantém e é a SBC permanente que estará representando o país nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

Há uma ausência de estudos sobre a SBC e em especial sobre como são escolhidos seus treinadores, e também se há critérios ou não para esta atuação que é direcionada pela CBG. Sabemos que não é a partir dos resultados dos campeonatos nacionais de conjunto, embora este fosse um bom começo para elencar nomes de profissionais nacionais aptos a exercer esta função. Portanto nos questionamos qual é o perfil das treinadoras da SBC contratadas pela CBG a partir de 1997, primeiro ano do ciclo em que a SBC esteve em uma edição dos Jogos Olímpicos? Como foram realizados os procedimentos das contratações das treinadoras da seleção nesse período?

Para responder estes questionamentos o objetivo da nossa pesquisa foi identificar, por meio de depoimentos de treinadoras da SBC, os processos de contratação e desligamento e o perfil das treinadoras no período de 1997 a 2012, compreendendo os quatro últimos ciclos olímpicos completos da modalidade que culminaram com a realização de uma edição dos Jogos Olímpicos: de 1997 a 2000 (Sydney), 2001 a 2004 (Atenas), 2005 a 2008 (Pequim) e 2009 a 2012 (Londres).

O estudo apresenta o perfil das treinadoras e a partir das entrevistas com as mesmas, discute os procedimentos de contratação e desligamento efetuado pela CBG. A expectativa é de que possibilitar informações para colaborar com a criação de critérios para contratações de treinadores. Mas, em especial, que possa promover uma reflexão coletiva no que concerne a processos futuros.

METODOLOGIA

Optou-se por um estudo de cunho descritivo, por entender ser o mais adequado para a obtenção de respostas em entrevistas (THOMAS; NELSON, 2002).

Para tal, utilizou-se como instrumentos questionário e entrevista semiestruturada. O questionário foi empregado para traçar o perfil das treinadoras (Apêndices F) buscamos extrair informações que nos possibilitaram conhecer o grupo em relação à faixa etária, estado e país de origem, experiências nacionais e internacionais anteriores, o principal título conquistado em sua carreira, formação acadêmica e atuação profissional, e ainda as influências que as levaram a trabalhar na modalidade.

Do universo da pesquisa participaram todas as treinadoras contratadas pela CBG para dirigir a seleção nacional de conjuntos que tenham participado em um evento internacional oficial dirigindo a equipe, podendo ser Jogos Pan Americanos e/ou Jogos Olímpicos, ou ainda campeonatos mundiais/pré-olímpicos, totalizando quatro profissionais que equivale a 100% da população.

Foi realizado um contato inicial via e-mail e telefone e a partir daí a coleta das assinaturas no Termo de Autorização (Apêndices A) e no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndices C). Após aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá, sob o nº 739.303 (Anexo A), deu-se início aos agendamentos das entrevistas, todas realizadas pela própria pesquisadora no decorrer do ano de 2014, em eventos de GR ou em espaços privativos.

Nas entrevistas, gravadas com gravador digital, foram abordados pontos relacionados à contratação e desligamento das treinadoras (Apêndices H). Entrevistas semiestruturadas permitem, quando necessário, intervenções a partir dos destaques encontrados no decorrer do procedimento, valorizam a presença do investigador e dá ao sujeito liberdade para elaborar suas respostas. Assim, as mesmas foram agendadas com antecedência, definindo datas e horários com as entrevistadas (TRIVINOS, 1987).

Como opção para análise dos dados foi elencada a estatística descritiva que têm por objetivo coleta, redução, análise e modelagem dos dados; possibilita realizar inferência para a população da qual se obteve os dados (BUSSAB; MORETTIN, 1987). Optou-se também pela técnica de análise de conteúdo, com elaboração de categorias para a promoção de discussões e respostas aos objetivos propostos, e sistematização dos conteúdos das entrevistas para a busca dos significados implícitos nas mesmas. Ao encontrar os dados necessários nas respostas dos sujeitos foram definidas as unidades de registro e de contexto, e por fim a partir do todo visualizando a presença, ou

frequência de aparição, dos núcleos de sentidos a categorização. Procedimento tal que nos permite tratar os resultados brutos tornando-os significativos e válidos (BARDIN, 1977).

Baseados nos objetivos estabelecidos, os resultados foram organizados em quadros para melhor compreensão do contexto e acompanhamento das interpretações ao longo da discussão.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No decorrer dos 16 anos de SBC contemplados no estudo, as treinadoras conduziram a mesma em diversos eventos, como Campeonatos Mundiais, etapas de Copa do Mundo, Campeonatos Pan Americanos e Sul Americanos, eventos pré-olímpicos, Campeonato dos 4 Continentes, Torneios amistosos e Jogos Olímpicos.

De todo o universo da pesquisa presente, ou seja, quatro treinadoras envolvidas apenas uma não esteve à frente da SBC em uma edição dos Jogos Pan Americanos ou Jogos Olímpicos, se trata de Giurga Takova Nedialkova que dirigiu a equipe durante o ano de 2010, ano que não contemplou nenhuma edição de tais eventos.

Perfil das treinadoras da SBC

O Quadro 1 traz dados relacionados ao perfil das treinadoras que assumiram a SBC de 1997 a 2012.

Quadro 1: Treinadoras participantes do estudo.

Treinadora	Período na seleção	Ciclo	Ano e idade que iniciou atuação	Tempo de atuação até 2012	Títulos brasileiros anteriores	Títulos Internacionais anteriores	Aposentadoria como técnica	Tempo na SBC até 2012
Bárbara Elisabeth Laffranchi	1995 a 2004	1	1987 20 anos	17 anos	Sim	Sim	2004	10 anos
Monika Mello Queiroz	2005 a 2009	2	1991 28 anos	23 anos	Sim	Sim	-	5 anos
Giurga Takova Nedialkova	2010	3	1968 23 anos	46 anos	Não	Sim	-	1 ano
Camila Ferezin	2010 a 2012	4	2001 24 anos	13 anos	Sim	Sim	-	3 anos

Encontramos uma grande diferença de idade entre as treinadoras, 37 anos tem a mais jovem e 69 anos a mais experiente. O tempo de atuação profissional como técnica de rendimento varia entre 13 e 46 anos de experiência até o momento da entrevista. Porém, todas iniciaram suas carreiras em idades muito próximas, em média aos 23 anos (23,7). López Cázon (2008) encontrou uma média de 13,7 anos de experiência no esporte de alto rendimento como treinadores em seus estudos sobre atletas que se tornaram técnicos esportivos. A literatura aponta que a referência de tempo para se obter *expertise* ou maestria profissional em um determinado assunto é de no mínimo 10 anos (SANTOS; MESQUITA, 2010). O tempo de permanência das treinadoras frente à SBC varia de um a dez anos, apenas Bárbara Laffranchi comandou a seleção por dois ciclos completos.

A manutenção de treinadoras experientes frente à seleção pode ser a garantia de bons resultados, países com tradição na GR costumam conservar suas treinadoras por muitos anos dirigindo as equipes nacionais, Irina Vinner é a treinadora chefe da Rússia desde a divisão das Repúblicas da antiga União Soviética, em 1997. A famosa treinadora búlgara Neska Róbeva permaneceu à frente das equipes de seu país por aproximadamente 25 anos. Esta prática deve ser discutida entre os gestores da ginástica brasileira ao elencar os prós e contras e em especial os resultados adquiridos por cada profissional em seu tempo de serviços na SBC.

Em relação ao local de origem das treinadoras, Bárbara Elisabeth Laffranchi e Camila Ferezin são do Paraná, Monika Mello Queiroz é do Espírito Santo e Giurga Nedialkova é búlgara, tendo laços profissionais no Brasil há 30 anos. Durante o período pesquisado outras treinadoras de países como Rússia, Bulgária e Ucrânia, por exemplo, estiveram auxiliando nos treinamentos da SBC, porém em nenhum outro caso, estas treinadoras foram responsáveis, oficialmente, pela seleção. Diferente do que aconteceu com a ginástica artística feminina, que de acordo com os estudos realizados por Schiavon (2009), os treinadores estrangeiros eram responsáveis pelo treinamento e por “colocar” as ginastas na quadra nas competições oficiais.

O primeiro acompanhamento de uma técnica estrangeira em seleções brasileiras de conjunto foi em 1987, a búlgara Ludmilla Dimitrova passou aproximadamente três meses auxiliando a técnica nacional nas composições

coreográficas e na organização do treinamento como um todo (LOURENÇO, 2003). A presença de treinadoras estrangeiras no nosso país contribui para melhorar a técnica corporal das nossas ginastas e também na obtenção de conhecimentos técnicos na elaboração de coreografias, porém para Barbosa-Rinaldi, Martinelli e Teixeira (2009), é necessário que se tenha uma política de formação de técnicos nacionais, pois os estrangeiros permanecem pouco tempo no país e não ensinam nossos treinadores.

Uma boa possibilidade de capacitação seria a organização de cursos técnicos ministrados pelos treinadores estrangeiros quando da estada dos mesmos no Brasil, ou ainda a permissão para a permanência de técnicos de diversas regiões do país nos treinamentos da SBC, de forma organizada sem comprometer os objetivos do treinamento, assim talvez tivéssemos uma melhor formação profissional na área. Para isso necessitamos de uma política de capacitação liderada pela CBG envolvendo todas as regiões do país. Porém, Nunomura e Nista-Píccolo (2003) chamam a atenção para o fato de que, em razão da pouca abrangência, a atualização e capacitação dos profissionais de ginástica não deve ser apoiada apenas em cursos técnicos ministrados pelos internacionais, há uma preocupação com a formação inicial dos mesmos.

Muitos treinadores de diversas modalidades foram ex-atletas, na GR não é diferente, na infância e na adolescência, Bárbara e Camila foram ginastas de conjunto e individual, Giurga competiu somente individual e Monika não foi ginasta, porém vivenciou a dança em sua formação. Todas tem formação inicial em Educação Física, o que não poderia ser diferente, pois como já mencionado, a CBG exige esta condição. Todas deram continuidade aos estudos obtendo o título de especialistas em GR, Monika e Giurga possuem mestrado e Bárbara é doutora em Ciências do Treinamento além de formação inicial também em Administração.

Diferente de países como Portugal, por exemplo, no Brasil não há cursos específicos de formação de técnicos esportivos em nível superior, o caminho é cursar Bacharelado em Educação Física e especializar-se em nível *Lato Sensu* em treinamento esportivo ou mais especificamente em GR, como foi o caso de nossas entrevistadas. Recentemente o Comitê Olímpico Brasileiro, por meio do Instituto Olímpico Brasileiro, criou a Academia Brasileira de Treinadores com o objetivo de complementar a formação de treinadores de alto rendimento, mas a GR ainda não foi

contemplada no programa, embora seja uma expectativa dos profissionais desta modalidade (COB, 2015; MESQUITA et al., 2012).

Com exceção da técnica estrangeira, todas já possuíam títulos em eventos oficiais brasileiros como treinadoras, em conjuntos. A experiência anterior internacional de todas é comprovada, mas em especial Bárbara já havia conquistado títulos para o Brasil antes de assumir a equipe no período pesquisado.

Quando questionadas sobre suas influências e motivações para a dedicação ao esporte, percebemos que a admiração a outro profissional, que em algum momento de suas vidas fizeram a diferença, as incentivaram. Para Bárbara foi o amor da mãe pela GR e o apoio incondicional no seu trabalho que contribuiu para o seu envolvimento total nesta profissão em que tem como ídolo a treinadora búlgara Neska Róbeva. Já para Monika foi o apoio de um dirigente de seu estado que a estimulou a continuar sempre em frente na profissão. Na Bulgária, Giurga foi motivada e influenciada por uma professora de *ballet* ainda na infância e Camila acredita que viver no esporte a vida toda gerou o desejo pelo trabalho profissional na área, mas confessa que se sentiu inspirada por uma treinadora ucraniana que, quando esteve no Brasil, disse que a mesma seria uma boa técnica, ainda quando era ginasta.

As treinadoras que dirigiram a SBC são, agora, ícones para a nova geração de treinadoras brasileiras que têm o trabalho realizado pelas mesmas como espelho em seu próprio dia a dia. A experiência destas profissionais pode ser encontrada inclusive em livros ou capítulos de livros publicados pelas mesmas, ou ainda, em palestras e cursos realizados por todo o país (BARROS; NEDIALKOVA, 1998; LAFFRANCHI, 2001; LAFFRANCHI, 2005; NEDIALKOVA; SOARES; BARROS, 2006; LAFFRANCHI; FERREZIN AMARANTE; MINELLI, 2008).

A evolução de uma modalidade se dá de diversas formas e a divulgação de estudos que possam colaborar com o entendimento de sua organização e na capacitação de outros profissionais é muito respeitável. Concordamos com Nunomura e Nista-Piccolo (2003) sobre a importância da produção do conhecimento científico no esporte, pois abrangem diferentes dimensões: a prática; a reestruturação; e as evoluções tecnológicas no treinamento.

No processo de contratação e desligamento das treinadoras para a SBC constatamos que não há um formato único utilizado no período de 1997 a 2012. O Quadro 2 traz as categorias organizadas de acordo com as respostas encontradas no discurso das treinadoras no que diz respeito ao convite para dirigir a SBC a partir da seguinte questão: Como se deu o convite para assumir o cargo de treinadora da SBC? Tendo como tópicos de análise alguns temas geradores que nortearam as respostas dos sujeitos, a saber: como ocorreu o convite; qual foi a documentação; o convite veio quando a equipe de ginastas já estava em treinamento ou realizou convocação própria; contatos oficiais com as demais treinadoras.

Já em relação ao desligamento das mesmas, a análise inicia a partir da seguinte questão: Como se deu seu desligamento do cargo de treinadora da SBC? Tendo como tópicos de análise alguns temas geradores que nortearam as respostas dos sujeitos, a saber: se recebeu alguma documentação oficial; se houve contato oficial com a treinadora que assumiu a SBC na sequência.

Quadro 2: Convite, contratação e desligamento de treinadoras na SBC.

Treinadora	T	Convite/contratação	Desligamento
Bárbara Elisabeth Laffranchi	T1	Foi conduzida ao cargo pela CBG. Nunca assinou contrato. Convocou ginastas nos dois ciclos em que atuou.	Com a divulgação da CBG que a SBC estaria desfeita após os Jogos Olímpicos de Atenas, ao retornar do evento encerrou seu trabalho. Não houve contato com a treinadora que assumiu na sequência.
Monika Mello Queiroz	T2	Contato telefônico da CBG seguido de reunião oficial. Contrato de trabalho assinado com a CBG. Recebeu as ginastas já selecionadas. Convocou no início de um novo ciclo. Não houve contato com a treinadora anterior.	Na seletiva realizada no final de 2009 ficou sabendo pelo microfone que não seria mais a treinadora da SBC quando chamaram outra profissional. Houve contato com a treinadora que assumiu na sequência por 40 dias antes da seletiva
Giurga Takova Nedialkova	T3	Convite da CBG para assumir como treinadora estrangeira e acabou assumindo como treinadora oficial. Contrato de trabalho assinado com a CBG. Convocou ginastas. Teve contato com a treinadora anterior antes e durante a seletiva.	Foi chamada na CBG e comunicada que o COB não a queria mais como treinadora. Não houve contato com a treinadora que assumiu na sequência.
Camila Ferezin	T4	Contato telefônico da CBG para assumir rapidamente em 2010. Em 2011 foi enviado um convite para que assumisse a seleção. Contrato de trabalho assinado com a CBG. Primeiramente recebeu a equipe convocada, nos anos seguintes convocou ginastas. Não houve contato com a treinadora anterior.	

Primeira treinadora da SBC no período pesquisado, Bárbara Elisabeth Laffranchi não assinou um contrato oficial com a CBG ou qualquer outro órgão que pudesse ser responsável pela SBC no período todo em que atuou. Como era a treinadora do clube campeão há vários anos, com muitas qualificações anteriores como treinadora de conjunto e individual do Brasil, foi conduzida ao cargo pela presidência da CBG, na época professora Vicélia Florenzano.¹⁸

O que aconteceu foi um processo natural, porque a minha equipe era campeã brasileira há anos, desde 1991, foi neste ano que a Dayane Camilo e a Camila Ferezin começaram a vencer os brasileiros, então foi uma coisa que veio se arrastando até 1997 (T1).

Em 1995, por ocasião dos Jogos Pan Americanos, houve uma convocação de SBC que treinou sob sua direção em seu clube mesmo. A equipe se saiu bem e retornou com a medalha de bronze, porém não foi o suficiente para a CBG manter o grupo em 1996 e, apenas em 1997 optou-se por assumir o status de seleção permanente de conjuntos. “Em 1996 voltou a ter a situação de clube, a UNOPAR ganhou o brasileiro e foi para o mundial como clube, mas em 1997 retomamos essa ideia de SBC, eram poucas meninas de fora” (T1).

Mesmo sem a estrutura ideal para manter uma equipe nacional em treinamento, os resultados começaram a aparecer a partir de 1998, quando ocorreu uma das melhores classificações brasileiras em uma edição do Campeonato do Mundo. Este evento realizado em Sevilla, segundo Lourenço (2003) , foi um campeonato apenas de conjunto e o Brasil obteve a 13ª colocação entre 28 países participantes. Após este bom resultado e com a proximidade de mais uma edição dos Jogos Pan Americanos, o ano de 1999 começou com organização mais estruturada para a equipe.

As meninas ainda moravam na minha casa e treinávamos na UNOPAR, era uma seleção amadoramente estruturada, vamos dizer assim, mas era uma seleção brasileira. Não era um clube indo para o mundial, eram as meninas escolhidas a dedo que estavam treinando ali. Para 1999, como tinha o Pan-Americano de Winnipeg a seleção brasileira já foi mais estruturada, eu lembro que naquela época a CBG começou a dar mais recurso, a gente tinha um alojamento pras meninas morarem, não precisava mais ficar na minha casa, e também veio uma assistente técnica que veio da Europa¹⁹ (T1).

¹⁸ A professora Vicélia Angela Florenzano presidiu a CBG de 1991 a 2008.

¹⁹ Refere-se à treinadora Ludmilla Kovalik, da Ucrânia (LOURENÇO, 2003).

Em relação às convocações, na maioria das vezes as ginastas eram observadas nas competições individuais e se apresentassem uma qualidade física e técnica adequada ao estilo da equipe, a mesma era convidada para treinar na SBC, porém este não era um processo simples, pois as demais treinadoras nacionais não estavam acostumadas a liberar suas ginastas para integrar uma seleção.

Não existia essa cultura de convocação. Convocar pra quê, tá louca? Mandar minhas ginastas pra você? Você vai estragar minhas ginastas, como assim mandar minha ginasta? Quem vai pagar a conta se eu mandar minha ginasta? Então foi um parto, porque a gente tinha que convencer a CBG de que isso era importante, eu tinha que provar para as treinadoras e para os pais que a menina ia ficar bem, que eu cuidaria, foi difícil [...] as primeiras seleções não tinham teste. Antes de 2000 eu não fiz teste nenhum, eu ia às competições e falava assim: “Essa talvez dê”, e chamava a menina. O primeiro teste foi em 2000 mesmo. Como eu já tinha essa ideia de “Vamos focar no aparelho, que o corpo não segura, então vamos segurar o aparelho”, eu procurei trazer meninas que tinham um trabalho de manejo de aparelho maduro e ainda fisicamente parecidas com a base da minha equipe (T1).

O primeiro processo seletivo completo aconteceu no final de 1999 com o intuito de formar uma boa equipe para os Jogos Olímpicos de Sydney, uma vez que o Brasil já estava classificado devido ao título nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg. No ano de 2004, já há dez anos à frente da SBC, Bárbara começou a repensar sua vida profissional e em uma das entrevistas para uma rede de TV²⁰ fez um comentário que não foi bem aceito pela presidência da CBG:

[...] eu lembro que eu chorei quando eu dei uma entrevista, eu comentei que Atenas ia ser meu último trabalho, que depois disso eu teria que parar, que ia ajudar meu pai, não sei o que, não sei o que lá. Só que foi um comentário, ali né, emocionada, na televisão [...] foi uma reportagem com um lado emocional bem pesado. [...] E daí pra frente, desta entrevista pra frente, vários problemas começaram a acontecer com a seleção brasileira (T1).

Surpreendentemente 15 dias antes dos Jogos Olímpicos de Atenas a CBG anunciou para as ginastas que a SBC estaria desfeita, esta posição afetou diretamente todas as envolvidas na seleção, causando dificuldades para a treinadora manter o foco na importante competição que estava para acontecer e incertezas na continuidade das carreiras esportivas das ginastas. É difícil compreender o que leva uma gestora a agir

²⁰ Refere-se ao programa veiculado em junho de 2003, pela ESPN Brasil, denominado “História do Esporte” relacionado ao treinamento da SBC para os Jogos Pan-americanos de Santo Domingo.

desta forma perante atletas em uma fase tão sensível do treinamento que é o período competitivo, uma equipe que já não dispunha de apoio psicológico contínuo, que vive em um país onde praticar esporte de alto nível é um desafio diário e em uma região do mundo onde praticar GR de alto nível é um desafio maior ainda, pois em poucos dias o confronto seria com conjuntos da Rússia, Bielorrússia, Bulgária e tantos outros mais.

A falta de sensibilidade administrativa e de conhecimento do esporte foi grande, bastava entender um pouco da especificidade da modalidade, do que é competir em conjunto na GR, para saber que não era o momento de discursos negativos, poderia sim ter aguardado a finalização dos Jogos Olímpicos para proferir tal decisão. Porém, a opção foi política e administrativa e infelizmente o esporte de alto rendimento está atrelado às ações deste nível.

Sobre este assunto, Santos, Lourenço e Gaio (2010) comentam que após o retorno dos Jogos Olímpicos de Atenas terminou um longo ciclo de trabalho e parceria entre a CBG e UNOPAR em Londrina, decisões políticas e administrativas foram tomadas baseadas em motivos não declarados pelo órgão máximo da ginástica no Brasil e uma nova fase teve início com outras ginastas e equipe técnica. A partir de 2005 novos rumos foram tomados e a SBC foi descentralizada e passou a treinar em duas sedes diferentes.

Stadnik (2010) discorre sobre a alteração da estrutura inicial das seleções nacionais de GR realizada pela CBG, que optou pela criação de três novos polos, sendo dois para conjunto (Joinville/SC e Vitória/ES) e outro para a equipe individual (Aracaju/SE). Para a autora, o objetivo foi proporcionar a participação de ginastas de mais estados brasileiros. Nos chama a atenção a divisão de sedes para o conjunto, uma vez que a característica maior do treinamento de conjunto está exatamente na preparação da equipe como um todo, na organização dos elementos de relação e colaboração entre as ginastas para, a partir daí, escolher a composição de ginastas que melhor executam a coreografia que fatalmente serão as titulares da SBC.

Ao retornar dos Jogos Olímpicos de Atenas e com o término da equipe, Bárbara encerrou seu trabalho na SBC e sua carreira na GR. De acordo com a mesma não houve contato com a treinadora que assumiu a equipe no ano seguinte.

Já o processo de contratação da segunda treinadora que assumiu a SBC foi bem diferente, com um histórico de bons resultados de suas ginastas em competições individuais. Monika Mello Queiroz recebeu a notícia que seria a treinadora principal da SBC, uma vez que, naquele momento a ideia da entidade era manter centros diferenciados de treinamentos pelo país, e o conjunto teria duas sedes, uma em Vitória/ES e outra em Joinville/SC como já informado.

A professora Vicélia entrou em contato comigo, depois fez uma reunião, me explicou todo esse projeto, que esse conjunto de Vitória seria um conjunto alimentado por outros conjuntos e logo de início a supervisora da seleção passou um contrato (que eu tive que ler e reler) onde o COB colocava algumas situações apesar do contrato ser com a CBG, mas toda postura de competição da CBG era vinculada ao COB [...] (T2).

Foi realizada uma seletiva aberta para individual e conjunto em abril, mas as ginastas somente iniciaram o treinamento em junho. Como já descrito neste estudo, ela não fez parte do processo de escolha de ginastas neste momento. Durante todo o ciclo de 2005 a 2008 não houve mais convocações para a SBC, mesmo querendo chamar ginastas do individual para reforçar a equipe do conjunto para os Jogos Olímpicos de Pequim, isto não foi autorizado. Somente na entrada do novo ciclo é que houve uma nova seletiva.

Todo mundo foi dispensado, até as olímpicas tiveram que fazer um teste que eu discordei. Eu achei que quem tinha ido às Olimpíadas não necessitava fazer teste. Você tem um atleta olímpico e não vai aproveitar a experiência pelo menos pra ela começar no grupo? Mesmo que depois ela não continue [...] eu acho que a experiência olímpica nunca pode ser colocada em teste. Então eu fui totalmente contra (T2).

Mesmo assumindo um cargo com um histórico de bons resultados dentro e fora do nosso continente, quando questionada sobre contatos com a treinadora que ela substituiu, afirma que este contato oficial nunca existiu, mas que havia um bom relacionamento entre as duas.

Nenhum contato. Até porque isso não foi bem resolvido com a CBG. Havia um litígio²¹ das partes e eu acho que nesse momento foi complicado. O contato que eu tive sempre foi por conta das minhas ginastas presentes, nesses outros momentos da seleção com a professora Bárbara (T2).

²¹ Refere-se ao processo jurídico envolvendo as duas instituições parceiras até 2004, CBG e UNOPAR.

Manter-se atenta às necessidades técnicas e emocionais das ginastas é uma das funções dos treinadores no conjunto, de acordo com Bueno (2010), e não receber estas informações de quem até então estava dirigindo a equipe é um obstáculo para o desenvolvimento do trabalho de quem está assumindo impedindo a troca de experiências. Vamos perceber, no desenrolar deste estudo, que este tipo de atitude foi constante nas substituições de treinadoras na SBC.

Antes do seu desligamento, Monika teve contato oficial com a profissional que assumiu seu posto, pois a ideia inicial era que as duas trabalhassem juntas, mas não foi um contato para “passar” a seleção uma para a outra, foi apenas um contato de organização de trabalho, como podemos perceber: “Tive contato com a Giurga, ela ficou na minha casa 40 dias pra gente planejar o que íamos fazer no futuro. Até então eu era a treinadora. O trabalho ia ser continuado comigo” (T2).

Assim como ocorreu com Bárbara, o processo de desligamento da SBC foi confuso também para Monika. Ao final do ciclo de Pequim, mesmo com mudança na presidência da CBG, a treinadora continuou dirigindo a equipe por mais um ano. Ao final do primeiro ano do ciclo de Londres, mais precisamente em 2009, houve uma nova seletiva e na sequência uma troca de treinadoras.

Após a eleição da professora Luciene²² quando chegou ao final do primeiro ano, em 2009, aconteceu uma seletiva em Aracaju²³ para novas ginastas, e eu participei dessa seletiva junto com a professora Cristina²⁴, professora Giurga e a professora Letícia²⁵ e ali já aconteceu meu desligamento, mas, assim, nunca ninguém me falou pessoalmente, eu soube que eu não ia ser mais a treinadora pelo microfone quando eles chamaram a professora Giurga. Eu nunca tive uma conversa formal ou um documento (T2).

A terceira treinadora a assumir a SBC, Giurga Takova Nedialkova, recebeu o convite da então presidente da CBG, professora Luciene Cacho Resende, porém de acordo com a mesma, a ideia inicial era de auxiliar a treinadora do conjunto, mas não foi bem isto que aconteceu, pois a mesma acabou assumindo a equipe como treinadora responsável, confirmando o fato já relatado por Monika.

²² Refere-se à Maria Luciene Cacho Resende, presidente da CBG desde 2009.

²³ No ano de 2009 a sede da CBG passou a ser na cidade de Aracaju/SE, permanecendo até hoje.

²⁴ Refere-se à Maria Cristina Vital, atual coordenadora da SBC, porém no ano citado a mesma era treinadora da Seleção Brasileira Individual de GR.

²⁵ Refere-se à Letícia Barros, presidente do Comitê Técnico de GR da CBG.

Teve primeiro uma conversa com a presidente da CBG, mas ainda não para assumir o cargo. Quando estava na seletiva, já em Aracaju ela me convidou para pegar o conjunto porque a brasileira não poderia ficar sozinha, e que o Comitê Olímpico queria uma técnica estrangeira (T3).

Nunomura e Nista-Píccolo (2003) apontam para a contratação de técnicos estrangeiros de renome internacional para dirigir seleções nacionais na ginástica artística em uma fase em que foi iniciado o processo de seleção permanente da modalidade. No caso da GR esta contratação se deu durante um período em que a SBC já estava estruturada, o que causou estranheza aos demais profissionais do país, uma vez que a contratada não dispunha de experiência internacional comprovada na atuação de conjunto.

Mesmo a CBG providenciando o contrato de trabalho da treinadora no Brasil em novembro de 2009, as atividades começaram apenas em janeiro de 2010. “Eu traduzi tudo, carimbei como é necessário, e depois de um mês eu recebi o visto do trabalho. Cheguei em novembro, pensando que estava tudo pronto mas [...]” (T3).

Neste ano, para participar da seletiva foram convocadas as melhores ginastas do individual, de acordo com o *ranking* nacional e na avaliação realizada por Giurga e Monika foram escolhidas as ginastas com mais facilidade de aprendizagem, como relatado por ela.

Em relação ao contato com a treinadora anterior, assim como foi dito por Monika, mesmo sem saber da definição final de que seria a treinadora oficial para o ano, ambas puderam trocar informações. O mesmo não aconteceu no processo de desligamento de Giurga, após dirigir a equipe nos meses de janeiro a outubro de 2010, recebeu a informação de que não seria mais a treinadora da SBC e não teve nenhum contato com a profissional que assumiu seu posto.

Me chamaram na CBG e me disseram que Comitê Olímpico não queria que eu ficasse mais como técnica da seleção. Não teve nenhuma documentação oficial, só conversa da presidente e da Cristina. [...] Não tive tempo de falar de trabalho, inclusive foi difícil entrar no ginásio, pra me despedir das ginastas. Encontrei a Camila Ferezin, abracei, desejei o sucesso a ela e nada mais (T3).

Camila Ferezin, ex-ginasta da SBC e na época trabalhando com categorias de base foi convidada a assumir a equipe no final do ano de 2010 e mantém-se como treinadora da SBC até os dias atuais. Foi contratada de uma forma muito parecida com

a anterior, era apenas para auxiliar a então responsável pela equipe, porém T4 assumiu a equipe logo que chegou ao local de treinamento.

Eu fui convidada pra assumir a seleção como técnica interina no final de 2010 para auxiliar a Giurga nesses 20 dias, mas quando eu cheguei, eles tinham demitido a técnica e eu acabei assumindo. Foi bem confuso, porque auxiliar é uma coisa, assumir é outra, um trabalho que não era meu e longe de casa, não tinha tempo de fazer *collant*, tempo de mudar as coreografias, não tinha tempo de nada. Eram 20 dias e acabou (T4).

Fernandes Del Vale (1991) relata que um bom treinador deve se libertar de suas próprias angústias e ambições para criar uma boa atmosfera com suas ginastas para atingir objetivos comuns. Assim, depois de assumir de forma intempestiva e já participar de uma competição importante, no ano seguinte foi enviado um convite para a universidade em que a mesma trabalhava solicitando a liberação para que assumisse a seleção definitivamente. Após aceno positivo das partes envolvidas a treinadora teve seu contrato de trabalho assinado com a CBG.

No primeiro momento que me convidaram já fui como técnica interina era para auxiliar, eu achei que era uma oportunidade única. Mas quando foi para assumir mesmo eles falaram comigo por telefone, depois fui para Aracaju e fiz a minha proposta e fomos entrando num acordo e para a UNOPAR onde eu trabalhava eles enviaram uma documentação, convidando pra assumir a SBC (T4).

Como assumiu a equipe e foi diretamente para uma competição, somente no ano seguinte foi possível fazer convocações: “Foram seis meses de preparação, renovei a seleção, escolhi as ginastas que eu acreditava que seriam as melhores para integrar a seleção” (T4).

Quanto ao contato com a treinadora anterior, percebemos novamente a mesma dinâmica, não houve sequer uma conversa para conhecer o trabalho, a equipe, as dificuldades técnicas das ginastas, as composições coreográficas ou mesmo discutir pontos positivos e negativos da SBC. “Como ela havia sido demitida, não tive nenhum contato [...]” (T4).

No que diz respeito à contratação e desligamento de treinadoras nos anos de 1997 a 2012, embora os convites tenham partido sempre da presidência da CBG e tendo a maioria assinado contrato profissional, os procedimentos são confusos e pautados em critérios desconhecidos. Concordamos com Peres e Lovisolo (2006) quando alegam que a ausência de critérios de convocação e de um plano de carreira

para treinadores de seleções nacionais ocorre devido à falta de exclusividade de um cargo específico para treinador nas confederações.

O que causa preocupação neste processo é a total falta de diálogo entre as treinadoras que assumem suas funções frente à SBC. Nunca houve contato entre as mesmas para discutir pontos positivos e negativos ou mesmo o legado das equipes. Fator negativo também encontrado neste estudo é a descoberta de que as treinadoras não recebem *feedback* de seus trabalhos, apenas são dispensadas e seguidamente substituídas por outra profissional que, igualmente, não tem a compreensão exata do motivo da saída da treinadora anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as treinadoras que estiveram à frente da SBC no período destacado, a semelhança está na formação inicial e na idade em que iniciaram sua carreira profissional, além de vivências com a ginástica ou a dança na infância e adolescência, tendo sido uma delas ginasta da própria SBC. Embora com grande variabilidade de tempo frente à equipe nacional, de dez meses a 10 anos, 75% afirmam que sua conquista profissional mais importante se deu como treinadora da SBC por ocasião dos Jogos Pan Americanos ou Jogos Olímpicos.

Manter treinadoras experientes por mais tempo frente à seleção, assim como países com tradição na GR costumam fazer pode colaborar para a obtenção de bons resultados, mas quando os resultados não acontecem a mudança é necessária. Assim como ocorreu no Brasil em 2010, na Espanha também uma ex-ginasta da seleção assumiu a equipe de conjunto, colaborando para o retorno de bons resultados que não aconteciam desde o título dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996.

Os depoimentos apresentados na discussão sobre contratação e desligamento das treinadoras da SBC nos remetem à total ausência de procedimentos pré-estabelecidos para estes processos, tudo muito amador, sem critérios para condução das escolhas. Não há um padrão organizacional para com as treinadoras da SBC, seja no momento do convite ou da dispensa. Essa inoperância administrativa foi evidente nos quatro ciclos pesquisados, no comportamento das duas gestões da CBG

e, claro, no processo individual para cada uma das quatro treinadoras aqui entrevistadas.

A não participação de dirigentes da CBG é uma limitação deste estudo, pois certamente enriqueceriam os dados colaborando para uma discussão mais abrangente em relação à gestão da GR no Brasil. O estudo aponta dados que auxiliarão na reflexão do processo de contratação e desligamento de treinadoras na SBC. A expectativa é de que possa contribuir para a evolução da GR no Brasil e motivar novas pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

BARBOSA-RINALDI, I. P. MARTINELLI, T. A. P. TEIXEIRA, R.S. **Ginástica Rítmica: história, características, elementos corporais e música** / Ieda Parra Barbosa Rinaldi. Maringá, PR: Eduem, 2009. 51 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BARROS, D., NEDIALKOVA, G. T. **Os Primeiros Passos da Ginástica Rítmica**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra, 1998.

BUENO, T. F.. Ginástica Rítmica exercício de conjunto: cinco ginastas, um só corpo. In: PAOLIELO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. Cap.7, p.219-234.

BUSSAB, W. O. MORETTIN, P. A. **Estatística básica**. São Paulo: Atual, 1987. 540 p.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (COB). **Programa de treinadores**. 2015. Disponível em: <http://www.cob.org.br/cultura-e-educacao/instituto-olimpico-brasileiro/programa-treinadores>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Regulamento geral**. 2014. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/regulamentogeral>. Acesso em: 30 ago. 2014.

FERNANDES DEL VALLE, A. F. **Gimnasia rítmica**. Comitê Olímpico Espanhol. Madrid: 1991. 241p.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica**. Londrina: UNOPAR, 2001. 157 p.

_____. **Planejamento, aplicação e controle da preparação técnica da ginástica rítmica: análise do rendimento técnico alcançado nas temporadas de competição**.

2005. 267f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto, Porto, 2005.

_____. FEREZIN AMARANTE, C. MINELLI, D. Treinamento de alto nível em ginástica rítmica In: GAIO, R. (org.). **Ginástica rítmica: da iniciação ao nível**. Jundiaí: Fontoura, 2008. Cap.8, p.149-165.

LÓPEZ CAZÓN, Rodolfo. **Efeitos do processo de destreinamento sobre a saúde de ex-atletas de alto rendimento**. 2008. 101 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LOURENÇO, M. R. A. **Ginástica rítmica no Brasil: a (r)evolução de um esporte**. 2003. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

_____. BARBOSA-RINALDI, I. P. O conjunto na ginástica rítmica. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org.). **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, cap. 2, p. 43-64, 2014.

MESQUITA, I. JONES, R. FONSECA, J. SILVA, L.M. Nova abordagem na formação de treinadores: o que mudou e porquê? In: NASCIMENTO, J.V.; FARIAS, G.O. (org.). **Construção da Identidade Profissional em Educação Física: da formação à intervenção**. Florianópolis: Editora da UDESC, p. 41-60, 2012.

NEDIALKOVA, G. SOARES, A. A. BARROS, D. **Ginástica rítmica: em busca de novos talentos**. Petrópolis: Portal Literário, 2006. 94 p.

NUNOMURA, M. NISTA_PICCOLO, V. L. A ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-194, maio 2003.

SANTOS, A. S. F. M. MESQUITA, I. M. R. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 276-281, jul./ago. 2010.

SANTOS, E. V. N. dos; LOURENÇO, M. R. A.; GAIO, R. **Composição coreográfica em ginástica rítmica: do compreender ao fazer**. Jundiaí: Fontoura, 2010. 127 p.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos**. 2009. 357f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

STADINIK, A. M; W. Um panorama da ginástica rítmica no Paraná. In: PAOLIELO, E.; TOLEDO, E. (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte Editora, cap. 8, p. 237-268, 2010.

THOMAS, J. R. & NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

CAPÍTULO 4

A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: ESTRUTURA TÉCNICA E ADMINISTRATIVA NO PERÍODO DE 1997 A 2012 NA VISÃO DE GINASTAS E TREINADORAS

RESUMO

Este estudo tem como objetivo registrar, por meio de depoimentos de ginastas e treinadoras da Seleção Brasileira de Conjunto (SBC) de ginástica rítmica (GR), os procedimentos de treinamento e os aspectos técnicos, assim como a estrutura administrativa ofertada nos últimos quatro ciclos olímpicos (1997 a 2012), apontando suas semelhanças e diferenças a fim de orientar futuras ações de organização dos treinamentos e da gestão da equipe nacional de conjuntos. Optou-se por metodologia de cunho descritiva utilizando como instrumento entrevista semiestruturada aplicada a 12 ginastas e a quatro treinadoras que fizeram parte da SBC no período do estudo. A análise de dados se deu por meio de estatística descritiva e análise de conteúdo, organizados com base nos temas geradores que nortearam as entrevistas: estrutura física, técnica e administrativa. Os resultados apontam o ciclo 2 como o período que reuniu melhores condições de ginásio, estadia e alimentação para as ginastas. Também se observou que os ciclos 1, 2 e 3 apresentam características muito parecidas em sua estrutura técnica com semelhanças na preparação física e técnica e diferenças na preparação tática. No que se refere à organização administrativa, as treinadoras são as grandes responsáveis pela condução das equipes em todos os ciclos, sendo os parceiros das sedes nos ciclos 1, 2 e 3 os gestores das questões administrativas locais, e apenas no ciclo 4 a responsabilidade foi total da Confederação Brasileira de Ginástica.

PALAVRAS-CHAVES: Ginástica Rítmica. Organização Esportiva. Atletas. Treinadores.

INTRODUÇÃO

A ginástica rítmica entrou para o rol dos esportes olímpicos em 1984 nas competições individuais e em 1996 nas competições de conjunto, mas a organização dos ciclos olímpicos da modalidade vem desde o seu reconhecimento que se deu em 1965. Atualmente está em andamento o 13º ciclo da GR com suas regras publicadas no Código de Pontuação da FIG (CRAUSE, 1984; LLOBET, 1998; LAFFRANCHI, 2001; LOURENÇO, 2003; GAIO, 2007; LOURENÇO, 2010; FIG, 2013/2016).

O Brasil participa das competições internacionais de conjunto desde 1973, mas só estreou no cenário olímpico no ano de 2000 por ocasião dos Jogos Olímpicos de Sydney, e é a partir deste ciclo que optamos por realizar nossa pesquisa, uma vez que também é neste período que as seleções nacionais de conjunto passaram a ser convocadas sistematicamente. Os ciclos têm início no ano seguinte à edição de uma Olimpíada, portanto, iniciamos o recorte de tempo em 1997 que é exatamente um ano após os Jogos Olímpicos de Atlanta e finalizamos em 2012 quando o evento ocorreu em Londres (CRAUSE, 1984; LISITSKAYA, 1995; LOURENÇO, 2010).

O esporte de alto rendimento necessita de estruturas organizadas e, no Brasil o órgão responsável pela GR nacional é a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), que em 1995 convocou²⁶ pela primeira vez uma seleção de conjuntos para participar dos Jogos Pan Americanos de Mar Del Plata, antes disso algumas experiências em convocar seleções ocorreram isoladamente apenas para campeonatos mundiais.

Sem estrutura, até então, para oferecer às equipes, a saída da CBG era qualificar²⁷ o conjunto do clube campeão na categoria adulta para representar o país. De acordo com Lourenço (2003) essa condição não impedia à treinadora qualificada fazer convites para ginastas de outros clubes comporem seu grupo e, conseqüentemente, elevar o nível técnico da equipe nacional, porém sem recursos financeiros, as idas e vindas de ginastas de outras regiões do país era impraticável.

A ausência de recursos financeiros para oferecer estruturas técnicas e de acomodação para as ginastas convocadas, e também projetos que pudessem acompanhar o nível técnico destas talvez fossem fatores que impediam a CBG de organizar mais vezes seleções oficialmente convocadas. Buscar soluções diferenciadas que oportunizem intervenções é um dos desafios encontrados na gestão do desporto. Se os sistemas desportivos não são capazes de acompanhar esta dinâmica, implica no impedimento de desenvolvimento natural, mesmo sabendo que para tal, há necessidades variadas, como tradição olímpica, estrutura organizacional, treinadores e

²⁶“Seleção convocada” é quando toda a organização técnica e financeira está a cargo da CBG.

²⁷ “Seleção qualificada ou transitória” é quando equipes campeãs dos Campeonatos Brasileiros Interclubes representam o país com autorização da CBG, porém sem apoio oficial no que diz respeito à supervisão técnica e aos custos dessa participação.

atletas de bom nível, e não apenas recursos financeiros (PIRES; SARMENTO LOPES, 2001; SCHIAVON; PAES, 2012).

Nesta perspectiva, as organizações (clubes, federações, associações, entre outros) devem ser entendidas como um sistema em que todos os recursos são administrados para a obtenção de resultados satisfatórios em nível de planejamento, liderança, organização e controle, uma vez que ao garantir um melhor funcionamento poderão influenciar com eficácia e eficiência nas conquistas esportivas (PIRES; SARMENTO LOPES, 2001).

De acordo com Lourenço (2003), o panorama na GR mudou em 1997, quando, ao perceber que havia reais possibilidades de medalhas nas competições de conjunto nos eventos continentais, a CBG oficializou a SBC em Londrina/PR convocando ginastas especificamente para o conjunto e ainda incluiu, a partir de 1998, as melhores ginastas individuais do país com intuito de elevar o nível técnico do conjunto.

O resultado do investimento veio com a medalha de ouro nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg/1999 que deu ao Brasil notoriedade no Continente Americano, repetindo o título em Santo Domingo/2003, Rio de Janeiro/2007 e Guadalajara/2011. Com resultados concretos, a SBC tornou-se permanente, passou a receber incentivos do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e chegou a três edições dos Jogos Olímpicos, sendo finalistas em duas delas, Sydney/2000 e Atenas/2004 (LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014).

Para Nunomura e Oliveira (2012), na ginástica artística brasileira o conceito de seleção permanente começou com a chegada de técnicos estrangeiros de currículo denso e o regime de concentração das melhores ginastas do país. Não muito diferente, na GR o que presenciamos é um conceito que também se fundamenta na concentração de ginastas, mas com alojamento apenas para as que não são de cidades sede, e dirigidas por uma treinadora nacional. A equipe vem se renovando anualmente, recebendo atletas que se encontram na categoria adulta vindas de todas as regiões do Brasil.

Atletas de elite percorrem fases ou estágios durante sua formação (iniciação, especialização, aperfeiçoamento e manutenção) e, em diferentes períodos, vivenciam

as mudanças de categorias, os diversos tipos de competição (regionais, nacionais e internacionais), as exigências dos treinadores, as convocações oficiais, a chegada à seleção nacional culminando com a participação em uma edição dos Jogos Olímpicos. Ginastas de GR passam em média oito anos no processo de formação até estarem aptas a assumir as exigências da categoria adulta (ROBEVA; RANKÉLOVA, 1991; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; PERES; LOVISOLO, 2006).

A característica de algumas ginastas integrantes da SBC nos remete à fase de aperfeiçoamento, pois chegaram recentemente à categoria adulta e foram selecionadas para integrar o grupo já em treinamento, entretanto carregam experiências em competições nacionais e internacionais vivenciadas nas categorias de base. Mas há também um grupo de ginastas que já conquistou títulos importantes junto à SBC, atendem às necessidades específicas da equipe e têm o foco no aprimoramento de sua técnica de execução, portanto encontram-se na fase de manutenção. Segundo Durand-Bush e Salmela (2002), neste período elas estão focadas nas competições mais importantes como Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos nos quais muitas sacrificam atividades pessoais e escolares para se concentrar apenas no treinamento específico para as competições.

Os resultados expressivos da SBC, que chegou ao “*Top 10* da FIG” no ano de 2014, não garantem que a estrutura oferecida seja parecida com a que encontramos nas grandes equipes internacionais, ainda esbarramos em dificuldades que possibilitem um treinamento de alto nível com foco único nas competições. Portanto, diante desta realidade, e tentando entender como as equipes nacionais de conjunto se organizam, questionamos: Quais fatores estruturais, técnicos e administrativos caracterizaram a Seleção Brasileira de Conjuntos nos últimos quatro ciclos olímpicos?

Diante do exposto, traçamos como objetivo deste estudo, registrar, por meio de entrevistas de ginastas e treinadoras da SBC, os procedimentos de treinamento e os comportamentos técnicos, assim como a estrutura administrativa ofertada nos últimos quatro ciclos olímpicos, apontando suas semelhanças e diferenças. Para tal, após a explanação da metodologia utilizada, apresentamos e discutimos os dados conjuntamente, tratando inicialmente da estrutura física, seguida da estrutura técnica e, por fim, da estrutura administrativa da SBC.

O Brasil passa por momentos em que o esporte como um todo está em evidência com a realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, oportunizando discussões acerca da organização e do treinamento de alto nível em instâncias e espaços diferenciados. Este estudo vem disponibilizar informações que podem contribuir com as reflexões relacionadas à GR para as equipes atuais e, em especial, para a nova geração de integrantes da SBC colaborando com melhores resultados em nível mundial, com qualidade técnica e estrutura mínima disponível.

METODOLOGIA

Com o intuito de registrar o contexto da SBC no período de 1997 a 2012, optamos por um estudo de cunho descritivo. Utilizou-se como técnica para a coleta de dados a entrevista semiestruturada, que oferece possibilidade de reformulações e esclarecimentos das questões oportunizando aos sujeitos espontaneidade e liberdade nos depoimentos (TRIVIÑOS, 1987; THOMAS; NELSON, 2002).

Como sugere Thomas e Nelson (2002) foi realizado um estudo piloto que oportunizou a realização de ajustes no roteiro. Do universo da pesquisa composto por ginastas e treinadoras, participaram 16 sujeitos, sendo quatro treinadoras contratadas pela CBG para dirigir a SBC no período proposto o que equivale a 100% da população e 12 ginastas (das 25 possíveis, ou seja, 48% da população), sendo as ginastas obrigatoriamente convocadas e participantes como titular de uma edição dos Jogos Pan Americanos e/ou dos Jogos Olímpicos contemplados no período da pesquisa. Por conveniência, para a amostra selecionamos três de cada ciclo olímpico, sendo as ginastas que demonstraram interesse e se colocaram a disposição em participar, tempo disponível para o estudo e facilidade de acesso, uma vez que nosso país tem dimensões continentais.

No Quadro 1 apresentamos as ginastas participantes do estudo. Enumeramos os ciclos de 1 a 4 para localizar as mesmas no contexto temporal da pesquisa e auxiliar no momento da discussão.

Quadro 1: Ginastas participantes do estudo.

Ginasta	Período na Seleção	Ciclo	Jogos Pan Americanos	Jogos Olímpicos
G1	1997 a 1999	1	XIII Jogos Pan Am de Winnipeg	-
G2	1997 a 2000	1	XIII Jogos Pan Am de Winnipeg	XXVII Jogos Olímpicos de Sydney
G3	1997 a 2004	1	XIII Jogos Pan Am de Winnipeg XIV Jogos Pan Am de Santo Domingo	XXVII Jogos Olímpicos de Sydney XXVIII Jogos Olímpicos de Atenas
G4	2000 a 2003	2	XIV Jogos Pan Am de Santo Domingo	XXVII Jogos Olímpicos de Sydney
G5	2003 a 2004	2	XIV Jogos Pan Americanos de Santo Domingo	XXVIII Jogos Olímpicos de Atenas
G6	2004	2	-	XXVIII Jogos Olímpicos de Atenas
G7	2005 a 2008	3	XV Jogos Pan Am do Rio de Janeiro	XXIX Jogos Olímpicos de Pequim
G8	2007	3	XV Jogos Pan Am do Rio de Janeiro	-
G9	2007 a 2012	3	XV Jogos Pan Am do Rio de Janeiro XVI Jogos Pan Americanos do Guadalajara	XXIX Jogos Olímpicos de Pequim
G10	2011 a 2012	4	XVI Jogos Pan Am do Guadalajara	-
G11	2011 a 2012	4	XVI Jogos Pan Am do Guadalajara	-
G12	2011 a 2012	4	XVI Jogos Pan Am do Guadalajara	-

A média de permanência das 12 ginastas entrevistadas na SBC é de aproximadamente cinco anos, sendo que G3 e G9 participaram de duas edições dos Jogos Pan Americanos e apenas G3 foi a dois Jogos Olímpicos. O Quadro 2 apresenta as treinadoras que estiveram à frente da SBC no período destacado. Há grande variabilidade de tempo frente à equipe nacional, de dez meses a oito anos, sendo que T1 dirigiu a equipe por dois ciclos completos e apenas T3 não esteve à frente da equipe em um dos jogos oficiais.

Quadro 2: Treinadoras participantes do estudo.

Treinadora	Período na seleção	Ciclo	Principais eventos que dirigiu a Seleção Brasileira de Conjuntos
T1	1997 a 2004	1 e 2	XIII Jogos Pan Americanos de Winnipeg / XIV Jogos Pan Americanos de Santo Domingo / XXVII Jogos Olímpicos de Sydney / XXVIII Jogos Olímpicos de Atenas
T2	2005 a 2010	3 e 4	XV Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro / XXIX Jogos Olímpicos de Pequim
T3	2010	4	Pré-olímpico para XXX Jogos Olímpicos Londres (1º fase)
T4	2010 a 2012	4	XVI Jogos Pan Americanos do Guadalajara / Pré-olímpico para XXX Jogos Olímpicos Londres (2º fase)

O primeiro passo para a coleta dos dados com as ginastas se deu por contato via e-mail e pela rede social *Facebook*. Já com as treinadoras, o contato foi via e-mail e telefone. Após aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá sob o nº 739.303 (Anexo A) e assinatura de Autorização (Apêndice A) e Termo de Consentimento Livre Esclarecido de todas as envolvidas (Apêndices B e C), deu-se início aos agendamentos das entrevistas, todas realizadas pela própria pesquisadora nas residências dos sujeitos ou ainda em eventos específicos no decorrer de 2014.

O roteiro das entrevistas (Apêndices I e J) foi elaborado seguindo os temas geradores e seus respectivos tópicos de análise, a saber: 1) Estrutura física - ginásio (todas as áreas de treinamento); alojamento; refeitório; 2) Estrutura técnica - constituição da equipe técnica; descrição do treinamento diário; 3) Estrutura administrativa - organização administrativa relacionada aos documentos, viagens, estudos e questões financeiras.

Para dar início à análise dos dados, a primeira ação adotada foi a transcrição de todas as entrevistas pela própria pesquisadora imediatamente após a realização das mesmas. Procuramos ter cuidado com a subjetividade na interpretação dos dados, embora alguns autores acreditem que a interpretação pessoal é um diferencial desde que não aconteça julgamento de valores e/ou análises baseados nas experiências do próprio pesquisador (TRIVIÑOS, 1987).

Na análise dos dados optamos por estatística descritiva que tem por objetivo a coleta, redução, análise e modelagem dos dados, e a partir da obtenção destes itens é possível realizar a inferência para a população da qual se obteve os dados (BUSSAB; MORETTIN, 1987). Também utilizamos análise de conteúdo elaborando categorias, como técnica de organização e de redução das informações coletadas nas entrevistas.

Assim, oportunizamos a visualização da presença, ou frequência, dos núcleos de sentidos nos ciclos pesquisados, encontrando nas respostas dos sujeitos os dados que vão ao encontro dos tópicos de análise pré-estabelecidos (BARDIN, 1977).

Para facilitar o entendimento e discussão das categorias dentro dos temas pré-estabelecidos, organizamos os mesmos em formato de quadros (Apêndice M).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados serão apresentados e seguidamente discutidos em três momentos distintos: Estrutura Física envolvendo as questões relacionadas ao ginásio, alojamento e local de alimentação; Estrutura Técnica do treinamento geral e da composição da equipe técnica e Estrutura Administrativa no que se refere à documentação e estudos.

Estrutura física

O espaço físico necessário para a iniciação esportiva em GR é muito simples, uma sala com ou sem tapete, materiais alternativos e um aparelho de som. Por este motivo, é uma modalidade de fácil inserção nas escolas. Mas para o treinamento de alto rendimento as exigências vão muito além de um tapete 13x13m e aparelhos importados. Quando tratamos de seleções nacionais, logo pensamos em grandes centros de treinamentos ou complexos esportivos organizados para atender o atleta em todas suas necessidades, mas no discurso das ginastas e treinadoras da SBC não é este cenário que se apresenta.

Ao tratar os dados, encontramos espaços variados nos diferentes ciclos no que se refere à estrutura ofertada para o treinamento. O Quadro 1 apresenta as categorias em três partes: ginásio, alojamento e refeitório. O item da legenda “Contempla parcialmente” significa que o dado relaciona-se a alguns anos dentro do ciclo e será utilizado para todos os quadros.

Quadro 3: Ginásio, alojamento e refeitório.

Categorias		C1	C2	C3	C4
G I N Á S I O	Ginásio exclusivo para treinamento com tapete/som ambiente	■	■	■	■
	Ginásio com tablado	■	■	■	■
	Materiais básicos para treinamento	■	■	■	■
	Ginásio e alojamento próximos	■	■	■	■
A L O J	Alojamento amplo e mobiliado	■	■	■	■
	Funcionária para limpeza do alojamento e segurança/porteiro	■	■	■	■
	Ginastas locais e/ou treinadoras morando no alojamento	■	■	■	■
R E F E I T	Café da manhã no próprio alojamento	■	■	■	■
	Almoço em restaurante	■	■	■	■
	Refeições no próprio alojamento / Kits de alimentação prontos	■	■	■	■
	Jantar em local apropriado	■	■	■	■

Legenda ■ Contempla ■ Contempla parcialmente □ Não contempla

Em relação ao ginásio, **a exclusividade de um espaço de treinamento apenas para a SBC com tapete e som ambiente** só ocorreu completamente nos ciclos 1 e 2. No ciclo 3, apenas no último ano (2008) a equipe treinou em um ginásio próprio e no ciclo 4 este fato aconteceu em 2011 e 2012. “Então, tinha o ginásio, que era para o centro de excelência em ginástica, era só pra ginástica, estava disponível pra gente” (G10).

O ginásio, nessa época, com certeza era o melhor ginásio do país, pelo menos eu, nunca tinha visto uma estrutura fixa, onde a gente não precisava enrolar e desenrolar tapetes, o ginásio era só da GR mesmo, não tinha esse negócio de troca de esporte, a gente não tinha que sair correndo para o outro esporte entrar, porque no meu clube a gente tinha que sair a base da bolada, porque logo depois vinha o futsal [...] (G1).

A grande dificuldade em não ter um espaço específico para o treinamento da GR está na necessidade de montar e desmontar o tapete, atividade realizada pelas próprias ginastas antes e depois do treino, pois os ginásios poliesportivos são utilizados por outros esportes em outros horários. Antualpa (2011, p. 81) considera que centros de treinamento são os espaços para a prática das modalidades esportivas e “[...] visam incentivar o desenvolvimento e permanência de atletas de alto rendimento no território nacional, propiciando instalações esportivas compatíveis com as necessidades do esporte de alto rendimento”. Em seus estudos encontrou quatro espaços autointitulados de centros no país com estas características que são a Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) em Londrina, a Sadia em Toledo, ambos no Paraná, o Clube dos Oficiais em Vitória, Espírito Santo e o Centro Nacional de Treinamento em GR em Aracaju, Sergipe.

Mazzei et al. (2012) consideram que Centros de Treinamento devem ter boas instalações esportivas, citam que em 2010 o COB indicou que 17 confederações nacionais possuíam centros de treinamento e entre elas estava a CBG, embora não tenham sido encontrados indícios que estes centros ofertavam exatamente o necessário para preparação de atletas de alto rendimento, acreditamos que em relação à GR, na CBG o centro em questão é exatamente o mesmo dos estudos de Antualpa (2011) localizado em Aracaju, cidade sede da própria CBG e citado como centro de excelência por G10.

Até a década de 1980 era muito comum que as equipes de GR treinassem e competissem em ginásios poliesportivos sem a utilização de tapetes, a área de 12x12m (atualmente é 13x13m) era demarcada com fitas adesivas. Treinar diretamente no chão não implicava em exercícios mais simples, as coreografias eram executadas dentro das exigências do código da época, elaborado para equipes do mundo todo, portanto as lesões, principalmente nos pés, eram corriqueiras. Por volta de 1987 alguns clubes passaram a adquirir tapetes, mas, como nas falas das ginastas da SBC, todos os dias havia a necessidade de desenrolar e enrolar o mesmo, uma vez que ginásios próprios para a prática da GR não existiam no Brasil.

Somente em 1990 tivemos no Brasil a primeira competição nacional com tapete, por ocasião do Campeonato Brasileiro de Clubes da categoria adulto em Londrina/PR. Vale dizer que a autora deste estudo foi sujeito dessa parte da história, uma vez que participou do campeonato em questão como ginasta.

Além do tapete, o tablado também é um componente importante para o treinamento, deve ser composto de materiais próprios para promover amortecimento, diminuindo o impacto na execução dos exercícios, principalmente dos saltos, e ao mesmo tempo garantindo estabilidade aos elementos de *pivot*²⁸ (FIG, 2015).

Apenas no ciclo 1 não havia **Ginásio com tapete e tablado** e de acordo com a treinadora deste período, para evitar que as ginastas se machucassem foi providenciado um material alternativo para ser colocado embaixo do tapete: “No começo não tinha tablado, compramos uma borracha de pneu de caminhão, aquelas gigantes, porque era um ginásio de cimento. Cobrimos o piso com essa borracha e coloquei o tapete em cima” (T1). No ciclo 2, a equipe recebeu tablado oficial da CBG.

Quando eu comecei não tinha aquele tablado. Eu lembro que o tablado chegou depois e foi a sensação! Antes era um tapetinho só, que tinha uma borracha preta bem grossa. E era o ginásio que existia desde que eu nasci lá, né! (G4).

No ciclo 3, as ginastas tiveram tablado apenas em 2005 e 2008, isso aconteceu porque neste período a SBC treinou em quatro diferentes ginásios, começando em Vila Velha e depois foram efetivamente para Vitória. “Ficamos uns

²⁸ *Pivots* são elementos de rotação mínima de 360 executados sobre a meia ponta de um pé com forma ampla, fixa e definida (Lourenço, 2010).

quatro ou cinco meses em um ginásio, e aí, antes do Pré-pan²⁹ mudamos pra outro, que já era mais alto, mas aí não tinha o tablado”. No ano de 2008 e 2009, a equipe contou com dois tablados, fato que aconteceu também no final do ciclo 4.

Até que o outro ginásio ficou pronto, só pra ginástica, lá tinham dois tablados, com carpete, barra, espelho, banheiro. Então daí ficou nosso cantinho, e foi até o final de 2008, e 2009 ficaram nesse mesmo ginásio (G8).

Em todos os ciclos, os ginásios continham **materiais básicos para o treinamento** de GR, tanto para a preparação física quanto pra o treinamento técnico que são os mesmos de competição. Barras para *ballet*, espelhos, espaldar, parede com espelhos, colchão gordo, banco sueco, colchonetes, trampolim são alguns dos materiais citados pelas entrevistadas, mesmo que estes tenham sido adquiridos durante o tempo que a SBC permaneceu no local.

E ali nós fazíamos as aulas de balé, preparação física tudo naquele espaço, era uma quadra dividida ao meio, de um lado tinha um tablado, do outro lado não tinha nada, era chão duro, e ai nós tínhamos espaldar, a barra do balé e aqueles colchões gordos, e colchonetes (G8).

A gente tinha os materiais da ginástica, os aparelhos. Agora, outros como o colchão, foram adquiridos ao longo do ano. Havia uma mobilização pra se conseguir uma melhora da estrutura. Em 2011 tudo foi sendo conseguido aos poucos, mas com mais de agilidade, até porque acho que eles se organizaram um pouco melhor (G9).

Não há bons aparelhos oficiais da GR confeccionados no Brasil. Os arcos, bolas, maçãs e fitas³⁰ utilizados pela SBC são, em sua totalidade, materiais importados de empresas europeias e/ou asiáticas, tanto para os treinamentos quanto para as competições. É muito comum, inclusive em competições nacionais, as categorias de base já utilizarem aparelhos Sasaki, Chacott, Pastorelli³¹, entre outros.

No ano de 2010, T3 afirma ter recebido os aparelhos importados novos para competir no Campeonato do Mundo de Moscou apenas no dia do treinamento oficial do evento, fato preocupante, pois a necessidade de aquisição destes materiais com

²⁹ Campeonato Pan Americano de Ginástica Rítmica da categoria adulto realizado em Vitória no ano de 2005, também um evento Pré Jogos Pan Americanos, por isso a denominação de Pré-Pan.

³⁰ O aparelho corda não faz parte das competições oficiais da categoria adulta desde 2009, apenas para as categorias de base (BERNARDI; LOURENÇO, 2014).

³¹ Marcas internacionais que produzem e vendem materiais de GR.

antecedência é imprescindível para a qualidade do treinamento e, conseqüentemente, para o melhor desempenho na competição, uma vez que a ginasta deve estar familiarizada com o aparelho a ser utilizado no dia da competição. Este fato demonstra total falta de planejamento dos envolvidos no processo, visivelmente uma ausência de diálogo entre responsáveis técnicos e gestores.

Em se tratando da **localização do ginásio**, nos ciclos 1, 2 e 4, ginásio e alojamento (residência) estavam muito próximos um do outro, o que facilitava a logística diária das ginastas. “Então, o alojamento era uma casa grande, na rua de trás da UNOPAR, bem pertinho” (G5). Apenas no ciclo 3 a distância entre ambos era considerável, porém as ginastas dispunham de transporte para chegar ao local de treino e retornar para casa. “Em Vitória tínhamos o transporte que buscava a gente de manhã, e por isso tinha que acordar no mínimo uns 30, 40 minutos mais cedo do que se fosse do lado do ginásio” (G9).

Todos os ciclos apresentaram dificuldades com as condições gerais dos ginásios, pois havia problemas com a altura do teto (baixo ou curvado). As normas para os aparelhos oficiais da FIG (2015) trazem as medidas adequadas para o espaço de competição sendo tapete 13x13m com 50 cm de segurança e uma altura mínima de 8 metros (para campeonatos do mundo são 12m). A questão mais preocupante referente aos ginásios era que, mesmo tendo a altura mínima estabelecida pela FIG, estes continham vigas que atrapalhavam os lançamentos e, muitas vezes, o aparelho ficava preso no teto, atrasando o treinamento. Problemas de estrutura, em relação a paredes vazadas, ventilação, iluminação, algumas vezes obras durante o período do treino e também em relação ao tamanho para comportar ginastas titulares e ginastas reservas foram mencionadas pelas ginastas:

Uma lembrança ruim que eu tenho do ginásio era o teto, as paredes laterais eram exatamente o limite do tablado, então a gente treinava em condições bem diferentes de quando a gente ia competir e isso atrapalhava muito o resultado. Quando eu era reserva não treinava no tablado principal, era uma faixa de tapete atrás e aí já era barra de *ballet*, não tinha tablado, não tinha tapete, não tinha nada (G5).

Quando nós chegamos, treinávamos dentro da universidade em Vitória, era um ginásio que não tinha altura, era baixo, tinha viga, mas tínhamos o tablado. E o ginásio era todo aberto, de tijolinhos furados, por isso ventava muito e na época a gente trabalhava com fita, era muito

complicado. Depois acabou mudando pra outro ginásio dentro da universidade que era já um ginásio maior (G8).

Porém, em todos os ciclos os ginásios foram sendo adaptados, criando assim uma estrutura melhor para o treinamento das ginastas, o ciclo 2 é o que aparentemente ofereceu melhores condições para a equipe Encontramos em todos os ciclos semelhanças com a estrutura física apresentada por Antualpa (2011): estruturas específicas para a prática da GR; tabladros oficiais e altura viável (ressalva para as vigas); barras e espelhos; bancos, colchonetes e espaldares.

Duas ginastas comentaram sobre o desejo de ter um ginásio climatizado, fato comum nos países da Europa e América do Norte devido ao frio intenso nestes locais. No caso do Brasil a necessidade ocorre exatamente pelo excesso de calor nos locais de treinamento, em especial na região nordeste do país, onde atualmente se encontra a sede da SBC. De acordo com Antualpa (2011), o único ginásio de GR climatizado no Brasil se encontra no centro de treinamento da Sadia / Prefeitura de Toledo / SESI no Paraná. Em visita ao Centro de Treinamento da CBG no mês de junho de 2015 o Ministro dos Esportes, prometeu climatizar o ginásio em que atualmente treina a SBC.

Em se tratando dos alojamentos, assim que as seleções permanentes se organizaram, as instituições sedes ou a própria CBG se responsabilizaram pelas estadias das ginastas e quando necessário das treinadoras também. Em relação ao **espaço físico** destinado às atletas, percebemos que em todos os ciclos adquiriu-se um imóvel, casa ou um apartamento, como já apresentado anteriormente nos ciclos 1, 2 e 4, estes imóveis ficavam próximos ao local de treinamento. “Não era um alojamento, era casa, que no início não tinha tanta coisa, que foi melhorando e depois no final tinha três ou quatro quartos, com suíte, então era um bom local para as meninas” (G3).

Em geral eram residências amplas, mas dependendo do número de ginastas a quantidade de dormitórios era questionável. “A única questão era que um apartamento com três quartos para 10 meninas, então eu dividia quarto pequeno com mais duas, um beliche e uma cama, não tinha espaço pra colocar tuas coisas, ficava tudo amontoado” (G9).

Percebe-se nas falas das entrevistadas do ciclo 1 e 2 um carinho na decoração e nas ginastas do ciclo 3 uma agradável atenção com a localização. “Morávamos em um apartamento novo e bem localizado, com toda estrutura

necessária” (G7). Em ambos os casos a escolha e/ou supervisão era direto da treinadora.

[...] uma casa que era perto do ginásio, e que pudesse suprir sete meninas de 15 anos, ai ele encontraram uma casa bem bonitinha, e pintaram um quarto de cada cor, bem casinha de boneca mesmo, e a gente vivia feliz (risos) (G1).

Em Vitória, o apartamento tinha localização ótima. Eu lembro que a gente conseguia ter uma vida muito boa fora da ginástica, porque ficávamos perto do shopping e próximo da praia, e isso fazia muita diferença pro nosso descanso, porque descansar não é só o corpo, a gente tem que descansar a cabeça também. [...] (G9).

Também em todos os ciclos houve a preocupação com a **segurança e a limpeza com contratação de pelo menos uma funcionária** que cuidava dos assuntos domésticos. Nos prédios (ciclos 3 e 4) a presença do porteiro representava a segurança do local e quando eram casas, no caso dos ciclos 1 e 2, seguranças contratados faziam a ronda durante a noite.

Elas moravam no alojamento, que tinha uma senhora que cozinhava e cuidava delas, tinha um segurança que ficava ali na porta no final de semana (G3).

A gente tinha uma empregada, não para alimentação porque a gente almoçava em restaurante. Ela cuidava da limpeza, dos uniformes, da roupa (G8).

O ritmo diário dos treinamentos e o pouco tempo de descanso aliado às saídas correndo para as aulas foram fatores que levaram **ginastas que eram da cidade sede morar nos alojamentos**, isto aconteceu nos ciclos 1 e 2. “A gente ficava por lá durante a semana, e final de semana íamos pra casa, porque eu morava muito longe, então pra mim era mais fácil, não tinha que acordar tão cedo pra ir treinar.” (G6).

Também durante estes dois ciclos, **treinadoras estrangeiras que colaboraram no trabalho da SBC se hospedaram na mesma residência que as ginastas**. “No andar de baixo ficava um quarto que, sempre que vinha técnico de fora, se hospedava lá” (G5). Apresentaremos dados sobre estas profissionais quando discutirmos a estrutura técnica na SBC. No ciclo 4, por ocasião da sede da SBC ser em Aracaju, cidade em que a CBG também se transferiu, pela primeira vez as **treinadoras não estavam em suas cidades e foi necessário providenciar um local para que as mesmas pudessem morar**. “Morávamos no mesmo prédio, eu em um apartamento no

quinto andar, e elas no oitavo andar” (T3). O fato de a treinadora morar no mesmo prédio que as ginastas, mas em apartamento próprio, é bastante positivo em relação ao contato rápido com as mesmas e as possibilidades de auxiliar em qualquer necessidade. Porém, em alguns momentos não foi possível manter a moradia em espaços separados: “Bom, quando eu fui convidada pra ser técnica interina, me colocaram nesses 20 dias no quarto da empregada da casa das ginastas. Então pra mim foi bem decepcionante, lembro que quase voltei (risos)” (T4).

A jornada de trabalho da treinadora é extenuante, a mesma preocupação com o conforto das ginastas deve existir com as profissionais evitando, assim, enfrentamentos desnecessários extra treinamento. Com o tempo, a estrutura foi melhorada, atualmente a treinadora da SBC em Aracaju vive em um apartamento, com a família, no mesmo prédio que as ginastas. Pudemos presenciar que são apartamentos espaçosos, com mobiliário novo, e embora não seja perto do ginásio, a localização é bastante interessante para os momentos de lazer das ginastas.

Em relação ao refeitório ou local de alimentação, em todos os ciclos as ginastas realizavam o **café da manhã no próprio alojamento**. Na maioria das vezes os produtos já estavam armazenados nas casas e cada ginasta se ocupava da organização da sua alimentação, salvo nos casos em que as funcionárias também cuidavam desta tarefa. “A gente tomava café da manhã no apartamento mesmo, coisas que a CBG comprava durante a semana” (G12).

O café da manhã a gente recebia toda semana, então vinha fruta, leite, pão, biscoito, sucrilhos e iogurte. E aí a responsável tomava conta de manhã, pra que ninguém ficasse sem comer, apesar de que, com a gente não tinha muito problema com isso também não (G8).

É necessário ressaltar a importância desta alimentação, pois as ginastas passavam a manhã toda em treinamento sem intervalo para lanche. Embora possamos perceber a variedade presente na última fala descrita, sabemos que a necessidade de fazer dieta e a pesagem diária no ginásio não colaborava para uma refeição tranquila e adequada logo pela manhã, “A gente acordava, pensava se ia tomar café ou não, dependendo cada uma da sua situação [...]” (G4). Para Bortoleto; Bellotto e Gandolfi (2014) vegetais e frutas contribuem na regulação do índice glicêmico das refeições e são as principais fontes de vitaminas e minerais que interferem diretamente no

metabolismo de produção de energia, por isso são alimentos altamente recomendados para atletas e devem ser ingeridos a partir do café da manhã.

O **almoço foi servido em restaurante**, mesmo que parcialmente, durante todos os ciclos e, em especial nos ciclos 3 e 4, isso se sucedeu todos os dias em restaurantes próximos do local do treinamento, sendo que no ciclo 4 a proximidade também era do alojamento. O grande problema de comer todos os dias em restaurante é que mesmo com uma boa variedade, inevitavelmente com o tempo o tempero vai cansando e o apetite diminuindo no momento da refeição.

No início tudo era ótimo, porque no restaurante têm muitas possibilidades, mais variedades do que você teria dentro de casa. Mas com o tempo, acaba enjoando. Foram tentado algumas soluções, de comprar comida diferente, final de semana, por exemplo (G9).

Almoçar e jantar em casa foi uma opção em alguns momentos dos ciclos 1 e 2, as ginastas voltavam para o alojamento após a primeira sessão de treino e já encontravam a refeição pronta, feita pela funcionária que seguia as recomendações de uma nutricionista. Embora não fossem cardápios individualizados, eram alimentos próprios para suprir a necessidade energética das atletas. “A senhora fazia exatamente o que a gente precisava comer para treinar bem, porque ginasta jovem não entende o que pode e não pode comer” (G1).

Nestes mesmos ciclos houve vários formatos para a alimentação, a princípio almoçavam em restaurante, depois passaram a **comer no próprio alojamento** e, especificamente, no ciclo 2 passaram a receber **kits de alimentação** prontos, com cardápio idealizado por uma nutricionista que não tinha contato diretamente com as ginastas. Os kits vinham da cidade sede da CBG, que no momento era em Curitiba.

Como os kits vinham nominados, acreditamos que o cardápio era individualizado, e este foi o único ciclo entre todos da SBC que as ginastas tiveram todas as refeições respeitadas, com pausa para alimentação durante as sessões de treinamento e ceia, pois era à noite o momento mais difícil de seguir a dieta rigorosa para manutenção de peso, de acordo com muitos depoimentos e reforçado em Porpino (2004, p. 123), “A alimentação é balanceada por uma nutricionista, mas há casos em que as ginastas são flagradas escondendo pizzas dentro dos armários, para satisfazerem o apetite à noite”.

Primeiro a gente comia no restaurante dentro da UNOPAR por quilo. Depois a gente teve uma nutricionista que fez um cardápio, e essa pessoa dentro do alojamento cozinhava conforme o cardápio. E uma terceira fase, que foi contratada uma empresa que mandava as marmitas prontas, ai eram café, lanche da manhã, lanche da tarde, almoço, jantar e ceia, essa empresa mandava toda a comida igual pra todo mundo (G5).

Durante o ciclo 3 as ginastas não conseguiam voltar para casa após o treino, pois como já informado ginásio e residência não eram próximos, então as ginastas não conseguiam realizar o **jantar em local apropriado**, “cada ginasta tinha um valor que poderia utilizar pra jantar ali, então cada uma fazia seus lanches na faculdade” (G9). Alimentação imprópria realizada em qualquer espaço provoca comportamento alimentar equivocado e afeta diretamente o estado nutricional das ginastas e, conseqüentemente, o desempenho atlético (BORTOLETO; BELLOTTO; GANDOLFI, 2014).

Infelizmente, sabemos das dificuldades encontradas ainda hoje para adequar toda a organização de treinos e estudos com alimentação regrada, este é um desafio a ser vencido. No início do ciclo 4 as ginastas organizavam a alimentação para o jantar no horário do almoço, ou seja, elas faziam uma marmita com o que iriam comer após o treinamento.

As condições estruturais que a SBC teve ao longo dos 16 anos aqui registrados estão longe de ser a ideal, mas nos depoimentos percebemos que as críticas são sempre amenizadas em detrimento do entendimento de que quase sempre tudo é muito amador e que esforços e sacrifícios se fazem necessários, e que com o tempo tudo vai melhorar:

Um apartamento grande, com restaurante do lado e com o ginásio no quarteirão seguinte. Eu acho que isso, facilitou bastante e hoje eu estou tentando mudar, fazendo o almoço dentro do apartamento das meninas, pra ser um pouco mais saudável pra elas e mais aconchegante, parecendo que está em casa talvez³² [...] (T4).

Schiavon e Paes (2012) também por meio da visão de ginastas brasileiras olímpicas, porém de ginástica artística, chegaram à conclusão de que independente das gerações que pertenceram, todas passaram por situações de infraestruturas que não eram as ideais de treinamento, consideradas inclusive como precárias para um bom rendimento em Campeonatos do Mundo e Jogos Olímpicos. Concordamos com os

³² Como T4 é a treinadora atual da SBC, refere-se ao ano de 2014.

autores e acrescentamos que, situações vivenciadas tanto na ginástica artística como na GR em ciclos passados, podem ser consideradas inacreditáveis para as seleções brasileiras da atualidade, que contam com estruturas melhores de uma forma geral.

Estrutura técnica

Para apresentar os dados relacionados à estrutura técnica e, posteriormente, proporcionar uma discussão abrangente, dividiu-se o assunto em dois quadros distintos: a) equipe técnica; b) treinamento.

Quadro 4: equipe técnica

		Categories	C1	C2	C3	C4
Equipe		Treinadora responsável	■	■	■	■
		Auxiliar técnica	□	■	■	■
		Professora de <i>ballet</i>	■	□	■	■
		Treinadora estrangeira e/ou estágio internacional	■	■	■	■
		Acompanhamento médico e fisioterápico	■	■	■	■
		Acompanhamento psicológico	■	■	□	□
		Acompanhamento de nutricionista	□	■	□	□
	Legenda		■ Contempla	■ Contempla parcialmente	□ Não contempla	

Equipes multidisciplinares são cada vez mais frequentes em centros de treinamento de alto rendimento e o aperfeiçoamento técnico desta equipe, invariavelmente composta por treinador, auxiliares, preparador físico, nutricionista, fisioterapeuta e médico é claramente exigido. Na busca constante por melhores resultados e conquistas, o desporto passa por transformações em seus conceitos e análises, e cada vez mais a interdisciplinaridade entre áreas diversas e afins se torna necessária. No entanto, o programa de treinamento deve também representar a experiência, coragem, intuição, habilidade do treinador em obter o melhor de seu atleta (VIEIRA; BOTTI; VIEIRA, 2005; PERES; LOVISOLO, 2006).

Nos quatro ciclos pesquisados a **treinadora responsável** é a presença profissional mais marcante da SBC. Assim como o treinamento de conjunto não é igual ao treinamento do individual na GR, o treinador de conjunto também é diferenciado e para Lourenço e Barbosa-Rinaldi (2014) é a figura responsável por renovar a energia do grupo diariamente, sua liderança é primordial para que o foco não se perca, uma vez que a unidade da equipe deve ser mantida para que o treino tenha fluência e eficiência.

A treinadora na SBC planeja e planifica o treinamento, escolhe a música e o modelo do *collant*, elabora a coreografia com criatividade e originalidade com as exigências técnicas, e ainda a treina minuciosamente, pois tem que ter a certeza de que cada ginasta estará no local correto no momento exato de uma troca ou uma colaboração de risco. A função de treinadora na GR necessita de qualidades que não se adquirem apenas com estudo ou dedicação, pois inclui dimensões estéticas como apreciação crítica, bom gosto, sensibilidade e a flexibilidade adaptativa (PORPINO, 2004; LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014).

Assim como Laffranchi (2001) afirma que as inúmeras situações de trabalho no treinamento de alto rendimento estão pautadas nas emoções humanas e relações interpessoais exigindo do treinador bases sólidas de relacionamento, na SBC a treinadora é vista como uma referência e assume funções que vão além de conhecimentos técnicos específicos da modalidade ou da ciência do treinamento desportivo, atendendo às necessidades da equipe no que se refere à estadia, alimentação e questões burocráticas. Peres e Lovisolo (2006) corroboram com a ideia de que aspectos fundamentais como liderança e bom relacionamento com os atletas compõem o repertório de um bom treinador.

Basicamente as comissões técnicas em todos os ciclos eram compostas além da treinadora, pela **auxiliar técnica e uma professora de *ballet*** e algumas vezes por **treinadoras estrangeiras**. No ciclo 1 não havia a presença da auxiliar porém as aulas de *ballet* eram ministradas por uma profissional especializada: “Eu lembro que era uma professora de *ballet* que não tinha experiência nenhuma em GR, foi aprendendo sobre a modalidade aos poucos” (T1). O perfil de um profissional para atuar diretamente com o *ballet* e a GR no Brasil foi sendo construído aos poucos, embora na Europa este professor já estivesse incorporado na equipe técnica desde sempre. Agostini e Novikova (2015) alegam que as aulas de *ballet* na GR devem ser adaptadas buscando uma aproximação com os elementos específicos da modalidade.

No ciclo seguinte, ainda com a mesma treinadora responsável, foi contratada como auxiliar e responsável pela preparação física a ex-ginasta Camila Ferezin (que viria ser a treinadora da SBC em 2010), “Então pela primeira vez eu pude respirar, porque eu tinha com quem dividir a responsabilidade” (T1). Percebemos na fala de T1 a

importância de ter um profissional a mais no dia a dia do treinamento, aliviando assim o excesso de tarefas até então de responsabilidade única da treinadora chefe. Porém neste período não houve a figura da professora de *ballet*.

Ainda no ciclo 1 surge a presença de uma treinadora estrangeira, “Durante o tempo que ficamos na seleção, a gente fez bastante estágio com treinadoras de fora, que foi muito bom” (G1). A contratação das profissionais era de responsabilidade da CBG e as mesmas tinham a função de colaborar com o treinamento em geral das equipes nacionais. “Eu tive auxílios pontuais de técnicas estrangeiras, elas vinham, ficavam seis meses e iam embora” (T1).

A presença de treinadoras estrangeiras contribuiu para melhorar a técnica corporal das nossas ginastas e também na obtenção de conhecimentos técnicos na elaboração de coreografias. Lourenço (2003) acredita que a treinadora búlgara Ludmilla Dimitrova tenha sido a primeira técnica estrangeira a trabalhar com uma SBC oficialmente convidada pela CBG, isso em 1987, quando ela passou aproximadamente três meses auxiliando a técnica nacional na organização do treinamento como um todo. Dentro do período da pesquisa, a primeira colaboração internacional veio em 1999 com a chegada da ucraniana Ludmilla Kovalik que forneceu muitas informações para a preparação física em especial: “A Ludmilla abriu nosso horizonte em relação ao trabalho corporal. Ela mostrou outras formas de se ganhar uma qualidade corporal mais rapidamente, e isso nos ajudou muito” (T1).

Ianna Arintseva da Rússia esteve no ano em que Brasil estreou em competições olímpicas de conjunto (2000), o trabalho extremamente técnico colaborou diretamente para a oitava colocação da equipe brasileira. Marina Ignatova, também russa, esteve presente nos treinamentos da equipe nos anos de 2001 e 2002 (LOURENÇO, 2003; GAIO, 2007).

Então, na época que eu entrei, a Camila Ferezin tinha acabado de assumir como auxiliar técnica, ela dava preparação física e a Bárbara ficava com a parte coreográfica. Às vezes eram só as duas, às vezes tinha técnico de fora, que vinha e passava um ano aqui. (G5).

“Eu era a treinadora, assistente técnica era a Juliana Coradine e a professora de *ballet* era a Josiane Freire, sempre essas três pessoas” (T2), essa era a equipe durante o ciclo 3. Embora a professora de ballet não acompanhasse a equipe

nas competições fora do país, a auxiliar técnica teve a oportunidade de vivenciar todos os aspectos do treinamento e das competições, inclusive nos eventos mais importantes no ciclo: “Campeonatos do Mundo a Juliana sempre foi e nos Jogos Olímpicos³³ também, e Copas do Mundo algumas, mas a maioria eu ia sozinha com elas” (T2). Este fato já havia ocorrido no ciclo anterior quando Camila Ferezin, mesmo sendo auxiliar, acompanhou a SBC nos Jogos Olímpicos de Atenas/2004.

Outra particularidade do ciclo 3 foram os estágios no exterior, uma média de dois a três em cada ano e o destino sempre eram os centros de treinamento da Bulgária, que de acordo com Llobet (1998) juntamente com a Rússia é um país pioneiro na GR, ambas com estilos próprios e diferenciados. “Todas às vezes nós fomos para a Bulgária. Nossa preparação pode se dizer que 50% tem muito a ver com o *knowhow* da Bulgária” (T2). Mesmo assim, a SBC neste período também recebeu a treinadora búlgara Lili Ignatova em dois momentos, em especial para montagem de coreografias. Para Peres e Lovisolo (2006), na fase em que se encontram as ginastas da SBC, a fase de aperfeiçoamento, o intercâmbio com equipes internacionais surge como fator importante para o reforço da qualificação técnico-tática.

O ciclo 4 conta com três momentos bem diferenciados em organização técnica, o primeiro com T2 que permaneceu com a equipe de trabalho similar ao ciclo anterior, isso em 2009; o segundo momento, em 2010, com a treinadora búlgara Giurga Nedialkova e como ela mesmo afirma: “Era só eu e a professora de *ballet* no ginásio, quando viajava fora ia uma árbitra da CBG, não ia mais ninguém [...]”. Este fato é comprovado na fala de G9: “Só a treinadora, a professora de *ballet* e a técnica, não tinha tipo, uma auxiliar”. Na entrevista, T3 comenta que como ela era treinadora estrangeira sentiu falta de profissionais do Brasil acompanhando seu trabalho.

O árbitro é membro integrante das delegações oficiais para Campeonatos Mundiais, Copas do Mundo e eventos continentais. Cada país inscreve seu árbitro de acordo com o brevê mínimo exigido na competição e é responsável pelas despesas do mesmo no evento. Já nos Jogos Pan Americanos e Jogos Olímpicos a convocação da arbitragem fica a cargo da UPAG³⁴ e da FIG.

³³ Refere-se aos Jogos Olímpicos de Pequim, realizado em 2008.

³⁴ União Pan Americana de Ginástica.

Os estágios na Bulgária continuaram no ano de 2010, assim como já acontecia no ciclo anterior com a outra treinadora. “Fomos uma semana na Bulgária treinar, depois de Minsk³⁵ e antes de Moscou³⁶. Treinamos com a melhor técnica do mundo, Neska Róbeva. Ela fez algumas pequenas mudanças, disse que estava bem e que precisa só executar” (T3).

A terceira fase do ciclo 4 teve início no final de 2010 com a contratação da treinadora Camila Ferezin que manteve a professora de *ballet* e apenas em 2011 contou com uma auxiliar. “Eu como técnica, a Iracema Alves como auxiliar e a professora de *ballet*, uma senhora que morava em Aracaju, éramos nós três. Eu pedi ajuda de algumas pessoas que também colaboraram, a Juliana Coradine uma semana, a Ana Daniela ficou um mês” (T4).

Para Mazzei et al (2012), um Centro de Treinamento deve contar com equipe técnica esportiva multidisciplinar, é necessário em um treinamento de alto nível, como o de uma seleção nacional, a presença de profissionais que possam contribuir para o treinamento das ginastas como o tratamento de lesões e acompanhamento psicológico e nutricional.

O **acompanhamento fisioterápico** foi uma constante nos ciclos estudados, embora de formas diferenciadas. No ciclo 1 as ginastas eram atendidas na Clínica de Fisioterapia da UNOPAR por professores e acadêmicos do projeto de extensão da instituição, que continuou atendendo no ciclo seguinte com massagens de recuperação. Somente no ciclo 2 houve acompanhamento contínuo de dois profissionais em clínica especializada, inclusive estes acompanharam a equipe em algumas viagens no país. “A fisioterapia era na UNOPAR. Depois uma época começou a ter em outro lugar, que acho que fizeram um convênio e aí tinha um médico junto, isso em 2004. Não era constante. Tinha massagista, que eram da UNOPAR” (G3).

As consultas médicas no decorrer do ciclo 1 foram pagas pelo parceiro local, o único ciclo em que as ginastas dispunham de convênio médico foi durante o ciclo 3, havia um ortopedista que já atendia atletas do Espírito Santo e ele passou a atender a equipe e, assim, quando precisavam de fisioterapia já tinha uma clínica

³⁵ Etapa da Copa do Mundo realizada em Minsk na Bielorrússia.

³⁶ Campeonato do Mundo de Moscou em 2010.

específica para atender. “Depois de três meses todo mundo já recebeu o Golden Cross aí se fez o convênio, já ia direto com essa pessoa, o taxi já levava” (T2).

Porém em nenhum dos ciclos havia um médico ou fisioterapeuta que viajavam continuamente para as competições internacionais com o conjunto, salvo raros casos de uma competição ou outra. “Uma vez foi um fisioterapeuta quando nós viajamos com a ginástica artística, acho que só porque foi junto” (T3). Em caso de jogos oficiais de responsabilidade do COB quando a delegação toda do Brasil conta com estrutura médica, as ginastas do conjunto tiveram atendimento completo. “Nunca viajaram conosco, a não ser no mundial do pré-olímpico da Grécia, e quando a viagem é do COB claro” (T2).

Por fim, ao final do ciclo 4 o acompanhamento fisioterápico se tornou constante nos treinamentos: “Ah daí a gente tinha uma estrutura de fisioterapia, que era fixa, e tinha os fisioterapeutas que estavam em contato direto com a gente” (G9). A equipe de fisioterapeutas acompanhava os treinamentos, atendendo as ginastas na clínica, destinando pelo menos um profissional para as competições. “[...] o fisioterapeuta também comparecia no ginásio” (G10).

Diferente da atenção fisioterápica, **o acompanhamento psicológico** só ocorreu nos ciclos 1 e 2, em que dois psicólogos se revezavam na função de atendimento ao grupo, inclusive tendo um deles acompanhado a equipe durante os Jogos Olímpicos de Sydney/2000. “Em 2000 tivemos acompanhamento psicológico para toda a equipe pela primeira vez, foi o trabalho da Lenamar Fiorese” (T1). A preparação psicológica contribui no treinamento em relação à motivação e controle da ansiedade mediando os relacionamentos da equipe no ambiente de treino e de competição, pois fatores negativos como o estresse decorrem de causas diferenciadas podendo ser emocionais, psicológicas ou físicas (VIEIRA; BOTTI; VIEIRA, 2005; PERES; LOVISOLO, 2006).

Em diversos momentos, no processo de treinamento da SBC durante os quatro ciclos pesquisados, foram as próprias treinadoras que se ocuparam da preparação psicológica, utilizando experiências anteriores como atletas e conhecimentos adquiridos na formação inicial. Para Peres e Lovisolo (2006), a prática esportiva favorece a preparação psicológica e muitos atletas atribuem esta parte do

treinamento ao treinador e a ele próprio, porém, Livramento et al. (2010) acreditam que a presença de um psicólogo na SBC seria um diferencial, pois poderia auxiliar efetivamente em diversas dimensões do treinamento.

Eu mesma cuidava da parte psicológica que é muito importante, pois não foi disponibilizado um profissional da área. Como conhecia algumas pessoas que trabalhavam com neurolinguística e mais o que eu aprendi nas disciplinas do curso de Educação Física (T2).

Vieira, Botti e Vieira (2005) afirmam que a eficiência da técnica de execução depende do estado emocional da atleta, a GR requer sintonia de movimentos e alto nível de sincronia entre as ginastas, necessitando de preparação psicológica tanto quanto preparação física, técnica e tática. “Repetíamos um milhão de vezes cada exercício e era muito cansativo, terminava o treino a gente chorava muito e não tinha ajuda psicológica, somente depois começou a ter profissionais conosco” (G2). Corroborando o assunto, Porpino (2004) acredita que a cobrança diária que as ginastas sofrem por executar corretamente os movimentos pode gerar motivos para insegurança e, conseqüentemente, dificuldades para atingir os objetivos da equipe.

A ausência de psicólogos não era a única deficiência na preparação das ginastas de conjunto do Brasil, em se tratando de **acompanhamento nutricional** a história se repete, apenas no ciclo 2 houve contratação de nutricionistas pela CBG, os profissionais eram responsáveis por organizar o cardápio e enviar a alimentação para o alojamento das ginastas. “Para o ciclo de 2004 a gente conseguiu uma nutricionista, que preparava uns kits prontos já de comida congelada especial pra atleta” (T1).

Na tentativa de amenizar as dificuldades das ginastas, como podemos perceber na fala de G2: “[...] não tínhamos orientação pra tomar um suplemento para ter um pouco mais de energia, a gente ia no poder da força de vontade nossa mesmo”, em alguns momentos do ciclo 1 houve acompanhamento de professores e acadêmicos na Clínica de Nutrição da UNOPAR. Nos demais ciclos não existiram nem esta possibilidade de apoio, gerando em alguns momentos atritos entre as ginastas, ” [...] não tinha nenhuma nutricionista para orientar [...] aqui tinha uma situação, uma briga entre elas de quem comeu o que, quem comeu meu biscoito?” (T3).

A GR é uma modalidade que exige um corpo esbelto e longilíneo e, conseqüente, controle da alimentação com pesagem individual diária na SBC, mesmo

sem a presença de um profissional para administrar as dietas. Porpino (2004, p. 123), ao tratar do treinamento na SBC, alega que este sempre se inicia com a aferição do peso de cada ginasta, “Uma a uma, as ginastas sobem na balança para conferir se seus corpos aproximam-se ou distanciam-se das metas de peso previamente definidas”. Em pesquisa com ginastas de seleção nacional de GR, Viana e Mezzaroba (2013) também chamam a atenção para o contraponto de que ao mesmo tempo em que as ginastas precisam emagrecer não há acompanhamento de um nutricionista na equipe podendo acarretar problemas extras de peso.

Bortoleto, Bellotto e Gandolfi (2014) em estudo sobre os hábitos alimentares na GR, relatam como justificativa pela ausência de acompanhamento nutricional específico a falta de profissionais especializados e de tempo das próprias ginastas para o acompanhamento, além de verbas para investimento neste suporte. Porém, tal justificativa não é condizente em se tratando de um selecionado nacional, as condições mínimas destinadas a um atleta que se prepara para eventos de grande porte mundial, já na fase de aperfeiçoamento e manutenção devem contar com uma equipe de apoio considerável no intuito de chegar ao melhor nível na competição. São treinadores da técnica específica, preparadores físicos, fisiologistas, psicólogo do esporte, nutricionista, fisioterapeuta e ainda, se possível aliar, à massagens terapêuticas (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002).

Percebemos no decorrer da apresentação e discussão dos dados que os esforços para dar andamento aos treinamentos e, principalmente, para lograr resultados na SBC passam sempre pela treinadora responsável contando ou não com equipe técnica estruturada. Concordamos com Laffranchi (2001) quando afirma que a técnica é vista como uma referência e assume funções que vão além de conhecimentos técnicos específicos da modalidade ou da ciência do treinamento desportivo e também aprovamos Baker et al. (2003) ao afirmar que o conhecimento específico do treinador aliado à estrutura para a prática é altamente relevante para o desenvolvimento de atletas e conquista de resultados.

Mas, uma estrutura nacional de desenvolvimento de um esporte deve primar por oferecer à sua equipe as possibilidades para a realização plena do trabalho, não basta uma treinadora competente que assume para si toda a responsabilidade,

necessita-se de outros profissionais para dar suporte ao talento do treinador responsável pela especificidade técnica. Oferecer esta equipe completa é função do órgão que planeja, contrata, seleciona, convoca e oferece as condições financeiras para tal, bem como acompanhar, avaliar e se necessário cortar e demitir.

Os resultados do trabalho da equipe técnica está no desempenho da ginasta em quadra, e estes passam pela preparação que consta fundamentalmente de: preparação física, técnica, tática e psicológica e para planejar coerentemente o treinamento é necessário conhecer amplamente todos esses e outros componentes desse complexo sistema (MATVEEV, 1997). O Quadro 5 traz as informações relacionadas ao treinamento geral, físico, técnico e tático da SBC.

Quadro 5: Treinamento.

		Categories	C1	C2	C3	C4
Ge ral	Periodização definida					
	2 sessões distintas de treino					
	Volume semanal alternado					
Fí si co	Volume da preparação física					
	Preparação física geral no final do treino da tarde					
	Aula de ballet clássico, chão, barra, diagonal, flexibilidade/espaldar.					
	Corridas antes ou depois do treino para quem precisava emagrecer					
Téc ni co	Planilha de anotações diárias com dados estatísticos					
	Repetições diárias de dificuldades corporais/trocas/colaborações					
	Treinamento de partes das séries com/sem música e séries inteiras					
	No período competitivo apenas séries completas/busca da qualidade					
	Treino de um aparelho de manhã e outro à tarde /dias alternados					
Tá ti co	Escolha de músicas nacionais para uma das séries					
	Apresentações em diferentes locais/treino controle					
	Análise da melhor execução da série na ordem de passagens do treinamento para saber qual a melhor opção no dia da competição					

Legenda  Contempla  Contempla parcialmente  Não contempla

Na fala das entrevistadas percebe-se uma clara organização do treinamento **GERAL** nos ciclos 1, 2 e 3 e apenas parcialmente no ciclo 4. Para Forteza de La Rosa (1999) a planificação do treinamento desportivo é antes de tudo o resultado do pensamento do treinador e já percebemos neste estudo que a treinadora do conjunto é quem realmente dirige todos os passos da equipe, por isso suas ações devem estar o mais distanciado possível de toda improvisação, integrando os conhecimentos em um sistema estrutural e organizado e mais perto da ciência e tecnologia.

Na planificação do treinamento de conjunto pode-se dividir a periodização em quatro períodos: coreográfico, preparatório, competitivo e transitório. Com **periodização definida**, durante os períodos há uma distribuição uniforme dos objetivos e cargas de treino respeitando os períodos, as etapas, mesociclos, microciclos e sessões de treinamento de acordo com o calendário para o ano e com foco nas competições mais importantes (JASTRJEMBSKAIA; TITOV, 1998; BOMPA, 2001; GOMES, 2002; LAFFRANCHI, 2005; FORTEZA DE LA ROSA, 2009).

A divisão das sessões de treinamento diárias em **duas sessões distintas** (manhã e tarde) com uma média de três a quatro horas de duração cada, chegando a oito horas diárias foi utilizada em todos os ciclos, mesmo que parcialmente no ciclo 4, ou seja, em alguns anos do ciclo. “A gente treinava praticamente oito horas por dia, sempre em dois períodos” (G3). Duas sessões diárias de treino é interessante para equipes de alto rendimento da categoria adulta na GR, que necessitam competir duas coreografias de conjunto em um mesmo dia com uma execução sem falhas. É o modelo seguido pela equipe espanhola de conjunto e também o mesmo utilizado por Neska Róbeva na equipe búlgara nas décadas de 1980 e 1990 (LAFFRANCHI, 2005; FERNANDES DEL VALLE, 1991).

No ano de 2010 (ciclo 4) o treinamento da SBC era realizado em apenas uma etapa no dia, pois as ginastas obrigatoriamente frequentavam a escola no período matutino, e, após o almoço se dirigiam ao ginásio onde permaneciam durante o restante do dia em treinamento. “O treino emendava a tarde, e se prolongava um pouco mais, em vez de ser das duas as cinco ou seis, acabava indo até 7 ou 8 da noite” (G9). Uma experiência parecida foi realizada no ciclo 3, com o treinamento em um período único, porém, mais extenso como podemos perceber na fala da treinadora:

Em 2007 treinávamos um período integral de 6 horas foi o ano que tivemos os melhores resultados porque não deixamos o treino parar, elas faziam um pequeno intervalo de alimentação, comiam frutas, verduras elas preparavam isso já com antecedência e faziam a refeição melhor no final do treino que acabava às 16 horas foi a melhor fase (T2).

Para T2 a experiência foi positiva e o rendimento do treino bastante satisfatório, mas por ordem da CBG revogada e retornaram aos dois períodos diários. Alguns profissionais da área discutem a pouca otimização do treinamento quando realizado em dois períodos, pois acreditam que o fato das ginastas terem que se

aquecer novamente para recomeçar a segunda etapa de treino causa um cansaço desnecessário, porém estudiosos chamam a atenção para que se respeite o tempo de recuperação entre uma sessão e outra oportunizando melhores resultados técnicos sem maiores riscos de lesões. Jastrjemskaia e Titov (1998) alegam que em situações especiais como estágios de treinamentos a ginasta pode até ter três ou quatro sessões por dia, porém ginastas de elite devem praticar duas vezes ao dia, pois o excesso de treinamento causa lesões e também desânimo nas atletas, e pouco treino não é recomendável.

Com exceção do ano de 2010 (ciclo 4), nos demais ciclos estudados o **volume de treinamento semanal** era muito parecido, com alternância de alto, médio e baixo, sendo que os dias de intensidade baixa no treinamento eram a quarta-feira e o sábado, com treinamento apenas em um período do dia, sendo domingo o dia livre para todas as ginastas do conjunto. Na organização do microciclo na GR a carga está relacionada ao número de execuções sem erros da coreografia completa ou parte dela durante uma sessão de treinamento (quanto menos erros menos vezes a execução da série completa), além das repetições das trocas, colaborações e dificuldades corporais (FERNANDES DEL VALLE, 1991; LISITSKAYA, 1995; LAFFRANCHI, 2005).

Lisitskaya (1995) trata da importância da combinação entre quantidade e qualidade, nas sessões de treino de conjunto aperfeiçoando a técnica de interação entre as ginastas ao efetuar principalmente as trocas e as colaborações, respeitando os descansos nas sessões de cargas baixas, indo ao encontro do que acontecia nos ciclos 1, 2, 3 e parcialmente no 4: “Quarta-feira a gente tinha treino só de manhã, e sábado também... eram nossos dias da folga”(G9).

Embora o volume de repetições em cada carga fosse pré-estabelecido, uma ação constante nos três ciclos iniciais e em parte do quarto ciclo durante o período competitivo era o fato de que quando a coreografia completa fosse executada sem nenhuma queda de aparelho no solo com as demais exigências técnicas cumpridas, “cravada”³⁷ de acordo com a fala das ginastas, a treinadora aliviava o número de

³⁷ Oliveira (2014) aborda em seu estudo o que ele denomina de “ginastiquês”. São palavras, nomes e jargões específicos na linguagem do contexto esportivo que facilitam o entendimento entre seus interlocutores.

repetições no dia. Mesmo não encontrando nada nas bibliografias especializadas, aparentemente contribuía favoravelmente para o aumento da qualidade das execuções, objetivo principal do período em questão.

O treinamento **FÍSICO** foi evidenciado nas falas das entrevistadas de forma muito parecida nos ciclos 1, 2 e 3 e parcialmente no ciclo 4. O **volume da preparação física** no início de temporada era maior. Nesta fase que se constrói a base funcional do organismo do atleta, que assegurará na competição um volume alto de trabalho, os objetivos consistem em adquirir e melhorar o condicionamento físico geral; melhorar as capacidades motoras exigidas no desporto; desenvolver, melhorar ou aperfeiçoar a técnica; familiarizar os atletas a teoria e metodologia seguinte (GOMES, 2002).

Já no período competitivo o tempo destinado a preparação física é menor e alguns aspectos merecem especial atenção, pois atuam diretamente na melhoria da execução de elementos corporais, o que aconteceu em praticamente todos os ciclos pesquisados (LISITSKAYA, 1995; LAFFRANCHI, 2005).

Para Lafranchi, (2001), a preparação física geral que visa desenvolver o potencial da ginasta referente ao conjunto de capacidades físicas de base por meio de um trabalho generalizado objetiva desenvolver a flexibilidade, resistência muscular, resistência aeróbia e potência, sendo que nos ciclos 1, 2 e 3 sempre foram realizadas ao final do treinamento do período da tarde. No ciclo 4 esta organização aconteceu apenas nos anos de 2009, 2011 e 2012.

A preparação física específica é destinada ao desenvolvimento das capacidades físicas particulares da GR, uma vez que as ginastas necessitam, em razão das características próprias da modalidade, de elevados níveis motores condicionais, no que se refere às variáveis: flexibilidade, potência de membros inferiores, força de tronco e de membros superiores, velocidade e agilidade, a preparação física específica engloba também aulas de **ballet clássico e exercícios específicos no centro e na diagonal** da quadra (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991; FERNANDES DEL VALLE, 1991; LISITSKAYA, 1995; LLOBET, 1998; LAFFRANCHI, 2005).

Para a preparação física específica, Lafranchi (2001) criou um sistema de trabalho chamado PFG (preparação física para a ginasta), que consiste em desenvolver capacidades físicas da ginasta por meio de movimentos específicos da GR,

possibilitando correções cabíveis da técnica correta do trabalho corporal. Lisitskaya (1995) afirma que a afinidade entre arte e dança na GR determina uma estrutura diferenciada para a preparação física nesta modalidade, e para Velardi e Miranda (2010) é a técnica do *ballet* que dá referências para a preparação corporal das ginastas, contribuindo na postura e no posicionamento correto dos segmentos.

Para Llobet (1998) é natural inserir na preparação física da GR os próprios elementos corporais do grupo fundamental que são os saltos, os equilíbrios e as rotações, presentes no código de pontuação. Portanto, nas aulas de *ballet*, nos exercícios de chão³⁸ e em especial as diagonais³⁹ é comum encontrar inclusive os elementos que são os escolhidos para as composições coreográficas do ano, uma vez que a preparação física deve contribuir para o aperfeiçoamento técnico e tático.

O treinamento **TÉCNICO** foi abordado e descrito com muita semelhança por todas. Para Dantas (2003) a preparação técnica é um componente do treinamento que visa à realização do movimento ginástico com a máxima eficiência e o mínimo de esforço. No treinamento de coreografias há movimentos simples e complexos, aquele que a ginasta é capaz de realizar e compreender desde o início do treinamento técnico é eficientemente treinado como unidade integral, porém movimentos isolados da composição deverão ser praticados regularmente quando a ginasta errar continuamente ao desempenhá-lo (WEINECK, 1999).

Como a GR é uma modalidade extremamente pautada nos detalhes técnicos da execução, requer disciplina, é comum a realização de muitas **repetições de elementos isolados ou ainda pequenas partes da coreografia**, como repetição das trocas, das colaborações ou ainda dos passos de dança. Como descrito por Porpino (2004), busca a obtenção da maior eficiência do movimento ginástico com o mínimo de esforço, e ainda com virtuosismo. Corroboramos Piloto (2010, 0. 104) “Ser incansável, repetir, retomar, não desistir, corrigir, obedecer e organizar fazem parte do processo de tornar-se ginasta de alto rendimento”.

³⁸ Exercícios específicos de fortalecimento muscular e conscientização do movimento executados apenas no solo.

³⁹ Execução dos elementos corporais de dificuldade ou não utilizando a trajetória reta em diagonal entre os cantos opostos do tapete

Para controlar os índices de erros e acertos destes elementos as treinadoras de todos os ciclos pesquisados dispunham de planilhas e **realizavam as anotações diariamente**, na maioria das vezes expondo para as ginastas os resultados estatísticos do dia e da semana. “Tudo era anotado e no final da semana elas faziam uma análise conosco, às vezes no dia mesmo” (G6). Para Lisitskaya (1995) o registro diário permite direcionar o processo de treinamento, aumenta a responsabilidade de cada ginasta, auxilia na seleção das titulares e reservas e ainda oportuniza correções nas estruturas da composição das coreografias.

A **execução minuciosa de partes das séries** primeiramente sem música e depois com o acompanhamento musical, bem como das **séries inteiras** com música faziam parte do dia a dia do treinamento da SBC em todos os ciclos, com exceção do ano de 2010 durante o ciclo 4. Lafranchi (2005) observa que as condições encontradas nas competições são muito diferentes daquelas encontradas no treinamento. Nesse sentido para superar estas dificuldades criadas pela atividade competitiva, a ginasta tem que ter alto nível de preparação técnica e hábito motor elevado a alto grau de automatismo.

No período competitivo, as repetições eram exclusivamente da série toda com acompanhamento musical completo, um pequeno erro poderia implicar na repetição de toda a coreografia novamente, uma vez que o período requer qualidade de execução. Uma característica dos ciclos 1, 2 e 4 era a exigência de número de acertos independente do número de repetições, ou seja, se a meta era executar 50 trocas sem erro não importava quantas vezes teria que repetir o movimento e o treino só acabava quando o número de acertos pré-definidos era alcançado. Os índices quantitativos a partir do número de combinações sem erros consideráveis, como perda do aparelho ou omissão de algum elemento, de acordo com Lisitskaya (1995) determinam a estabilidade da execução da equipe na competição.

Independente da carga de treinamento do dia, **os aparelhos eram alternados em sua ordem de treino** com o intuito de não trabalhar uma coreografia mais tempo ou com mais energia do que a outra. Portanto, nos ciclos 1, 2, 3 e parcialmente 4, na segunda-feira de manhã treinava a coreografia com aparelho único e a tarde a coreografia de aparelhos mistos, na terça-feira a situação se invertia

começando pela coreografia de aparelhos mistos, já na quarta-feira e no sábado eram realizadas as duas coreografias no período único de treinamento. “Eu lembro sempre revezava, a série que treinava de manhã passava a treinar na tarde do outro dia, sempre trocando” (G4). No ano de 2010, como os treinamentos eram em sessão única, cada dia era destinado a um aparelho.

O treinamento **TÁTICO** talvez seja o menos valorizado por profissionais que atuam com a GR, isto se dá pela falta de entendimento deste componente do treinamento desportivo, que tem por objetivo conseguir a vitória nas competições, levando-se em conta, as qualidades individuais das ginastas e as condições das equipes adversárias. Matveev (1997) diz que a preparação tática tem de se realizar em estreita ligação com a preparação técnica e aborda ainda que a tática desportiva é a arte de vencer a competição desportiva. Ao elaborar uma coreografia, o primeiro passo é a **escolha da música** e em todos os ciclos pesquisados a SBC se apresentou com músicas ou temas nacionais como sugerido por Fernandes Del Valle (1991).

Foi assim com o samba e o forró nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg; “Aquarela do Brasil” nos Jogos Olímpicos de Sydney; “Garota de Ipanema” nos Jogos Pan de Santo Domingo; ritmo indígena em Atenas/2004; “Achê” nos Jogos Pan do Rio de Janeiro e Jogos Olímpicos de Pequim; ritmos brasileiros no Campeonato Pré-Pan em 2010 e o tema do filme “Rio” em 2011 nos Jogos Pan de Guadalajara (LAFFRANCHI, 2001, LOURENÇO; BARBOSA-RINALDI, 2014).

Um dos principais fatores da preparação tática é a montagem de coreografias, para compor a série, além de considerar a exigência do código, a treinadora vai aproveitar as potencialidades de suas atletas escolhendo quem irá executar os elementos mais difíceis ou ainda esconder estrategicamente uma ginasta que tenha dificuldade em executar determinado elemento. Outros fatores são igualmente importantes no planejamento da preparação tática, como: a escolha do collant, penteado, maquiagem e o plano de aquecimento antes da competição (FERNANDES DEL VALLE, 1991; LAFFRANCHI, 2005; SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

É no período competitivo que as coreografias já finalizadas e treinadas devem ser **apresentadas para públicos diversos em locais variados ou em treinos**

controles com o intuito de promover uma simulação real da competição e possibilitar ajustes, essa atividade se deu nos ciclos 1, 2 e 4. “A gente dá prioridade a situações de competições, leva as meninas pra apresentar nos colégios, em eventos diversos. Se não tem nada no sábado a gente faz treino controle, convida os parentes, os amigos, abre o ginásio e apresenta” (T4). A denominação de “treino controle” surgiu da necessidade de se controlar a execução das coreografias nos períodos próximo das competições. Para isso as treinadoras convidam árbitros experientes para avaliarem as coreografias também abrindo o ginásio para o público interessado, geralmente equipes de base de clubes próximos da SBC e familiares das ginastas.

A organização de treinos controles tem se tornado frequente em todo o país. Praticada na Espanha há tempos, Fernandes Del Valle (1991) apresenta como objetivos principais: criar ambiente de competição, testar o collant, a maquiagem e detalhes da preparação estética. Como árbitro internacional, acompanhamos e avaliamos ginastas da SBC em treinos controles realizados nos ciclo 1 e 2 e apresentações em aberturas de campeonatos nacionais no ciclo 4, o que nos permite acrescentar aqui que estes momentos também possibilitam a revisão das fichas oficiais⁴⁰, possíveis correções de valores das trocas e colaborações e ainda colaborar com a escolha da ginasta titular, caso a treinadora tenha dúvida para tal.

A **análise da melhor execução da série** na ordem de passagens do treinamento para saber qual a melhor opção no dia da competição foi introduzida no ciclo 2 e utilizada no ciclo 3 e em alguns anos do ciclo 4. Esta é uma tática muito inteligente, que pode ser feita por vídeo também, pois dá a oportunidade de entrar na área de competição no melhor momento da equipe com chances reais de execução sem erro. Para isso, as treinadoras devem analisar por meio de suas anotações diárias qual é a melhor execução da coreografia dentre as repetições nos treinamentos, treinar antes da competição até a repetição anterior da escolhida e deixar para executar na hora da competição a possível melhor “passada”.

Entendemos que a preparação física, a técnica e a tática são partes essenciais do treinamento e que nos ciclos pesquisados planejar e realizar o

⁴⁰ Todo conjunto deve obrigatoriamente apresentar antes da competição a ficha de Dificuldade contendo os elementos (trocas, colaborações, passos de dança, elemento dinâmico de rotação, dificuldades corporais) na sua ordem coreográfica com seus valores respectivos.

treinamento da SBC exigiu uma demanda de muita dedicação e organização da treinadora que assumidamente dirige toda a estrutura. Estrutura esta que, com o passar dos anos, foi sendo melhorada, em se tratando de grupo de apoio profissional.

“Hoje tem uma estrutura muito melhor pra treinar, os primeiros grupos sofreram, a questão de estrutura, fisioterapia, acompanhamento psicológico, nunca teve isso e eu tenho certeza que faz toda a diferença”. A fala da ginasta Luisa Matsuo que teve a oportunidade de treinar por 2 ciclos, passando por duas sedes diferentes e atuando diretamente com três das quatro treinadoras que assumiram a SBC, e que hoje acompanha de perto a seleção como comentarista da Rede Globo para eventos de GR, demonstra sua percepção da evolução das estruturas na SBC ainda que timidamente.

Estrutura administrativa

Em relação à estrutura administrativa da SBC de 1997 a 2012, organizamos um quadro único reunindo os dados relacionados aos documentos e estudos, passando por informações sobre transporte e assuntos financeiros.

Quadro 6: documentos e estudos.

	Categorias	C1	C2	C3	C4
D O C U M E N T O S	Responsável local (sede) administrava funcionários e alimentação				
	Treinadora era elo burocrático entre a CBG e as ginastas				
	CBG levava documentos e contratos para as ginastas no ginásio				
	Organização total das viagens e estágios por parte da CBG				
	Valores das despesas de viagens administrados pela CBG				
	CBG enviava um chefe de delegação nas competições				
	Pró-labore para as ginastas pago pela entidade parceira				
	Bolsa atleta				
	E S T U D O S	Organização da estrutura escolar pela treinadora e responsável (sede ou CBG)			
IES cuidava do ensino superior / pais e treinadora da educação básica					
Ginastas resolviam as matrículas na IES e depois regularizavam					
Bolsa de estudos em universidade parceira (100%)					
Tentativa de estudar no supletivo					
Aulas no período noturno ou matutino					
Ginastas faltavam na aula apenas quando viajavam					
Transporte levava e buscava na escola					
Transporte próprio para a equipe					
Transporte de taxi com reembolso pela CBG					
Legenda  Contempla  Contempla parcialmente  Não contempla					

Em seus estudos sobre desenvolvimento de talentos dentro do esporte de elite Roger et al. (2010) apresentam os fatores estruturais como elemento determinante da qualidade dos sistemas esportivos em diferentes nações e esportes, entre eles a ginástica. Nos ciclos 1, 2 e 3 as responsabilidades foram divididas com os parceiros das sedes, tendo um **gestor local que administrava funcionários e alimentação**, no que se referiam a contratos, compras, pagamentos e gerenciamento. Em relação aos documentos, a direção da SBC sempre esteve a cargo da CBG.

Os parceiros da CBG no que se refere à responsabilidade junto a SBC foram: a UNOPAR, que também era entidade patrocinadora, quando da permanência na cidade de Londrina, nos ciclos 1 e 2, instituição que investe no desenvolvimento da GR desde o início de sua história (STADINIK, 2010). A Federação do Espírito Santo de Ginástica no ciclo 3 que contava com apoiadores locais e a própria CBG no ciclo 4. Borges e Tonini (2012) acreditam que a presença da SBC no período de 2005 a 2009 criou um vínculo importante entre a cidade de Vitória e o esporte de alto rendimento.

No ciclo 1 essa função era dividida entre a treinadora e funcionários da instituição parceira. Já no ciclo 3 quem ocupou esta função foi a presidente da Federação do Espírito Santo que cuidava das compras e do transporte, bem como o bem estar das ginastas. Mazzei et al (2012) reforçam a ideia de que um Centro de Treinamento deve dispor de um órgão próprio de gestão administrativa.

No ciclo 4, a CBG assumiu totalmente o controle administrativo da equipe criando o cargo de Coordenadora da Seleção e colocando funcionários da instituição para atender às necessidades do grupo, vale lembrar que isto se tornou possível porque a sede da SBC passou a ser na mesma cidade em que se localiza a sede da própria CBG. Até a SBC se mudar para junto da CBG durante o ciclo 4, o **elo burocrático entre ginastas e entidade sempre foi a treinadora**. Eram elas as responsáveis por receber e entregar documentos de inscrição de eventos, cadastros, vistos, passagens, bem como fazer contato com os pais das menores de idade e ainda agilizar todos os procedimentos das viagens locais. “[...] tudo a treinadora, eu nunca vi ninguém mais, quem aparecia lá às vezes era funcionária da UNOPAR que já levava documentos ou correspondências pra Bárbara que nos repassava” (G2).

No ciclo 3 as ginastas mantinham contato via e-mail com a CBG e no ciclo 4 a **CBG passou a levar documentos diversos e contratos para as ginastas no ginásio**, tratando diretamente com as mesmas inclusive assuntos em que necessitavam das assinaturas dos pais. A instituição responsável pelo esporte tem que oferecer suporte aos treinadores e demais membros da equipe para que os mesmos possam realizar suas atribuições específicas. No caso das treinadoras o excesso de responsabilidades burocráticas impede a fluência do treinamento e dificulta a manutenção do foco na qualidade técnica para um melhor desempenho nas competições, além de colaborar para o desgaste da relação técnico/ginasta, pois são mais assuntos para cobrar e exigir prazos além de todas as exigências técnicas diárias.

Com o intuito de auxiliar o trabalho da equipe técnica e promover intercâmbio com outras equipes, tiveram início no ciclo 3 os estágios internacionais com a ida da equipe para a Bulgária em 2005, como já discutido. A **organização total das viagens e dos estágios por parte da CBG** também se deu a partir no ciclo 3 tendo continuidade no ciclo 4.

Isso tudo sobre viagens foi muito organizado, eu digo que eu fui muito poupada em relação a isso. Centro de treinamento reservado, traslado agendado, hospedagem, valores. Horário de saída, documentação de passaporte, de visto, essas autorizações para menor viajar sem os pais, porque quase todas eram menores, tudo era muito organizado (T2).

Aparentemente no ciclo 3 estes assuntos eram muito bem definidos, já no ciclo 4 havia uma dificuldade em tomar providências antecipadas para as viagens. “Mas, eu acho que deixam para a última hora, em relação a vistos, faz tudo correndo...” (G11). As treinadoras do ciclo acenam para dificuldades com os prazos para definição de datas de saída, com organização das viagens “em cima da hora” o que incide diretamente no planejamento e a organização do treinamento e, conseqüentemente, a estrutura psicológica das ginastas.

Na GR e também em várias outras modalidades esportivas, a ausência de gestores com conhecimento de causa é uma constante. Operacionalizar as ações de uma equipe olímpica necessita de um profissional qualificado, mas nem sempre os que têm disponibilidade são providos de capacidade. As funções ou tarefas do gestor no esporte de acordo com Pires e Sarmiento Lopes (2001) é a de encontrar respostas

originais para resolução de problemas imprevisíveis, além de gerir o dia a dia do Centro de Treinamento no que diz respeito às estruturas e integrantes.

A dificuldade maior é reunir em um único indivíduo o conhecimento do *metier* esportivo, das especificidades da GR e capacitação em gestão para ser um supervisor ou coordenador de seleção. “A “dirigência” do esporte é indicada como obstáculo por conta da desqualificação dos dirigentes esportivos, que em geral não são profissionais e não têm conhecimento técnico na gestão esportiva [...]” (PERES; LOVISOLO, 2006, p. 216).

Mesmo com dificuldades de gestão, em todos os ciclos houve a presença de um **chefe de delegação enviado pela CBG** nos grandes eventos. É importante refletir sobre a figura e funções do chefe de delegação para a CBG, pois acompanhando as equipes nacionais como árbitro em vários eventos, tivemos a oportunidade de conhecer o responsável para esta função apenas no momento da viagem e, em muitos casos pessoas que nunca haviam participado de uma competição internacional de GR.

Quando da ausência de um chefe de delegação, novamente era a treinadora que acumulava funções e resolvia assuntos relacionados à acomodação, pagamentos, horários de treinamento, refeição, entre outros. Vale ressaltar que todo o valor para as despesas de viagem seguia com a mesma em espécie, salvo no ciclo 3 que durante o ano olímpico (2008), a treinadora possuía um cartão corporativo do COB para pagamento das despesas triviais e/ou imprevistos. “Até 1999 eles me davam o dinheiro, eu viajava sozinha, tinha que me virar e prestar conta depois. Mas de 1999 pra frente, sempre teve uma chefe de delegação. Ou era a Vera Miranda⁴¹, ou era a própria presidente da CBG” (T1).

Independente do chefe de delegação exercer corretamente sua função ou não, os **valores das despesas de viagens sempre foram administrados pela CBG**, salvo exceções no ciclo 1 em que algumas viagens e uniformes foram pagos pelos clubes ou ainda pelas ginastas.

A primeira viagem que eu fui foi para Sidney no Campeonato Quatro Continentes⁴², passagens mesmo foi paga pela prefeitura do meu estado

⁴¹A professora Vera Miranda, na ocasião, era a presidente do Comitê Técnico de GR da CBG.

⁴² Os Campeonatos dos Quatro Continentes eram realizados de dois em dois anos pela FIG com o intuito de desenvolver a GR fora da Europa, fortalecendo os demais países da América, Ásia, África e Oceania. A última edição deste evento foi realizada em Curitiba/PR no ano de 2001.

e os uniformes também nós que tivemos que pagar, mas acho que alimentação e estadia essas coisas acredito que tenha sido a confederação ou a UNOPAR que era onde a gente treinava (G1).

Após a conquista em Winnipeg/1999 essas despesas foram absorvidas pela CBG e COB, este foi um momento de mudanças na organização da GR no Brasil. O título de campeãs Pan Americanas trouxe resultados extra quadra, vieram os apoios e os valores das leis de incentivo ao esporte. Viana e Mezzaroba (2013) evidenciaram nas falas das ginastas de seleção entrevistadas em seu estudo que as mesmas fazem alusão de seus salários (chamam de “bolsa ajuda”) comparando aos salários de jogadores de futebol e deixam claro que não praticam GR por causa do capital financeiro que, supostamente, viria em troca de seu esforço e desempenho no alto rendimento, mas sim por serem apaixonadas pela modalidade.

A insegurança financeira é um dos fatores citados por Peres e Lovisolo (2006) que causam dúvidas em relação à continuidade da carreira esportiva, ainda que próximo do profissionalismo. No início do ciclo 1 as ginastas passaram a receber um pró-labore pago de acordo com as conquistas de cada uma que se estendeu para o ciclo 2. Estes **valores eram pagos pela entidade parceira** e apenas no final do ciclo 2 a CBG sinalizou o pagamento de algumas “becas” (valores advindos da Lei Agnelo/Piva que teve início em 2002) pagas em parcelas para as ginastas pertencentes à equipe naquele período.

A partir do ciclo 3 surge a possibilidade do “**Bolsa Atleta**”, programa do Ministério do Esporte iniciado em 2005, que contempla atletas de diferentes modalidades com resultados internacionais e nacionais, valorizando assim os talentos brasileiros e dando oportunidade aos mesmos de se manterem em treinamento com exclusividade e tranquilidade para competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paraolímpicas (MINISTÉRIO DO ESPORTE). Concordamos com Peres e Lovisolo (2006) que os benefícios da lei de incentivo ao esporte, assim como apoio do patrocinador e da confederação oferecendo estrutura é reconhecidamente fator significativo para um atleta de alto rendimento.

Os valores recebidos como incentivo também auxiliavam no momento de escolher a escola e em especial a universidade para estudar. Em todos os ciclos houve a **organização da estrutura escolar pela treinadora juntamente com o responsável**

local ou da CBG, estas resolviam todas as questões na escola em relação às matrículas e frequências das ginastas, somente em 2011 (ciclo 4) esta função passou a ser exercida exclusivamente pela coordenadora de seleção. Mais uma vez recorremos a Mazzei et al. (2012) quando estes afirmam que Centros de Treinamento devem dispor de um local fixo para estudos que podem estar dentro do complexo esportivo ou ainda próximo.

Durante o ciclo 2 a **universidade parceira cuidava do ensino superior** enquanto que **pais e a treinadora se ocupavam da educação básica**, em especial os pais das ginastas que moravam na cidade. No ciclo 3 e início do ciclo 4, as **ginastas resolviam as matrículas diretamente na IES e depois regularizavam** a situação com a ida do gestor local (sede) para fazer os devidos acertos. “Como já estavam cientes da minha chegada, eu só fiz a matrícula e os estudos foram tranquilos. Em Aracaju a mesma coisa. A gente foi atrás de fazer a matrícula” (G9). Durante os ciclos 1, 2 e 3 todas as ginastas tinham **bolsa de estudos de 100% oferecidas pelas universidades parceiras**, facilitando os estudos e principalmente oportunizando a possibilidade de já se prepararem para a vida profissional que se inicia após a fase de atleta. Dentre as entrevistadas 83,3% optaram pelo curso de Educação Física, sendo que uma delas também cursa Nutrição, as demais optaram por Ciências Contábeis e Farmácia, respectivamente.

Durante o ciclo 4 com a ausência de uma IES como parceira, alguns problemas de pagamento aconteceram, causando transtornos para as ginastas principalmente para as rematrículas no ano seguinte. Segundo Peres e Lovisolo (2006), o afastamento ou atraso nos estudos universitários podem causar perturbação na dimensão pessoal, pois para o atleta é importante a possibilidade de construir uma nova carreira profissional paralela à carreira esportiva.

A dificuldade em conciliar a ida à escola e o tempo do treinamento fez com que no ciclo 1 houvesse uma **tentativa de estudar no supletivo**, já que a maioria das ginastas estavam no Ensino Médio. Porém não funcionou e a decisão foi por manter as ginastas no período matutino, mas com aulas apenas uma vez por semana, assim levavam para casa as demais tarefas que entregariam no próximo encontro.

Tentamos estudar de manhã, junto com as pessoas da nossa idade só que não deu certo, depois tentamos fazer supletivo, estudava a noite,

mas a gente chegava em casa meia noite e no outro dia tinha que acordar cedo. Por fim, os professores mandavam os trabalhos pra gente fazer e íamos à escola toda quarta-feira de manhã (G1).

Em relação aos **períodos de aula noturno ou diurno**, durante todo o ciclo 2 e 3 e parcialmente no 4, as aulas permaneceram no período noturno. Nunomura e Oliveira (2012) apresentam dados parecidos sobre a organização dos estudos de ginastas da Seleção Brasileira de ginástica artística, uma vez que as mesmas também iam para a universidade no período noturno e eram beneficiadas com bolsas de estudo, já as demais tinham aula com professores particulares no próprio Centro de Treinamento, fato que nunca aconteceu com a SBC.

No ano de 2010, as integrantes da SBC estudavam pela manhã, pois não foi possível conseguir vagas no Ensino Médio para todas em outro horário, assim elas treinavam no período da tarde até o início da noite. “Isso foi complicado, mas o que fazer? As ginastas não podem parar de estudar...” (G9).

Problemas para conciliar estudo e treinamento é comum no esporte. Nove dos 10 atletas de alto nível (fases de aperfeiçoamento e manutenção) participantes do estudo de Durand-Bush e Salmela (2002) estavam no Ensino Médio ou na Universidade, os mesmos também seguiam um calendário apertado, mas por outro lado, alegam que a escola era importante e agradável.

Durante o ciclo 3, as **ginastas faltavam na aula apenas quando viajavam**, mantendo uma assiduidade nos estudos não observadas em nenhum outro ciclo. O fato da maioria das ginastas estar na universidade pode ter contribuído para esta regularidade. “Mesmo em período de competição, elas pegavam os trabalhos e após acabar o treino iam para o hotel, entrar na internet, fazer as tarefas. Essa vida escolar delas foi muito importante tanto que todas foram embora formadas!” (T2).

De acordo com o discurso das ginastas, durante os ciclos 1 e 2 havia um **transporte que as levava e buscava na escola** diariamente, facilitando o deslocamento de forma segura. “Pra ir pra escola à noite, tinha uma van que levava a gente e trazia de volta” (G6). No caso do ciclo 3 este **transporte ficava à disposição da equipe** para além da escola, para ir à fisioterapia, médico ou qualquer outra necessidade das ginastas. Já no ciclo 4, quando da necessidade do transporte, o mesmo era **realizado de táxi** que posteriormente era reembolsado pela CBG.

Percebemos a dificuldade em manter uma estrutura ideal para os estudos das ginastas, em especial no Ensino Médio. Interessante seria o atendimento educacional domiciliar como o recebido por ginastas internacionais e também pelas ginastas do Centro de Treinamento de Ginástica Artística em Curitiba/PR que, de acordo com Nunomura e Oliveira (2012), este tipo de organização possibilita às ginastas a continuidade dos estudos sem prejuízo aos treinamentos. Para Peres e Lovisolo (2006) um dos obstáculos na carreira do atleta são as irregularidades nos estudos dificultando a preparação e o aperfeiçoamento longe de casa, ou ainda impedindo a continuidade em uma seleção nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à estrutura física, percebemos que o ciclo 2 foi o período que reuniu melhores condições de ginásio, estadia e alimentação para as ginastas, oferecendo uma estrutura permanente e satisfatória nos quatro anos com oscilações apenas no que se refere ao local das refeições. Também foi no ciclo 2 que encontramos a melhor organização de equipe técnica para a SBC, embora com ausência de professora de *ballet*, este foi o único período que contou com acompanhamento fisioterápico, psicológico e de nutricionistas.

Os ciclos 1, 2 e 3 apresentam características muito parecidas em sua estrutura técnica. A organização do treinamento geral é bastante semelhante sendo que na preparação física e técnica visualizamos algumas distinções. Porém, é na preparação tática que percebemos maior diferenciação, talvez por ser este o componente do treinamento que mais exija da experiência e competência da treinadora. Os dois últimos anos do ciclo 4 também se assemelham aos demais ciclos, em especial aos ciclos 1 e 2, sabendo que a treinadora deste período foi ginasta no ciclo 1 e auxiliar técnica no ciclo 2 o que justifica a similaridade nos trabalhos desenvolvidos.

No que se refere à organização administrativa da SBC em todos os ciclos, as informações são pulverizadas, pontualmente podemos afirmar que as treinadoras foram e ainda são as grandes responsáveis pela condução das equipes em se tratando de documentos e estudos e também da organização financeira em todos os ciclos. Apenas

o ciclo 3 se destaca pela suavização do trabalho da treinadora neste segmento. Os parceiros das sedes nos ciclos 1, 2 e 3 foram os grandes responsáveis pelo bom andamento das questões administrativas, inclusive financiando várias necessidades individuais e coletivas do grupo, em especial nos ciclos 1 e 2.

Sem dúvida, o ciclo 4 foi o mais controverso com grande diversificação na estrutura técnica principalmente. Mesmo apresentando melhoras na estrutura física e administrativa, durante os quatro anos do ciclo olímpico em questão, três profissionais de perfis diferentes comandaram a SBC que teve como ponto positivo a conquista do título dos Jogos Pan Americanos de Guadalajara em 2011 pela quarta vez consecutiva. Porém os resultados inexpressivos nos Campeonatos do Mundo (21º lugar em 2009, 26º em 2010 e 21º em 2011) foi muito aquém dos ciclos anteriores, custando ao país a vaga olímpica para 2012.

Por outro lado, o ciclo 2 que apresentou melhor organização física e técnica também contabiliza os melhores resultados obtidos pela SBC em um ciclo olímpico: 8º e 9º lugar nos Campeonatos do Mundo de 2002 e 2003 respectivamente, 1º lugar nos Jogos Pan Americanos de Santo Domingo/2003 e 8º lugar nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004.

Embora a SBC não tenha recebido em todos estes ciclos pesquisados a mesma estrutura de bolsa de estudos, salário, assistência médica, moradia, prêmios, entre outros benefícios recebidos pela seleção permanente de ginástica artística, como informado por Nunomura (2012), houve uma preocupação em todos os períodos e ciclos com a melhora de estrutura para treinadoras e ginastas e as boas práticas devem permanecer nos ciclos subsequentes.

Um ginásio próprio para treinamento, com tablado e espaço adequado para comportar todas as ginastas da equipe, e alojamentos em locais que permitam que as ginastas relaxem quando não estão em treinamento são estruturas que devem ser perpetuadas na SBC, por outro lado, a deficiência na regularidade das refeições diárias com supervisão de nutricionista é um grave problema a ser resolvido para as futuras gerações.

Outra fragilidade encontrada nos quatro ciclos pesquisados é a carência de equipes multiprofissionais que atuem realmente em conjunto com a treinadora,

oferecendo o apoio que as ginastas necessitam para manter o ritmo forte de treinamento com saúde física e mental sem perda da qualidade técnica. Já os estágios fora do país que tiveram início em 2005 devem ser ações constantes, pois aproxima a realidade brasileira do cenário internacional, fator imprescindível para equipes que projetam a melhoria de posições no ranking mundial da modalidade.

A organização administrativa da SBC é outro setor delicado que requer atenção, pois exige um profissional que exerça a função de gestor eliminando das tarefas diárias da treinadora assuntos que não dizem respeito ao desempenho em quadra. Em nenhum dos ciclos a figura deste gestor surgiu efetivamente na fala das entrevistadas.

A ausência da visão de outras pessoas envolvidas com a SBC, principalmente gestores e integrantes da CBG, são limitações deste estudo que apresenta o contexto organizacional das equipes por meio do discurso das ginastas e treinadoras que estiveram na SBC no período de 1997 a 2012. Também conta somente com a presença de 50% das ginastas titulares de cada ciclo, não podendo, portanto, estender as impressões às que não estiveram ativamente participando das entrevistas. Ainda assim, o estudo buscou informações identificando pontos importantes para reflexões sobre como se estruturar, dirigir e conduzir uma seleção nacional de conjuntos. Após a leitura deste estudo, especialmente por pessoas envolvidas diretamente com a GR, espera-se que os dados significativos e conclusivos apresentados, promovam melhorias na gestão de equipes de ginástica rítmica.

Um país que almeja resultados olímpicos necessita de investimentos e políticas públicas para o desenvolvimento de projetos de construção e manutenção de espaços esportivos de nível paralelos aos projetos de treinamento para que o esporte de rendimento possa realmente evoluir e equipes como a SBC possam treinar sem ter a preocupação com questões administrativas e de estrutura técnica.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, B. R. NOVIKOVA, L. A. **Ginástica rítmica**: do contexto educacional à iniciação e ao alto rendimento. Várzea Paulista: Fontoura, 2015. 240 p.

ANTUALPA K.F. **Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas**. 2011. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BAKER, J. HORTON, S. ROBERTSON-WILSON, J. WALL, M. Nurturing sport expertise: factors influencing The development of elite athlete. **Journal of Sports Science and Medicine**, Burlington, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BERNARDI, L. M. O. LOURENÇO, M. R. A. **Ginástica rítmica: ensinando corda, arco e bola**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014. 126 p.

BOMPA, T.O. **Treinando atletas de esporte coletivo**. São Paulo: Phorte, 2005. 350 p.

BORGES, C. N. F. TONINI, G. T. O incentivo ao esporte de alto rendimento como política pública: Influências recíprocas entre cidade e esporte. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 281-296, abr./jun. 2012

BORTOLETO, M. A. C. BELLOTTO, M. L. GANDOLFI, F. A. Hábitos alimentares e perfil antropométrico de atletas de ginástica rítmica. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo. v. 8. n. 48. p. 392-403, 2014.

BUSSAB, W. O. MORETTIN, P. A. **Estatística básica**. São Paulo: Atual, 1987. 540 p.

CRAUSE, I. I. Histórico da ginástica rítmica desportiva. In: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Código de pontuação – GRD**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Esportivas, p. 96-117, 1984.

DANTAS, E.H. M. **A prática da preparação física**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003. 463 p.

DURAND-BUSH, N. SALMELA, J. The development maintenance of expert athletic performance: perception of world and olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**. Philadelphia, v. 14. p. 154-171, 2002.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Código de puntuación gimnasia rítmica**. Comité Técnico Gimnasia Rítmica. 2013-2016.

_____. **Normas aparelhos**. 2015. Disponível em: http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/app-norms/Apparatus_Norms_2015-e.pdf . Acesso em: 24 mar. 2015.

FERNANDES DEL VALLE, A. F. **Gimnasia rítmica**. Comitê Olímpico Espanhol. Madrid: 1991. 241p.

FORTEZA de LA ROSA, A. **Direcciones del entrenamiento deportivo: metodología de la preparación del deportista.** La Habana: Editorial Científica-Técnica, 1999. 211 p.

_____. **Treinamento deportivo: carga, estrutura e planejamento.** 2.ed. São Paulo: Phorte, 2009. 144 p.

GAIO, R. **Ginástica rítmica “popular”.** 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2007. 151 p.

GOMES, A. C. **Treinamento deportivo: estruturação e periodização.** Porto Alegre: Artmed, 2002. 205p. (Coleção Kinesis).

JASTRJEMBSKAIA, N. TITOV, Y. **Rhythmic Gymnastics - Hoop, Ball, Clubs, Ribbon, Rope.** EUA: Human Kinectics, 1998. 272 p.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento deportivo aplicado à ginástica rítmica.** Londrina: UNOPAR, 2001. 157 p.

_____. **Planejamento, aplicação e controle da preparação técnica da ginástica rítmica:** análise do rendimento técnico alcançado nas temporadas de competição. 2005. 267f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto, Porto, 2005.

LISITSKAYA, T. **Gimnasia rítmica.** Barcelona: Paidotribo, 1995. 410p.

LIVRAMENTO, A. M. SILVA, A. R. O. CANAL, F. D. MACHADO, G. P. TRISTÃO, V. C. DORNELLAS, K. C. A. Aspectos do coaching na seleção brasileira de GRD e a inserção da psicologia no esporte. **Revista Psicologia para a América Latina**, México, n.19, 2010. Disponível em < <http://psicolatina.org/19/coaching.html>>. Acesso em 10 mar. 2015.

LLOBET, A. C. **Gimnasia rítmica deportiva: teoria e práctica.** Barcelona: Paidotribo, 1998. 296 p.

LOURENÇO, M. R. A. **Ginástica rítmica no Brasil: a (r)evolução de um esporte.** 2003. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

_____. O inconstante código de pontuação da ginástica rítmica. In: PAOLIELO, E.; TOLEDO, E. (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica.** São Paulo: Phorte Editora, cap. 4, p. 111-142, 2010.

_____. BARBOSA-RINALDI, I. P. O conjunto na ginástica rítmica. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org.). **Ginástica de alto rendimento.** Várzea Paulista, SP: Fontoura, cap. 2, p. 43-64, 2014.

MATVEEV, L. P. **Treino deportivo: metodología e planejamento.** Guarulhos: Phorte, 1997.

MAZZEI, L.; BASTOS, F.; FERREIRA, R.; BÖHME, M. Centros de treinamento esportivo para o esporte de alto rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa, v. 3, n.1, p. 1575-1584, 2012.

MINISTÉRIO DO ESPORTE, **Bolsa atleta**. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>. Acesso em: 15 jan. 2015.

NUNOMURA, M. OLIVEIRA, M. S. Centro de excelência e ginástica artística feminina: A perspectiva dos técnicos brasileiros. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.18 n.2, p.378-392, abr./jun. 2012.

PERES, I. LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.17, n. 2, p.211-218, 2. sem. 2006.

PILOTO, F. M. **Educação corporal de atletas da ginástica artística**. 2010. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PIRES, G.; SARMENTO LOPES, J. Conceito de gestão do desporto. novos desafios, diferentes soluções. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 1, p. 88-103, 2001.

PORPINO, K. O. Treinamento da ginástica rítmica: reflexões estéticas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 121-133, set. 2004.

RÓBEVA, N.; RANKÉLOVA, M. **Escola de campeãs: ginástica rítmica desportiva**. São Paulo: Ícone, 1991. 333 p.

RÖGER, U. RÜTTEN, A. ZIEMAINZ, H. HILL, R. Quality of talent development systems: results from an international study. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 1, p. 7-19, 2010.

SANTOS, E. V. N. dos; LOURENÇO, M. R. A.; GAIO, R. **Composição coreográfica em ginástica rítmica: do compreender ao fazer**. Jundiaí: Fontoura, 2010. 127 p.

SCHIAVON, L. M. PAES, R. R. Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). **Revista Motriz**. Rio Claro, v.18 n.4, p.757-769, out./dez. 2012.

STADINIK, A. M; W. Um panorama da ginástica rítmica no Paraná. In: PAOLIELO, E.; TOLEDO, E. (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte Editora, cap. 8, p. 237-268, 2010.

THOMAS, J. R. & NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VIANA, D. F. W; MEZZAROBA, C. Esporte de alto rendimento faz mal à saúde? Uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. **Motrivivência.** Florianópolis. Ano XXV, n.41, p.190-205, dezembro, 2013.

VIEIRA, L.F. BOTTI, M. VIEIRA, J.L.L. Ginástica rítmica – análise dos fatores competitivos motivadores e estressantes da Seleção Brasileira Juvenil. **Acta Scientiarum. Health Science.** Maringá, v. 27, n.2, p. 207-215, 2005.

VELARDI, M. MIRANDA, M. L. J. A dança moderna na preparação técnica e artística da ginástica rítmica. In: PAOLIELO, E.; TOLEDO, E. (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica.** São Paulo: Phorte Editora, cap. 6, p.185-218, 2010.

WEINECK, J. **Treinamento ideal:** instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil. São Paulo, SP: Editora Manole, 1999.

CAPÍTULO 5

A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NA ÓTICA DE GINASTAS E TREINADORAS: O *HABITUS* ESPORTIVO CONSTRUÍDO

RESUMO

Este estudo objetivou identificar, por meio do discurso de treinadoras e ginastas, a presença de *habitus* esportivo na Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica, no período de 1997 a 2012, a partir do conceito de *habitus* implícito na Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu. Utilizou-se o método de história oral, com os depoimentos pessoais de 12 ginastas e quatro treinadoras que fizeram parte das Seleções Brasileiras de Conjunto no período proposto. Por meio de análise de conteúdo elencamos e organizamos os elementos constituintes do *habitus* esportivo seguindo o critério de surgimento do assunto, uma ação ou um comportamento na fala dos sujeitos. Como resultado, apresentamos os dez *habitus* encontrados, relacionados ao processo de entrada e saída da equipe, comando, superação pessoal em prol do grupo, manutenção do peso corporal, amadurecimento, rotinas de viagens e estudos, manutenção de resultados, convivência intensa, esporte espetáculo e intenção de continuidade na vida esportiva. Os dados encontrados poderão possibilitar análise e reflexões sobre a organização e condução das futuras composições de equipes na seleção brasileira de conjuntos, bem como a representatividade brasileira no mundo nesse esporte.

PALAVRAS-CHAVES: *Habitus*. Ginástica Rítmica. História.

INTRODUÇÃO

No Brasil há grande interesse pela modalidade de ginástica rítmica (GR) e, em especial, no treinamento e nas competições de conjunto, uma vez que os resultados internacionais conquistados nos últimos anos pela Seleção Brasileira de Conjuntos (SBC) têm contribuído para o aumento contínuo do número de praticantes deste esporte, assim como da visibilidade do país em nível mundial e, em especial, no Continente, posto que nos últimos 4 ciclos olímpicos obteve-se os melhores resultados da América.

A primeira participação brasileira em competições internacionais de conjunto foi em de 1973 no Campeonato do Mundo de Rotterdam, porém somente a partir de

1995 é que seleções de conjunto nacionais passaram a ser convocadas, o que coincide com o início das competições de conjunto nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Até então a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) qualificava o conjunto do clube campeão na categoria adulta para representar o país, condição que não impedia a treinadora qualificada de fazer convites para que ginastas de outros clubes pudessem compor seu grupo e conseqüentemente elevar o nível técnico da equipe (CRAUSE, 1985; SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

Em se tratando de Seleção Brasileira, Lourenço (2003) considera que quando ginastas de vários clubes ou estados são “convocadas” pela CBG significa que toda a organização técnica e financeira fica a cargo do órgão, já quando equipes de um mesmo clube representam o Brasil, estas são “qualificadas” pela CBG, ou seja, as equipes campeãs nos Campeonatos Interclubes nacionais podem também representar o país autorizadas pela CBG, porém sem seu apoio oficial no que diz respeito à supervisão técnica e aos custos dessa participação.

O capítulo II do Estatuto da CBG (2014, p. 2) em seu segundo parágrafo do oitavo artigo, confirma esta prática: “A Confederação Brasileira de Ginástica convocará e/ou qualificará ginastas, técnicos e árbitros a integrem as seleções nacionais das suas modalidades em relação à ginástica escolar, universitária, de clubes e entre Federações Nacionais”. Atualmente o centro de treinamento da SBC é em Aracaju/SE onde está a sede da CBG e residem todas as ginastas e equipe técnica. É o local no qual se encontram em preparação para os próximos grandes eventos da modalidade, em especial, os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Embora seja uma modalidade individual, o treinamento de conjunto, que é formado por cinco ginastas titulares, necessita de um trabalho homogêneo e com espírito de coletividade, pois a característica típica das coreografias de conjunto é a execução sincronizada das colaborações e das trocas de aparelhos entre as mesmas, o que exige dedicação total em detrimento de um resultado comum, porém com superações individuais dia a dia (LISITSKAYA, 1995; BOBO; PALMEIRO, 1998; LAFFRANCHI, 2005).

Em meio a esta convivência diária entre as ginastas do conjunto que acontece no ginásio, na escola e no alojamento, a forma de agir, de se vestir, de

gesticular e de encarar os fatos de cada uma influencia a companheira e vai se tornando parte integrante do jeito de ser individual e, principalmente do grupo, diferenciando-as de outros grupos de meninas da mesma idade ou de modalidades diferentes. De acordo com Rodrigues (2005), o atleta de categorias maiores traz atitudes incorporadas durante o tempo de formação e continua absorvendo em novas equipes, novos estilos de treinamentos. É muito comum encontrar ginastas de uma mesma equipe fazendo programas juntas no final de semana, pois o grupo de amizade passa a ser também o mesmo do nicho esportivo.

Ginastas de GR, treinadores, preparadores físicos, professores de *ballet* e demais profissionais envolvidos com esta modalidade têm a tendência de realizar ações relacionadas ao treinamento, competição e toda a vivência no setor esportivo ou não, de forma muito parecida, caracterizando exatamente o meio social esportivo que estão inseridos (BOURDIEU, 1990).

Nesse sentido, este estudo tem a finalidade de apresentar de forma científica, dados que possam contribuir para o entendimento da relevância deste envolvimento entre os atores que movimentam a SBC. Para tanto, estabelecemos a seguinte questão norteadora: é possível reconhecer elementos constituintes do *habitus* esportivo no discurso de ginastas e treinadoras integrantes da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012? Para dar embasamento a nossas discussões, nos ocupamos das referências específicas da modalidade aliadas ao referencial teórico de Pierre Bourdieu⁴³ em seus estudos sobre o *habitus* esportivo, considerando a ginástica rítmica como um subcampo do campo esportivo.

Diferentes estudos abordam a teoria de Bourdieu, alguns reúnem sua teoria e o esporte (MARCHI JR, 2001; RIBAS, 2007; STAREPRAVO, 2011), porém não

⁴³ Pierre Bourdieu (1930-2002) filósofo francês ingressou na Faculdade de Letras, na Escola Normal Superior em Paris aos 21 anos de idade e aos 24 anos graduou-se em Filosofia, assumindo a função de professor em Moulins. Prestou serviço militar na Argélia, e assumiu o cargo de professor assistente na Faculdade de Letras em Argel aos 28 anos iniciando sua pesquisa acerca da Sociedade Cabila que muito colaborou em suas teorias. Pensador mais citado no mundo em sua área é o fundador de um paradigma sociológico; sua obra oferece múltiplas facetas ao discutir temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Ao longo de sua vida desenvolveu diversos trabalhos abordando a questão da dominação nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano. É consagrado Doutor *'honoris causa'* das universidades Livre de Berlim em 1989, Johann-Wolfgang-Goethe de Frankfurt em 1996 e Atenas em 1996 (BONNEWITZ, 2003).

encontramos estudos que associam a ginástica rítmica e o *habitus* no campo esportivo, a exceção de um artigo sobre a visão de saúde das integrantes da SBC por meio de estudo de caso, elencando o *habitus* esportivo como categoria de discussão (VIANA; MEZZARROBA, 2013).

O objetivo do estudo, portanto, é identificar, por meio do discurso de treinadoras e ginastas, o *habitus* esportivo presente na SBC de GR no período de 1997 a 2012, espaço de tempo em que as seleções nacionais de conjunto passaram a ser convocadas sistematicamente compreendendo quatro ciclos olímpicos da modalidade.

Para atender o foco do estudo, estruturamos o texto em duas partes. Inicialmente apresentamos o conceito de *habitus* no campo esportivo, seguido pelos caminhos metodológicos percorridos. Por fim, ao discutir os dados, apresentamos os *habitus* encontrados na SBC, a partir dos depoimentos das integrantes do selecionado nacional.

Entendemos que a discussão acerca dos *habitus* na SBC poderá contribuir para uma visão mais concreta do funcionamento deste grupo social do campo esportivo, colaborando para o desenvolvimento contínuo da modalidade com mais conhecimento de causa de como as ações são pensadas e realizadas dentro da SBC. Assim, as seleções e contratações poderão ser direcionadas, a gestão repensada e a administração mais eficaz.

CARACTERIZAÇÃO DO *HABITUS* NA TEORIA DE BOURDIEU - *HABITUS* E O CAMPO ESPORTIVO

A movimentação dos indivíduos dentro de determinado espaço social de atuação em cada sociedade possibilita, em diferentes momentos, o estabelecimento de novas relações e a criação coletiva de situações sociais específicas tidas como legítimas para aquele grupo em questão. São assuntos e ações a serem compreendidos, discutidos, analisados e até talvez oficializados com garantias normatizadas por lei. O mundo social constrói sua própria representação e assim se organiza e se reconhece (BOURDIEU, 2000).

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, desenvolveu estudos e apresentou uma teoria na qual o modelo central é descrito por um processo que envolve estruturas,

agentes sociais e disposições mutuamente influenciáveis denominada de Teoria dos Campos (MARCHI JR., 2002). Bourdieu transitou por muitos universos, publicou textos nas mais variadas áreas partindo da sociologia, filosofia até culinária francesa, passando pela mídia televisiva e pelo esporte, motivo pelo qual optamos por trazer à luz este estudo, suas ideias e posicionamentos sobre o *habitus* no esporte como referencial teórico.

Mesmo não sendo um sociólogo do esporte, Bourdieu exerceu o papel de recolocar o mesmo dentro das abordagens científicas no âmbito das ciências sociais, como fez com objetos de pesquisa consagrados academicamente como de “menor importância” como, por exemplo, o campo da alta costura ou os campos de produção artística. Portanto, para Bourdieu (1983, p. 147), “o esporte é um dos objetos de luta política: a concorrência entre as organizações é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento de uma necessidade social, isto é, socialmente constituída”.

A partir de suas disposições em ver e pensar o mundo social, baseados no seu entendimento de representação das estruturas e do poder simbólico, pois ele entendia que a sociologia é a “ciência do poder” e das “lutas pelo poder”, ou seja, as relações de forças e dos processos que regulam a sociedade, em especial, a sociedade moderna causando mediação entre a mesma e o agente social, Bourdieu introduziu os conceitos centrais de campo, capital e *habitus*.

Campo é considerado o espaço das práticas sociais, composto de estruturas sociais e agentes sociais ligados a estas estruturas, representa um espaço simbólico no qual os confrontos legitimam as representações. É o poder simbólico que classifica os símbolos de acordo com a existência ou ausência de um código de valores. O campo é o *locus* no qual se travam as lutas entre os envolvidos em torno de interesses específicos em comum que caracterizam a área (BOURDIEU, 1990).

A teoria dos campos apresenta um processo contínuo de relações de forças que pode ser dos agentes ou das instituições que representam a coletividade. De acordo com Bourdieu (1983, p. 89), para que o funcionamento do campo aconteça “é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.”. Vale lembrar que um campo pode se satisfazer em

acolher ou bendizer um *habitus* que já está integralmente construído. Neste campo, que funciona de acordo com regras e normas próprias, existem atores sociais preocupados estrategicamente em potencializar interesses, influenciando nas definições e divisões sociais, conseqüentemente, evidenciando as disputas por poderes simbólicos e materiais.

O espaço no qual são travadas lutas em torno do esporte é denominado como campo esportivo e pode ser entendido como um campo específico da vida moderna, pois se trata de um espaço social com regras e valores próprios definidos por indivíduos com interesses comuns e se dá relativamente de forma autônoma.

O capital representa o acúmulo de forças que o indivíduo pode alcançar no campo. Bourdieu procura demonstrar que a compreensão das trocas simbólicas que se configuram nos mais distintos campos sociais, recorrem-se à figura analógica da economia, na medida em que o capital se apresenta como um recurso que confere lucros distintivos a quem o possui. As diferentes espécies de capital permitem a definição do espaço social e definem as probabilidades de ganho em um campo ou subcampo determinado: capital econômico, cultural, social e simbólico.

O capital econômico - medido pela quantidade pertencente ao agente, que é o conjunto de seus bens econômicos aliados aos fatores de produção (terras, empresas, etc.); o capital cultural – adquirido por meio de aprendizado e conhecimento formal que pode ser da escola, mas também da família, este capital pode se traduzir de três formas: estado incorporado (como a facilidade de se expressar), estado objetivo (um bem cultural como, por exemplo, possuir obras de arte) e estado institucionalizado (chancelado por instituições como os títulos acadêmicos ao longo da vida); o capital social - círculo social do agente e suas relações interpessoais que é dependente da manutenção das relações que deve ser recíproca, como que um trabalho de sociabilidade; e por fim, o capital simbólico - determinado pelo *habitus* (costumes e rituais) específicos de cada indivíduo ou grupo e ainda o campo a que pertence (BOURDIEU, 2000; BONNEWITZ, 2003).

Embora seja o capital econômico e o capital cultural que mais claramente fornecem critérios para a construção de um espaço social, o ator social que é o portador de uma parcela de capital de diversas naturezas busca a ocupação de espaços. Para

tal, é necessário que ele conheça as regras do jogo dentro do campo que esteja disposto a competir, seja ele capital cultural, social, político, artístico, esportivo, econômico etc., estão assim aptos a contradizer ou abrigar certas diretrizes que redefinam as bases do mundo social.

O conceito de *habitus* discorre sobre a capacidade dos sentimentos, dos pensamentos e das ações dos indivíduos de incorporar determinada estrutura social, ocorre a interiorização de um capital adquirido nas relações sociais. A respeito do conceito de *habitus*, Marchi Jr. (2002) alerta para que não se faça confusão com o que conhecemos como hábito, ou seja, as atividades recorrentes no dia a dia que são realizadas muitas vezes instintivamente ou de forma automática, pois: “*Habitus* é algo adquirido e encarnado no corpo de forma durável e com o contorno de disposições permanentes” (p.57).

Vindo da palavra grega *hexis*, o desejo do autor ao discutir as noções de *habitus* foi colocar em evidência capacidades criadoras, inventivas gerando um conhecimento adquirido, um capital e indicando uma disposição incorporada de um agente em ação não estático. *Habitus* está ligado à extensão de um aprendizado passado, mesmo que passando por readequações que podem lhe conceder transformações dentro de limites pré-estabelecidos, é adquirido por meio de uma experiência durável de determinada função ou posição no mundo social (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU, 2000).

As disposições adquiridas são apresentadas pelas atitudes do indivíduo, ou seja, suas inclinações interiorizadas para entender, perceber, sentir, fazer e pensar que são os princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão. A partir do momento em que os comportamentos e valores aprendidos são quase instintivos, absolutamente naturais ou óbvios, permite-se agir naturalmente sem a necessidade de ser obrigado a lembrar-se, explicitamente, das regras que devem ser observadas a cada ação (BONNEWITZ, 2003).

O *habitus* de acordo com Bourdieu (1990) não é algo estático, pois é o produto das experiências passadas e presentes dos agentes, que fazem escolhas, implicando nas práticas e representações que não são totalmente determinadas, portanto é uma estrutura interna sempre em via de reestruturação que reproduz valores

de um determinado grupo ou segmento social. “[...] está intimamente ligado com o *fluido* e o *vago*. Espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, ele obedece a uma *lógica prática*, a lógica do fluído, do mais-ou-menos, que define a relação cotidiana com o mundo” (p. 97).

Comportamentos cotidianos como higiene corporal, estilos de vestir ou ainda modos à mesa são produtos que foram se instalando com o tempo muitas vezes sem justificativa ou questionamento reflexivo sobre o acerto ou erro de tais atos. Para Assumpção e Nina (2010) estes comportamentos dificilmente se extinguem, uma vez que já estão impressos em determinada sociedade e de maneira indelével.

As proposições apresentadas nos remetem ao dia a dia de ginastas de uma mesma equipe ou de uma mesma categoria de competição e nos levam a refletir se a forma de agir, de se vestir, de gesticular e de encarar os fatos vai se tornando aparentemente parte do jeito de ser de cada atleta em meio a esta convivência diária. Ginastas iniciantes ou de categorias menores incorporam atitudes de outras ginastas de categorias maiores na forma de executar determinados movimentos, na forma de agir frente a uma situação que exige tomada de decisão ou ainda na organização de um ritual pré-competição. Conseqüentemente as atitudes incorporadas passam a ser visualizadas no meio social em que vive, seja nos tablados, na escola ou entre amigos não atletas, embora o grupo de amizades quase sempre façam parte do mesmo nicho esportivo, é muito comum encontrar ginastas de uma mesma equipe reunindo-se para realizar programas que visem o lazer e entretenimento no final de semana.

As práticas esportivas têm funções, formas e valores diferentes para os indivíduos. No meio social esportivo em que ginastas, treinadores, preparadores físicos, professores de *ballet* e demais profissionais envolvidos com esta modalidade estão inseridos, há uma tendência de realização de ações relacionadas ao treinamento, competição e toda a vivência no setor esportivo de forma muito parecida, permitindo a construção da identidade a partir da proeminência do *habitus*, portanto, o mesmo se constrói de acordo com o grupo social.

Existe a necessidade de pessoas dotadas do mesmo *habitus* na SBC, que façam parte de um mesmo grupo orquestrado de forma espontânea com compreensão mútua, que se entenda com meias palavras até mesmo em meio a conflitos, pois

inclusive nos conflitos percebe-se uma movimentação semelhante porque de acordo com Bourdieu (1990) se o *habitus* é diferente, há enfrentamentos e surgem possibilidades de colisão, de não resolução do conflito e de mudança de caminhos.

Para isso, as ginastas e demais integrantes a equipe devem ser capazes de criar, inventar e modificar o *habitus* conforme a necessidade do contexto. Rodrigues (2005) aponta que quando jogadores de futebol passam a atuar em clubes que têm estilos de jogo diferentes, acabam mudando a forma de jogar. Portanto, o *habitus* permite a reprodução de estruturas inscritas na trajetória dos atores sociais, mas também permite ajustamentos e inovações por parte dos indivíduos, mediando as relações entre as estruturas objetivas e as práticas. É importante observar a inovação e a capacidade criativa do atleta na reprodução do *habitus* esportivo.

Assim, quando a ginasta integra a SBC o *habitus* trazido de sua iniciação esportiva contribuirá para a identidade do grupo ao mesmo tempo em que o *habitus* da equipe forçará uma mudança individual para as adaptações necessárias ao bom andamento dos treinos e competições e a ocupação de um lugar como titular ou reserva. Starepravo (2011, p. 47) ilustra bem esta situação: “Um recém-chegado provavelmente não terá grande êxito em suas tomadas de decisão, uma vez que o *habitus* ainda não foi incorporado.” Mesmo com experiência na modalidade sua ação pode não ser a mais adequada para o solicitado, como já apontado, é o *habitus* ou o “senso de jogo” que direciona e dá o tom das ações que geram as realizações.

Seguindo este raciocínio, o *habitus* fornece a articulação e a mediação entre os domínios individuais e coletivos e assim garante a coerência entre a ginasta, a treinadora e o grupo como um todo. Assim o valor recebido por cada integrante é medido não apenas pelas conquistas, mas também pelo dia a dia de preparação para tal, inclusive sua dose de sacrifício, esforços e também sua determinação. Segundo Assumpção e Nina (2010) para compreender como isso se dá em cada um dos esportes é necessário reconhecer a posição que esta modalidade ocupa no espaço dos esportes buscando entender sua organização por meio de sua prática e perceber como o *habitus* nos oferece esta visualização. O treinamento diário de determinada equipe com foco em um campeonato em especial pode objetivar tornar-se campeão ou ainda

apenas buscar a classificação em uma final, o que possivelmente para aquela modalidade ou aquele grupo poderá ser uma conquista importante.

Uma vez apresentado o conceito de *habitus* partimos para a busca da compreensão dos acontecimentos que dão origem a ações, procedimentos e entendimentos de situações que geram possíveis *habitus* da SBC, direcionando o foco para a relação dinâmica entre suas trajetórias particulares e a do grupo em questão.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Poucos são os estudos que resgatam ou discutem a história da ginástica brasileira (FIORIN, 2002; AGUSTINI, 2002; LOURENÇO, 2003; SAROA, 2005; SCHIAVON, 2009). O meio esportivo tem sido alvo de pesquisas que se utilizam das técnicas do método de história oral para registrar históricos e/ou momentos de glórias das modalidades e de seus ídolos. Na busca pelo modelo metodológico mais adequado para realizar este desafio e apresentar resultados que possam contribuir para o desenvolvimento e consolidação da GR, utilizamos para este estudo o método de história oral, optando pela técnica de depoimentos para registrar os caminhos percorridos dentro e fora dos espaços de treinamento e competição, pelas treinadoras e ginastas que passaram por equipes nacionais de conjunto.

A história oral possibilita o registro das experiências de um único indivíduo ou ainda indivíduos de um determinado grupo, ocupando os espaços deixados pelas fontes escritas. As informações coletadas nos depoimentos das envolvidas na mesma coletividade dizem respeito a dados não encontrados em documentos ou publicações científicas e oportunizaram relatos diferenciados sobre um mesmo período de tempo captando as experiências de cada ginasta e treinadora (QUEIROZ, 1988). Para Augras (1997) há a possibilidade de dar à memória pessoal ou do grupo um formato palpável, pois durante a entrevista o sujeito pode se surpreender e dizer algo novo ao recordar o momento em questão, algumas vezes mudando a forma do mesmo encarar a situação vivida há tempos, valorizando seu depoimento.

O universo da pesquisa é composto por 25 ginastas convocadas para a SBC participantes como titular de uma edição dos Jogos Pan Americanos e/ou dos Jogos Olímpicos contemplados no período da pesquisa e quatro treinadoras contratadas pela CBG para dirigir a seleção nacional de conjuntos participantes de um evento

internacional oficial dirigindo a equipe, podendo ser Jogos Pan Americanos e/ou Jogos Olímpicos, ou ainda campeonatos mundiais/pré-olímpicos. Contamos com a população das treinadoras e com 48% das ginastas como amostra, totalizando 12 atletas que demonstraram interesse disponibilizando-se para participar do estudo com tempo livre para realização da entrevista, que foi importante para a seleção da amostragem devido à dimensão do território brasileiro. Assim, optou-se, por conveniência, entrevistar três ginastas de cada ciclo olímpico, a saber: Ciclo 1 - 1997 a 2000; Ciclo 2 - 2001 a 2004; Ciclo 3 - 2005 a 2008; e Ciclo 4 - 2009 a 2012.

A amostragem de participantes é um aspecto comum em pesquisas que envolvem entrevistas de história de vida, pois não há, geralmente, um número pré-determinado de sujeitos devido à sua complexidade. Assim, a qualidade e riqueza das informações obtidas nos relatos das 16 ginastas entrevistadas garantem a representatividade para o estudo (CLOSS, 2009; QUEIROZ, 1988).

Os Quadros 1 e 2 apresentam a composição da amostra organizada em ordem cronológica de atuação:

Quadro 1: Ginastas participantes da pesquisa

Ginasta	Período na seleção	Jogos Pan Americanos	Jogos Olímpicos
G1	1997 a 1999	Jogos Pan Am de Winnipeg	-
G2	1997 a 2000	Jogos Pan Am de Winnipeg	JO de Sydney
G3	1997 a 2004	Jogos Pan Am de Winnipeg Jogos Pan Am de Santo Domingo	JO de Sydney JO de Atenas
G4	2000 a 2003	Jogos Pan Am de Santo Domingo	JO de Sydney
G5	2003 a 2004	Jogos Pan Am de Santo Domingo	JO de Atenas
G6	2004	-	JO de Atenas
G7	2005 a 2008	Jogos Pan Am do Rio de Janeiro	JO de Pequim
G8	2007	Jogos Pan Am do Rio de Janeiro	-
G9	2007 a 2012	Jogos Pan Am do Rio de Janeiro Jogos Pan Am do Guadalajara	JO de Pequim
G10	2011 a 2012	Jogos Pan Am do Guadalajara	-
G11	2011 a 2012	XVI Jogos Pan Am do Guadalajara	-
G12	2011 a 2012	XVI Jogos Pan Am do Guadalajara	-

Quadro 2: Treinadoras participantes da pesquisa

Treinadora	Período na seleção	Principais eventos que dirigiu a Seleção Brasileira de Conjuntos
T1	1997 a 2004	- Jogos Pan Americanos de Winnipeg - Jogos Pan Americanos de Santo Domingo - Jogos Olímpicos de Sydney - Jogos Olímpicos de Atenas
T2	2005 a 2010	- Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro - Jogos Olímpicos de Pequim
T3	2010	- Pré-olímpico para Jogos Olímpicos Londres (1º fase)
T4	2010 a 2012	- Jogos Pan Americanos do Guadalajara - Pré-olímpico para Jogos Olímpicos Londres (2º fase)

O contato com os sujeitos se deu via e-mail, telefone e pela rede social *Facebook*. Após aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá sob o nº 739.303 (Anexo A), assinatura de Autorização (Apêndices A) e Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndices B e C) de todas as envolvidas, deu-se início aos agendamentos das entrevistas, todas realizadas pela própria pesquisadora nas residências dos sujeitos ou ainda em eventos específicos de GR no decorrer do ano de 2014. Seguindo os apontamentos metodológicos para depoimentos em história oral, um tema foi proposto para o relato e durante o depoimento, optou-se por dar liberdade às entrevistadas (QUEIROZ, 1988; VON SIMSON, 2006). Solicitou-se então: Faça um relato da sua experiência de vida na SBC desde sua convocação ou convite para assumir os treinamentos até seu desligamento (Apêndice K).

A condução das entrevistas ocorreu de maneira descontraída sempre direcionada pela pesquisadora conforme indicado por Queiroz (1988) e sem perder o foco no período de tempo pré-determinado para o estudo. Os depoimentos foram captados por meio de gravador digital e armazenados em computador. Para a transcrição utilizamos os programas *Windows Player* e *World*.

Após cada entrevista, foi realizada a transcrição das mesmas, rapidamente, aproveitando as lembranças dos relatos, transcrevendo de forma literal eliminando-se apenas as prováveis repetições, sem muitas edições, possibilitando encontrar informações importantes para a análise de dados (CLOSS, 2009; DEMARTINI, 1988).

A estratégia interpretativa foi a abordagem utilizada para a organização e a interpretação dos depoimentos neste estudo que de acordo Denzin (1989), é indicada para análises em história oral em que as normas de avaliação objetivas são rejeitadas. A análise das informações se deu da primeira à última entrevista, promovendo a não ruptura entre o levantamento de informações e suas interpretações, exigindo constante inovação do referencial teórico no momento da discussão dos dados (SPINK; LIMA, 2000; DEMARTINI, 1988).

Foram destacados trechos das narrativas, associados aos objetivos da pesquisa, constituindo-se categorias amplas baseadas no conceito de *habitus* após um olhar para o texto transcrito com o questionamento sobre os costumes e rituais específicos de cada ginasta e/ou treinadora ou ainda do grupo que compõem a SBC. Isso foi realizado seguindo critério de surgimento do assunto, podendo ser uma ação ou um comportamento percebido na fala dos sujeitos. Reconhecendo assim, elementos constituintes do *habitus* esportivo independente do período que atuaram (Apêndice L).

Após tornar os dados significativos e válidos, com o intuito de favorecimento da compreensão e acompanhamento das interpretações e justificativas, apresentamos ao longo da discussão que se segue os 10 *habitus* esportivos encontrados na SBC. Em cada *habitus* apresentado, foram agrupados e trazidos para a discussão os relatos das ginastas e treinadoras relacionados aos elementos constituintes da categoria selecionada, possibilitando visualizar as semelhanças encontradas nos depoimentos, colaborando com as reflexões acerca do assunto.

De acordo com Denzin (1989), inevitavelmente os momentos vivenciados durante as entrevistas passam a fazer parte da história do/a pesquisador/a que acaba sendo envolvido/a exatamente por meio desta subjetividade e, em especial, quando também sua história já vivida se relaciona com este contexto, caso que ocorre neste estudo, pode haver certa facilidade na interpretação dos depoimentos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos 10 *habitus* da SBC elencados e organizados a partir dos elementos constituintes encontrados nos depoimentos das ginastas e treinadoras participantes deste estudo que configurados possibilitaram a geração de uma

identidade por meio da relação dinâmica do conjunto dos integrantes aliados aos recursos disponíveis e à suas trajetórias particulares e do próprio grupo em questão.

***Habitus* 1: Renovação contínua da equipe no decorrer dos ciclos.**

O início da atuação de uma ginasta na SBC se dá por meio de um processo seletivo. Não há na CBG um modelo único de seletivas para a escolha das ginastas que farão parte do elenco para determinado ciclo, o formato muda a cada nova gestão ou ainda de acordo com a necessidade para o ano de competições e esta falta de metodologia com critérios definidos parece não atrapalhar a continuidade dos trabalhos.

Poucos são os registros de como são realizadas as seletivas, Lourenço (2003) cita que ao final do ano de 1999 ginastas que competiram eventos nacionais, em especial no individual, foram convidadas para participar de uma semana de treinamento com o conjunto em Londrina⁴⁴ e ao final desta semana apresentou-se a nova equipe para os Jogos Olímpicos de Sydney.

No caso das seletivas para compor a SBC, o capital simbólico, que é determinado pelo *habitus* específicos no campo ao qual pertence cada indivíduo, é percebido na fala das ginastas, entendendo como Bourdieu (2000) e Bonnewitz (2003) que o capital representa o acúmulo de forças que o indivíduo pode alcançar no campo, o esforço das atletas aspirantes para demonstrar suas potencialidades é gritante, e permite às mesmas jogar o jogo dentro deste campo social que estão dispostas a competir e conquistar.

No começo de 1999, trouxeram várias ginastas e teve uma seletiva na UNOPAR². Havia pessoas dando nota, eu fiquei com bastante medo porque realmente tinham ginastas melhores que eu em flexibilidade que ficaria muito bem no meu lugar, mas eu ainda tinha um manejo melhor, então eu acho que prevaleceu isso no momento (G2).

Foi uma surpresa, entrar pra seleção, porque o sonho de toda ginasta é entrar, e sempre tive meu problema de altura, e pra conjunto sempre foi importante esse requisito né, então quando a Camila Ferezin me convocou para fazer a seletiva eu achei “nossa, que surpresa!” E quando eu passei estava em estado de choque, mas eu consegui (G10).

Claro que no meio do caminho algumas meninas saíram porque não aguentaram ou realmente não tinham condições de ficar lá. Foram chamadas novas atletas, mas a essência do grupo permaneceu a mesma [...] (G9).

⁴⁴ A sede da SBC no período de 1995 a 2004 foi nas dependências da UNOPAR – Universidade Norte do Paraná na cidade de Londrina/PR

As seletivas são abertas para ginastas que já completaram seu ciclo de formação na GR, ou seja, passaram pelas categorias de base e estão aptas a integrar uma equipe da categoria adulta. Avilés, Díaz e Borrás (2014) afirmam que a ginasta chega à etapa de maestria esportiva após o período de oito a dez anos de treinamento sistematizado, assim ela é encaminhada ao aperfeiçoamento do exercício competitivo, pois já possui o domínio necessário da técnica exigida na GR para competições de categorias maiores.

Para Bonnewitz (2003, p.77) “A hexis corporal corresponde às posturas, disposições do corpo, relações ao corpo, interiorizadas inconscientemente pelo indivíduo ao longo de sua história.” Podemos ligar ao talento esportivo, pois muitas das escolhas do atleta se efetivam pela facilidade em executar determinados movimentos aliados ao prazer desta execução em grupo, como podemos perceber neste depoimento: “Bom, eu entrei na seleção com 14 anos, então já dentro da seleção eu completei os 15 anos⁴⁵, a gente fez uma seletiva e eu passei...” (G6).

Treinadoras também buscam em eventos de categorias menores ginastas talentosas independente dos resultados alcançados pra participarem das seletivas: “[...] eu participei dos eventos nacionais, campeonatos juvenis e adultos, eu vou assistir e anoto, procuro ver as finais e até classificatório pra buscar ginastas que tem o perfil ideal pra poder integrar a seleção” (T4).

O espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo, de acordo com Bourdieu (1983), o universo das práticas é distribuído e orientado de acordo com os consumos tendo de um lado a oferta e do outro a demanda que vem norteadas pelo gosto do que praticar e as prováveis transformações, a mudança das ginastas do treinamento do individual para o conjunto está relacionada com a demanda neste subcampo esportivo que é a ginástica rítmica, portanto, muitas vezes não compete ao indivíduo modificar, mas engajar-se às variações da prática como podemos perceber nas entrevistas:

Eu entrei na seleção de conjuntos em 2007, que foi no ano do Pan Americano⁴⁶. Naquela época eu já estava competindo pela seleção de individual treinando em Aracaju, em 2005 e 2006. [...] sempre tive essa

⁴⁵ A Federação Internacional de Ginástica alterou a idade mínima para integrar a categoria adulta para 16 anos apenas em 2005.

⁴⁶ Refere-se aqui aos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro realizados no ano de 2007.

vontade de estar participando da seleção de conjuntos, que eu me identificava muito mais do que com a seleção individual e quando eu tive a oportunidade de integrar o conjunto foi muito bom. [...] (G9).

Em 2011 eu lembro que fui para o conjunto mais ou menos por agosto, saindo do individual e foi uma experiência muito boa. (G11).

Um ano eu ia no individual, um ano eu ia no conjunto (G3).

Novamente em relação a oferta e demanda, percebemos aqui neste grupo a aceitação da possibilidade de assumir o ônus e o bônus em relação aos custos culturais, no sentido de que há expectativas e entendimentos diferenciados em relação à prática individual e de conjunto, sejam pelo efeito externo perceptível na força aparente ou então a importância dada os efeitos internos que pode ser a busca do equilíbrio psíquico (BOURDIEU, 1983).

As forças internas e externas que constituem uma rede de processos que conduzirá a ginasta em seus comportamentos, maneiras de pensar e agir, independente da idade ou do momento da convocação, pois o agente social é influenciado e influencia o espaço em que está vivendo.

Aí fui, fiz a seletiva, passei, e na hora não sabia o que estava sentindo, se era felicidade ou se era um medo que ia vir da cobrança, da pressão, e se eu estava preparada pra aquilo (G8).

O grupo se fortaleceu bastante, as ginastas permaneceram as mesmas e não houve grandes modificações, a não ser com a saída de uma e a entrada de outra (G9).

Em 2012 teve outra seletiva. Aí foi mais uma fase de readaptação com as outras meninas, porque com as que já estavam em 2011 a gente já tinha uma ligação. Mas isso sempre acontece, e vai continuar acontecendo, porque sempre tem e vai ter a substituição (G10).

Nem sempre a ginasta sabe se está pronta para assumir toda a carga de treinamento e de responsabilidades, por isso há rotatividade, e mesmo quando a treinadora acredita que a equipe está fechada há enfrentamentos variados e quando os indivíduos não são dotados do mesmo *habitus* estes enfrentamentos podem causar desistências e substituições de forma contínua. (BOURDIEU, 1990).

Portanto, todo o processo de inovação na SBC não é impactante, pelo contrário, é contínuo para as treinadoras e aceito naturalmente pelas ginastas.

Habitus 2: A articulação de todas as atividades que envolvem a equipe é assumida pela treinadora, o comando geral é da treinadora.

O universo de práticas esportivas não foge ao entendimento de que as estruturas são frutos das lutas históricas. A própria oferta produzida por todo o histórico anterior forma um “conjunto de modelos” de práticas (organização, regras, equipamentos, instituições especializadas) e se apresenta por meio de uma gama de modalidades que podem ser praticadas ou apenas visualizadas, demonstrando já ser um produto de relações entre modelos de práticas e disposições para a prática (BOURDIEU, 1990).

O modelo ideal de organização esportiva não será discutido aqui, porém vale esclarecer que, em geral, as equipes de GR no Brasil contam com um número muito reduzido de profissionais recaindo sobre a treinadora praticamente todas as funções. Na SBC não é diferente, como podemos perceber nos depoimentos das próprias treinadoras entrevistadas:

Não tinha comissão técnica, eu fazia tudo sozinha, eu tinha todas as responsabilidades. Eu cuidava da documentação, das meninas, do dinheiro quando a gente ia viajar, então, eu tinha que prestar conta pra CBG do dinheiro quando a gente viajava, eu era psicóloga, eu era mãe, eu levava no médico, eu via escola, você vai estudar ou não vai estudar, fazia tudo sozinha. (T1).

Mas era um pouco de tudo né, eu desenhei collants, eu coreografei, eu gravei CDs, eu montei músicas, eu levei uma menina pra casa que morava no apartamento e que estava com dor de garganta e tinha muito medo de passar mal a noite e acordar as colegas, levei pra minha casa então é muito difícil você dividir funções assim (T2).

Tinha sempre que fazer tudo (T3).

Quando eu assumi como técnica responsável, assumi a parte técnica dentro do ginásio, mas a gente sabe como é o esporte no Brasil, principalmente na GR que eu acho que a CBG abrange sete modalidades, e a GR é uma delas e não tem, recurso para uma estrutura ideal. Então quando eu assumi praticamente sozinha (T4).

Nos quatro ciclos pesquisados a história se repete, confirmando que noção de circunstâncias na análise da reprodução do *habitus* indica que o indivíduo é capaz de criar, inventar e modificar o *habitus* conforme o contexto e a situação social, mas também pode simplesmente mantê-lo. Seguindo o raciocínio, o *habitus* fornece a articulação e a mediação entre os domínios individuais e coletivos e assim garante a coerência entre o indivíduo e a sociedade, neste caso entre treinadoras e ginastas.

Este relacionamento técnico-atleta é um fator determinante para o sucesso esportivo, que não pode ser confundido com o papel de treinador com intervenção “ditatorial” (OLIVEIRA, 2014, p, 105).

Direcionando o olhar para os acontecimentos que dão origem às ações, procedimentos e entendimentos de situações de direcionamento organizacional na SBC, seja no seu dia a dia de treinamentos ou na rotina de competições, encontramos nos depoimentos das ginastas, componentes para caracterizar o *habitus* esportivo relacionado ao comando da equipe.

A técnica fazia tudo sempre, nunca vinha ninguém da CBG, só aparecia uma funcionária da UNOPAR que levava papéis para ela que dizia assim: gente agora isso aqui é para o visto, então vocês assinam aqui e ponto (G2).

Logo que eu entrei, a treinadora explicou tudo, o que tinha de ser feito, o que precisava ser feito, quanto que ia receber. Foi tudo ela (G6).

Para Souza e Marchi Jr (2010, p.301) “[...] o campo estrutura o *habitus* em tão presente medida que o *habitus* constitui o campo.” Por isso apresentar um mapa ou confirmar uma ação da estrutura objetiva das relações ocupadas pelos agentes ou instituições que competem pela forma legítima de autoridade específica no campo, demonstra a percepção de que muitas vezes o agente assume o campo. Talvez seja exatamente isto que dificulta que um novo personagem possa surgir, como por exemplo, a figura efetiva do gestor.

O grupo é um reflexo da atitude da técnica, então na época ela sempre teve a precaução de estar reunindo o grupo, ter um contato mais próximo, mesmo com treino pesado. Tem que exigir? Tem, mas eu acho que esse contato não pode ser perdido, porque fez bastante diferença no ano de 2011, a proximidade entre as ginastas e a técnica. (G9).

O depoimento acima nos permite observar como as treinadoras assumem a responsabilidade do bom andamento e do fazer acontecer na SBC fortalecendo o *habitus* sem descaracterizar o campo, lembrando que no campo, de acordo com Souza e Marchi Jr (2010), existem atores sociais preocupados estrategicamente em potencializar interesses que influenciam no andamento do mesmo evidenciando os poderes simbólicos. Esse é o papel exercido pela treinadora, detentora do poder e da liderança do grupo caracteriza seu capital cultural. Este acúmulo de forças alcançadas

no campo se dá pela sua expertise que vai sendo assumida e incorporada por todos os envolvidos.

Habitus 3: Rotina de treinamentos longos e intensos com foco no resultado final. Superação pessoal (esforço, cansaço e dor) em prol do grupo.

Para Bourdieu (1983) a escolha de uma determinada modalidade em detrimento de outra passa pela relação com o próprio corpo, que distingue as classes e que pode levar ao esporte coletivo ou individual, mesmo que coloque o próprio corpo em jogo como nas acrobacias, por exemplo, ou como encontramos nos depoimentos das ginastas da SBC. Os esportes que demandam um alto investimento de dedicação e esforços, muitas vezes são carregados de dor e sofrimento:

Quando a gente foi se preparar para entrar na quadra, nós ficamos ainda dez minutos em corredorzinho que não dava pra fazer nem um lançamento. Eu quietinha com a minha dor no joelho, porque não podia falar pras meninas, pensei: “nossa, dez minutos!”, mas a gente estava muito concentrada, muito focada. [...] Quando nós entramos ali naquela quadra, a nossa união era muito grande pra essa competição. Acho que de tanto treinar, e com Deus junto, acho que tudo deu certo na hora. Na hora meu joelho deu umas travadas, mas eu esqueci e nem lembrei da dor, e tudo deu certo (G3).

O treinamento era muito pesado eu sentia muitas dores no corpo então eu não dormia porque a musculatura ficava vibrando o tempo todo e eu não conseguia dormir porque tinha muita dor, mas a minha vontade era maior que tudo isso [...] Os treinos foram massacrantes pra mim eu me lembro de que era muito difícil, só que eu amava tanto que parecia que era fácil, as dores foram indo, as dores que eu sinto até hoje, mas na época a dor era normal, fazia parte do meu dia a dia (G2).

Viana e Mezzaroba (2013, p. 201) alertam para a condição comportamental no alto rendimento, pois além de conviver com as intensas pressões psicológicas do cotidiano de uma ginasta ainda tem que se habituar com altas doses de treinamento físico e técnico. “Manter-se na seleção brasileira de GR requer alguns sacrifícios, como: controlar a alimentação, abdicar de uma vida social “normal”, conviver com as dores/lesões [...]”

O valor recebido por cada atleta é medido não apenas pelas conquistas, mas também pelo dia a dia de preparação para tal, inclusive sua dose de sacrifício, esforços e também sua determinação. Para Oliveira (2014) desde a iniciação ginastas se habitam a lidar com a companhia constante da dor, inclusive utilizando palavras no

diminutivo (dorzinha ou distensãozinha) minimizando sua importância. Para compreender como isso se dá em cada um dos esportes, é necessário reconhecer a posição que esta modalidade ocupa no espaço dos esportes buscando entender sua organização por meio de sua prática e perceber como o *habitus* nos oferece esta visualização. O treinamento diário de determinada equipe com foco em um campeonato em especial pode objetivar tornar-se campeão ou ainda apenas para a classificação em uma final que possivelmente para aquela modalidade ou aquele grupo já será uma conquista importante.

Se for me perguntar qual é o momento mais marcante da minha carreira, em questão de toda a luta que teve pro Pan Americano de Guadalajara, as superações das minhas dificuldades pessoais, das minhas limitações físicas... porque comparado com as outras meninas eu tinha muitas limitações físicas. Pra elas não era tão difícil estar fazendo aquilo, e pra mim todo dia era difícil. (G9).

Era só isso que a gente pensava: Vamos fazer uma excelente apresentação" [...] Porque nós já estamos entre os dez melhores países do mundo, a gente nunca tinha conseguido uma vaga, era sempre o último lugar, nunca tinha ido pra uma Olimpíada⁴⁷. Tanto deu certo que no concurso geral um dos poucos países, se não o único, que o público aplaudiu de pé. Quando terminou a série de arco e fita, a plateia estava de pé. Quando é que a plateia tá de pé aplaudindo GR, aplaudindo Brasil? Uma coisa que ninguém sonhava. E aí veio a final e o oitavo lugar depois na final, o que a gente queria mais? Então foi um momento de glória, tanto pra mim quanto para as meninas (T1).

A GR ainda não tem tradição olímpica, a gente vai para fazer uma grande participação, viver um grande momento de experiência de vida, na carreira, tem outros países melhores, diferente de um Pan Americano que a gente vai para disputar uma medalha de ouro (T2).

No esporte moderno e de alto rendimento encontramos as premissas apresentadas por Bourdieu, a exigência intensa e diária, a necessidade contínua de superação e o cansaço nos treinamentos intermináveis, tudo dentro de um esquema de ação que permite a reprodução do *habitus* de diferentes atores, isso nas mais variadas modalidades, como na ginástica rítmica que busca obter a perfeição nos movimentos mesmo que isso se configure em algo extremamente difícil de alcançar, o que proporciona uma demanda exaustiva de repetições. Para Laffranchi (2005) a GR é uma modalidade extremamente pautada nos detalhes técnicos da execução, e é muito comum a realização de muitas repetições de elementos isolados ou ainda pequenas

⁴⁷ Refere-se aqui aos Jogos Olímpicos de Sydney realizados no ano de 2000.

partes da coreografia, como repetição das trocas, das colaborações ou ainda dos passos de dança.

A gente começava a fazer as repetições de lançamentos, muitos, uns 50 mais ou menos, e colaborações, e quando acabava essa fase de trocas e lançamentos, a série era dividida em partes, em quatro partes, duas e ia diminuindo até passar a série inteira (G1).

Longe de competição a gente fazia coreografia 4, 5 vezes, mas perto de competição eram 15 vezes a mesma série. Aí de manhã era preparação física e um conjunto e a tarde preparação física e o outro conjunto (G5).

Repetição de troca, colaboração, muita repetição, voltava para o treino duas horas, duas e meia, e fazia flexibilidade, a preparação física geral né, e já pegava a série de novo, e aí mais repetições [...] (G10).

A gente ia a pé mesmo, todo mundo junto, chegava ao ginásio e aquecia, fazia ballet, treinava a série, flexibilidade. Saia do ginásio, almoçava, descansava um pouquinho antes do treino de novo. Aí volta para o ginásio, aquece, faz preparação física, treina série, faz preparação física geral [...] (G11).

Assim como Rodrigues (2005) que, ao discutir o futebol, entende a formação profissional de um atleta como a construção de um determinado *habitus*, também compartilhamos esta percepção, *pois* todo o processo de formação da ginasta consiste na incorporação de estruturas, estratégias, modelos de agir, técnicas e esquemas de treinamento ou táticas de competição. As ginastas mais jovens vão construindo um *habitus* à medida que no treinamento e nas competições, a mesma começa a tomar decisões e assimilar novos movimentos de acordo com as necessidades do grupo e, ainda, traz a estrutura do clube que pertenceu no momento da sua formação, reproduzindo o estilo de execução dos movimentos.

A gente ia vencendo as dificuldades, uma de cada vez sabe, porque era um grupo muito novo, a gente fica muito ansiosa pensando: “Meu Deus, a gente tem dois meses”, então a gente tinha que ter um foco muito grande de tentar ir superando as dificuldades dia a dia, que não eram poucas né. Quem pode acompanhar de perto aquela fase sabe que foi difícil, que o grupo era muito jovem também, as meninas tinham acabado de sair do juvenil [...] (G9).

Foi uma dificuldade, que na época nosso sonho de ser uma atleta da seleção brasileira superava qualquer dificuldade que a gente tinha encontrado no caminho (G8).

A noção de circunstâncias na análise da reprodução do *habitus* indica que o indivíduo é capaz de criar, inventar e modificar o *habitus* conforme o contexto e a

situação social. Ainda sobre os jogadores de futebol, Rodrigues (2005) aponta que quando passam a atuar em clubes que têm estilos de jogo diferentes, acabam mudando a forma de jogar. Portanto, o *habitus* permite a reprodução de estruturas inscritas na trajetória dos atores sociais, mas também permite ajustamentos e inovações por parte dos indivíduos, mediando às relações entre as estruturas objetivas e as práticas. Seguindo este raciocínio, o *habitus* fornece a articulação e a mediação entre os domínios individuais e coletivos e assim garante a coerência entre a ginasta e a toda a equipe.

Assim, no individual é cada um por si e no conjunto eu sempre gostei desse sentimento de grupo. Desse sentimento de união, de objetivo em comum, não só lutar pelos meus objetivos, mas tudo que eu estava fazendo interferia no grupo. Então mudei porque é completamente diferente de que quando eu treinava. Se uma não tá bem, o grupo inteiro vai sofrer as consequências disso. Então isso foi uma coisa que eu aprendi muito nessa época mesmo nosso grupo era extremamente unido, inclusive até hoje a gente tem o contato, a gente se reúne uma vez por ano (G9).

Bom, quando as meninas novas vieram, eu ensinava numa boa, tinha esse peso de ser capitã, de passar coisas boas, e se eu ficava ruim todo mundo ficava ruim, se eu estava bem todo mundo ficava bem, eu me toquei que todo dia eu tinha que ficar boa. Acho até que me colocaram capitã, pra eu todo dia estar bem e passar coisas boas (G3).

Esta mediação permite a reprodução de estruturas tatuadas nas trajetórias já vividas, mas também permite ajustes e inovações e, assim, percebemos como as técnicas e habilidades vão sendo incorporadas pelos atletas a cada novo clube ou cada nova etapa de treinamento como, por exemplo, nas mudanças de categorias até chegar à categoria máxima de sua modalidade ou ao profissionalismo em outros poucos casos.

***Habitus* 4: Dietas contínuas para manutenção do peso corporal e pesagem corporal diária.**

Dentre as características de uma atleta de GR está o somatotipo ideal para a prática da mesma. Sendo este um esporte de apresentação, que tem sua avaliação pautada na percepção dos árbitros, a figura estética da ginasta no momento da competição é muito valorizada ainda que não seja fator de valoração para as notas recebidas. Assim, o bom desempenho claramente é dependente da manutenção de um baixo peso corporal.

As praticantes de GR devem ser magras, apresentar características corporais como ser longilínea, dados já avaliados desde a iniciação esportiva. Em seus estudos Llobet (1998) cita que ginastas que chegaram à elite mundial foram as que possuíam quadril estreito, flexibilidade geral e baixo índice de gordura corporal. Corbela et al. (1992) realizaram um estudo cineantropométrico em um grupo de ginastas de GR constatando que as mesmas apresentam valores baixos de tecido adiposo subcutâneo e também retardo na sua maturação sexual em relação à população normal.

Em se tratando de bom desempenho, Laffranchi (2005) ao abordar o termo alega que este determina a forma física, técnica e psicológica com a máxima eficiência que uma ginasta ou conjunto podem adquirir e define forma desportiva ou *performance* como o estado de predisposição ótima para obtenção dos resultados desportivos, a forma desportiva é adquirida em função da preparação do atleta e é um fenômeno polifacetado.

A preocupação com o peso é uma constante no dia a dia das ginastas, basicamente todos os depoimentos das entrevistadas nos remetem a este assunto em algum momento de suas falas como esta: “Tinha quem cozinhava e cuidava da gente. Cuidava, vigiava pra gente não comer” (G5)⁴⁸.

Para Viana e Mezzaroba (2013) desde muito cedo ginastas são disciplinadas para obter resultados no esporte e aponta para o impacto disso em suas vidas sociais, na sua alimentação e dieta, nas perspectivas de superação diária a rotina de treinamento e de competições.

Então elas fizeram muita dieta enquanto a gente estava lá (na competição), elas foram extremamente responsáveis, extremamente focadas, elas desejavam uma excelente apresentação mais do que qualquer coisa na vida (T1).

Em seus estudos, Viana e Mezzaroba (2013) encontraram expressos nas falas das ginastas os sacrifícios que as mesmas alegaram terem feito para se manterem na seleção brasileira de GR como, por exemplo, controlar a alimentação. O corpo esbelto e longilíneo faz parte do perfil das ginastas de GR, até a própria indumentária exige o corpo magro e conseqüentemente exige um controle rígido da

⁴⁸ O acompanhamento profissional de nutricionistas foi abordado no capítulo 3.

alimentação, que no caso da seleção é acompanhada em pesagens diárias com objetivo de “enquadramento corporal” (p. 200), simbólico e certamente quantitativo.

O alto nível de estresse entre atletas de elite da GR é uma constante, muitas vezes proveniente da pressão para manter um baixo peso corporal porque recebem metas determinando o peso ideal, o que é acompanhado de perto pela comissão técnica, o que não significa que a treinadora não compreendia o processo.

Acordava, tinha uma balança (risos) [...] No treino tinha uma balança (risos) [...] aí a gente ia para a salinha onde pesava e eles anotavam, depois ia para o ginásio [...] (G4).

Eu já tinha uma ideia que não ia consertar o mundo, já sabia que ia passar por esse processo do peso né, ganha peso, não perde peso [...] Então essa questão a gente não levava como se aquilo fosse motivo de corte não só se fosse uma coisa que tivesse já atrapalhando a prática do treinamento ou a estética na quadra (T2).

A mesma disciplina imposta para os treinamentos é seguida na manutenção do peso, as ginastas sabem que sua permanência na SBC está condicionada ao seu desempenho e estar no peso ideal para a prática é necessário.

[...] a ginasta tem que estar sempre em forma, é dieta, é treino pesado, muitas competições [...] (G3).

Quem estava fora do peso tinha que chegar lá 7, 7 e meia pra correr. Então se você engordava você tinha que correr mais antes do treino, fosse emagrecendo, não precisava mais correr (G9).

Sobre a visão de saúde das integrantes da SBC por meio de estudo de caso, elencando o *habitus* esportivo como categoria de discussão, Vianna e Mezzaroba (2013) chegaram à conclusão de que é perceptível o sacrifício das ginastas envolvidas no estudo para manter o peso ideal: “[...] essa sistematização de controlar o peso é algo naturalizado para elas, sendo um hábito já incorporado pelas ginastas enquanto um esporte que exige ter um corpo longilíneo e esbelto, fazendo parte, assim, de um “*habitus* esportivo” da ginástica rítmica” (p.199).

Por mais que a estética seja um assunto muito discutido no ambiente entre adolescentes e em outros segmentos da sociedade, o treinamento de alto rendimento especificamente na GR exige esforços diferenciados em relação à manutenção de peso, estar em forma é manter a perspectiva de ser titular ou mesmo continuar na SBC.

Habitus 5: Compreensão da importância da função de reserva e de titular do conjunto (respeito às companheiras e em especial às ginastas mais experientes).

Alteração de gostos e de estilos é comum, pois o meio esportivo exige mudanças para os ajustes de estilos de treinamentos ou mesmo para novas exigências de nível técnico, comum quando há alteração de categorias (infantil, juvenil, adulto) e, principalmente, quando o atleta troca de clube ou passa a integrar uma seleção da modalidade. No caso das seleções nacionais o *habitus* trazido do meio de sua iniciação esportiva contribuirá para a identidade do grupo ao mesmo tempo em que o *habitus* da equipe forçará uma mudança individual para as adaptações necessárias ao bom andamento dos treinamentos e competições e a ocupação de um lugar como titular ou reserva inclusive.

[...] e aí foram passando as competições a gente ia se saindo mais ou menos bem, a gente errava, a pressão era muito grande e aí todo ano tinha é seletiva pra substituir as atletas então a pressão sempre aumentava em cima da gente das titulares (G2).

Como eu tinha acabado de entrar na SBC, não ia ser fácil, porque eu era novata, e eu era do individual, e eu sei que as meninas estava treinando há mais tempo e eu não sabia se ia ser bem aceita. Lembro que eu acabei entrando por acaso, uma das meninas do conjunto titular se lesionou e eu estava naquele dia treinando o lugar dela, e a partir daí fiquei neste lugar, acho que foram uma ou duas semanas, e quando ela voltou a passar na música, a técnica já me realocou no lugar de outra pessoa, porque naquele período eu consegui mostrar que queria. A partir daí fui só conquistando meu espaço dentro do conjunto (G9).

O tempo de permanência na SBC é diferenciado para cada ginasta, porém a energia empregada para este período dentro da equipe é intensa, cada nova integrante que chega precisa absorver os ensinamentos da treinadora e das ginastas mais experientes e vai se adaptando com acertos e erros ao ritmo do grupo que já tem vida própria. Starepravo (2011, p. 47) também comenta este assunto: “Um recém-chegado provavelmente não terá grande êxito em suas tomadas de decisão, uma vez que o *habitus* ainda não foi incorporado.” Mesmo tendo experiência na modalidade sua ação pode não ser a mais adequada para a situação solicitada, como já apontado neste texto, é o *habitus* ou o “senso de jogo” que direciona e dá o tom das ações que geram as realizações, esse entendimento se dá com o tempo e causa um processo acelerado de amadurecimento.

Uma criança ainda né, eu nem sabia o que estava acontecendo comigo e já estava representando do Brasil, mas acho que isso fez com que eu fosse amadurecendo cada vez mais porque eu era bem criança, quando vi, eu já tava na seleção do conjunto, competindo mundial e representando Brasil no conjunto [...] Quando nós fomos pra Santo Domingo⁴⁹, a equipe era toda renovada, as meninas bem mais novas do que eu, eu já tinha 25 anos e as meninas 17 ou 18 anos, novas perto de mim. Eu era quase dez anos mais velha que elas. Uma equipe que eu via que queria muito, uma equipe jovem, mas que queria muito (G3).

Mas eu acho que como a equipe era uma equipe experiente, de ginastas mais velhas, eu consegui crescer muito em pouco tempo, até que a gente conseguiu as três medalhas de ouro no Pan Americano⁵⁰, e no ano seguinte, já, como a Luiza Matsuo saiu, a Camila me colocou de capitã. Eu acho que isso me fez crescer mais ainda, e não só como ginasta, mas também como pessoa, criando responsabilidades novas e maturidade (G12).

Esse processo de amadurecimento é reforçado pela saída de casa precocemente, pois morar longe dos pais na adolescência acarreta em assumir sozinhas responsabilidades antes não necessárias. Morar em companhia das demais ginastas é compartilhar estas responsabilidades. Viana e Mezzaroba (2013) chamam atenção para o contexto individual e social das ginastas entrevistadas em seu estudo ao analisar o histórico das que treinam em cidades diferentes das suas, longe da família, dos amigos e ainda com a pressão de representar o país. A vida social das ginastas inevitavelmente é mais regrada e há um amadurecimento natural uma vez que as mesmas aprendem desde cedo a “se virar sozinhas” (p. 204).

Meu primeiro ano de seleção foi em 2004, em Londrina no Paraná. Neste ano fiquei como reserva, não participei de nenhuma competição, mas foi ótimo para o meu crescimento e amadurecimento (G7).

Foi muito importante essas viagens, eu cresci muito lá como pessoa, morar sozinha, morar com as meninas [...] tive que amadurecer bem mais rápido, que eu entrei com dezessete e saí com vinte, foi uma experiência única (G10).

Nesse contexto, a família próxima é uma aliada do atleta, pois corrobora para amenizar as demais tarefas da vida como percebemos neste depoimento: “E eu tive muito apoio do meu marido, mãe, sogra, família, todo mundo me ajudou, estavam comigo nessa empreitada” (G2). E ausência da família e dos amigos pode passar a ser uma fonte de motivação para crescer, amadurecer auxiliando no cotidiano dos

⁴⁹ Refere-se aqui aos Jogos Pan Americanos de Santo Domingo realizados em 2003.

⁵⁰ Refere-se aqui aos Jogos Pan Americanos de Guadalajara realizados em 2011.

treinamentos e colaborando para as conquistas: “Foi espetacular, assim, porque por mais que eu já estivesse ali na seleção, eu também não sabia como eram os jogos (Jogos Pan Americanos), o peso daquilo, né, e mais uma vez a minha família teve um papel muito importante” (G8).

Ocupar um espaço dentro de uma equipe que já está em andamento não é tarefa fácil, necessita de compreensão do tempo (que não é igual para todas) para assumir as novas responsabilidades e incorporar o *habitus* do grupo.

Habitus 6: Rotina de muitas viagens e poucos estudos.

Seguir uma carreira no esporte de forma profissional ou amadora sugere a busca pela maximização da eficácia específica como denominado por Bourdieu (1983), buscas sugeridas por interesses e valores, podem ser pontuadas por títulos ou vitórias conquistadas, mas que só podem ser alcançados por meio da racionalização da preparação que é o treinamento intenso, diário e planejado para determinado fim.

Percebe-se a naturalização de vários sacrifícios por parte dos envolvidos com equipes de alto rendimento ao seguir o caminho traçado para alcançar seus objetivos, que, para a maioria das atletas da SBC é a participação em uma edição dos Jogos Olímpicos (VIANA; MEZZAROBBA, 2013). “[...] aí janta, descansa, estuda quando dá tempo de ir para a escola” (G12). Trocar de cidade e estado significa alterar todos os ritmos da vida até então, incluindo a mudança de escola ou universidade, bem como o tempo para dedicar-se aos estudos com a rotina de treinamentos e viagens para as competições fora do país.

Eu passei no vestibular nesse ano também, então eu fazia Educação Física à noite e foi bem difícil mesmo então treinava 8 horas, saía do ginásio e ia direto pra sala de aula que era no mesmo lugar [...] às 19 horas do jeito que eu estava eu ia pra sala de aula (G2).

Foi uma mudança mais brusca porque eu tive que passar a estudar à noite, mas foi bem legal, a gente viajou bastante, vários campeonatos fora (G6).

Ah, estudava pouco, nessa época a gente ia só na quarta-feira de manhã para o colégio [...] (G4).

Devido às dificuldades, o esforço para dar continuidade aos estudos tem que ser do atleta e também dos órgãos que cuidam da administração do esporte, como identificamos nos depoimentos seguintes:

A gente ia direto pra faculdade já tomava banho no ginásio mesmo, trocava de roupa e ia direto pra aula, e depois pra casa, porque a gente não podia ficar sem estudar, era uma coisa que era exigência da Confederação também (G8).

Nessa ocasião, eles não conseguiram vaga no colégio à noite para as meninas, alguma coisa assim, deu problema nisso. E daí, no ano de 2011, ainda conseguiu mudar, mas em 2010 não foi possível conseguir vagas pra elas no Ensino Médio. Dai isso foi complicado, os estudos acabaram ficando pela manhã, e o treino emendava a tarde, e se prolongava um pouco mais. (G9).

Registramos aqui também que além das competições no exterior, alguns momentos da planificação do treinamento na SBC incluem a prática de estágios internacionais ocasionando um período de ausência maior do que geralmente leva um evento competitivo.

Habitus 7: Contínua pressão para novas conquistas e manter o que já foi conquistado por equipes anteriores.

Sobre o conceito de *habitus*, Bourdieu (1990) lembra que essa noção nasceu do entendimento de que existem outros princípios geradores das práticas além de normas pré-determinadas ou do cálculo racional, sobretudo em sociedades ou campos ainda pouco codificados. Ou seja, supõe-se que há entendimento e obediência ao “sentido do jogo” (fazendo uma analogia ao esporte) na qual permite a compreensão de suas práticas, a reconstrução do capital de esquemas informacionais produzindo pensamentos e práticas sensatas e regradas sem a intenção de sensatez, criando um pequeno número de princípios simples a partir de oposições fundamentais para nossa visão de mundo, como exemplifica o autor no texto “... noite/dia, dentro/fora, etc: um crime cometido à noite é mais grave que um crime cometido de dia; cometido em casa é mais grave que fora de casa, etc” (p. 97). A partir desta compreensão regula-se a pena maior ou menor independente de um princípio legislativo.

Errar mais ou errar menos pode parecer indiferente, mas não em uma modalidade como a GR, avaliada em pequenos detalhes de execução de movimentos corporais e de aparelhos, cada detalhe errado faz a diferença na nota final: “Mesmo com a falha, a gente sentiu que o grupo continuou a série bem, então analisando a

série, depois de um erro muito grave, o conjunto continuou como se nada tivesse acontecido, e isso mostrou que o grupo estava realmente entrosado” (G9).

Mesmo com chances remotas de medalhas, terminar uma competição em uma classificação interessante, mesmo que seja apenas um degrau a mais que o campeonato anterior. Os resultados da SBC independente da comissão técnica e das ginastas envolvidas devem ser preservados e melhorados no entendimento das entrevistadas. Retomamos Bourdieu (1990, p, 23) “[...] As condições para o cálculo racional praticamente nunca são dadas na prática: o tempo é contado, a informação é limitada, etc”. E, no entanto, os agentes fazem, com muito mais frequência do que se agissem ao acaso, “a única coisa a fazer”.

Eu me lembro de que todo mundo comprou a ideia de trazer uma medalha não importava qual na situação que a gente estava qualquer uma a gente queria uma medalha na nossa história e foi assim que conseguimos desenvolver nosso trabalho na época, sempre unidas, olha a gente treinou muito mesmo! (G2).

Então a gente treinava muito para conseguir continuar com o título de campeãs dos Jogos Pan Americanos. Em Santo Domingo eu já esperava o primeiro lugar, se a gente não errasse, e se fizesse como a gente treinava (G3).

Em 2008 a pressão era manter o bom resultado nos Jogos Olímpicos⁵¹ (G7).

Mudou técnica, mudou ginasta, mudou estrutura, mudou tudo. E isso refletia na gente, a cobrança era grande, a gente se sentia um pouco pressionada pra competir bem e mostrar que era capaz porque tinha que conseguir dar sequência às vitórias do Pan Americano. Imagina se na nossa vez, com a nova seleção a gente não conseguisse dar sequência? (G9).

Teve o campeonato mundial também antes do Pan-americano, que foi uma experiência não muito boa, e que na verdade foi um aprendizado muito grande, porque a gente tinha chance de classificar pra olimpíada, mas aconteceram aqueles erros, umas fatalidades que enfim, acontecem no esporte e que eu acho que foi importante para o nosso crescimento, tanto que eu acho que se não tivesse acontecido aquilo a gente não teria ido com tanta garra para o Pan Americano de Guadalajara e conseguir as três medalhas de ouro (G12).

Em Sidney a gente conquistou o que a gente queria, e em Atenas a gente não conquistou o que a gente queria, apenas mantivemos a posição de Sidney (T1).

O objetivo maior era competir, ganhar as medalhas de ouro do Pan Americano, uma vez que, desde Winnipeg em 1999 nunca tinha perdido nenhum Jogos Pan Americanos na modalidade de conjunto (T2).

⁵¹ Refere-se aqui aos Jogos Olímpicos de Pequim realizados em 2008.

Para chegar à competição preparadas, o treinamento da SBC tem uma duração média de oito horas diariamente, divididos em dois períodos, e de acordo com os depoimentos de ginastas e treinadoras somente em um dos ciclos os treinos aconteceram em apenas um período do dia.

Se eu não treinasse tanto eu acho que eu teria errado mais ainda, porque ali eu liguei totalmente o automático e continuei a série claro que eu não errei mais também, se errasse mais alguma coisa não sei o que acontecia comigo (G3).

Porque se acerta e ganha tudo bem, mas quando tu vai lá e erra, as pessoas não conseguem ver o que tem por trás do erro, o esforço (G9).

Com a mudança da técnica a gente sentiu né, sentiu muito cansaço, lesão, em virtude do treinamento pesado, e aí uma ginasta se lesionou, teve que ir uma reserva competir, foi aquela loucura, e no final foi um alívio, porque deu tudo certo, claro que a gente não competiu bem, mas para o que a gente estava treinando, a gente foi perfeito (G9).

As repetições são constantes e como dissemos anteriormente, há a busca pela perfeição, embora esta não exista, mas para as ginastas aceitar o erro é muito difícil e de acordo com Viana e Mezzaroba (2013) as próprias ginastas declaram que mesmo com todo o treinamento intenso, no momento da competição pode ocorrer a falha.

Habitus 8: Convivência intensa nos treinamentos, na residência, na escola e nas atividades de lazer.

Na convivência diária do grupo, os comportamentos vão se assemelhando e muitas ações vão se tornando parte do jeito de ser de cada atleta. O *habitus* está relacionado à história do campo e no campo esportivo os agentes que compõem uma modalidade formam quase que uma classe social específica daquele espaço. Assumem e legitimam a estrutura, ou seja, vão desvendando as regras do jogo e aprendendo a jogar, talvez até promovam alterações (STAREPRAVO, 2011).

As ginastas quando não estão em treinamento, estão em atividades comuns, como realizar as refeições, ir às aulas, assistir TV entre outras: “A gente passava a semana no alojamento, só ia pra casa nos finais de semana” (G5).

Seguindo os apontamentos de Bourdieu (1990), os agentes dividem responsabilidades e ansiedades, mas acima de tudo adquirem neste convívio o “senso

de jogo” o que facilita a convivência e permite novos “lances” adaptando novas situações, como as diversidades do dia a dia fora do ginásio.

Eu lembro que ajudava muito em relação quando elas ficavam doentes, febre, às vezes domingo eu passava lá ficava à tarde com elas. Uma delas ficava muito doente, e aí eu conversava bastante com elas, segunda-feira começava tudo de novo era a mesma rotina sempre (G2)

Por fim, torna-se comum que as ginastas da SBC façam programas voltadas ao lazer e entretenimento no final de semana em que o grupo de amizade passe a ser o mesmo do nicho esportivo, causando influências mútuas.

Eu lembro que eu gostava muito de estar ali participando estar ali junto, com as meninas aquilo era a minha vida, sempre foi a minha vida (G2).

Acho que 2011 foi um ano muito bom na SBC, era uma equipe muito unida e a gente treinava muito, se dava bastante força, foi uma equipe muito boa (G12).

Em 2011 eu lembro que fui pro conjunto em agosto, saindo do individual, antes do campeonato Pan Americano⁵², e foi uma experiência muito boa, foi a segunda vez que eu fui morar longe de casa, uma rotina de treino pesada, manhã e tarde, muita repetição (G11).

Ainda considerando Bourdieu (1990), é a extensão das relações entre as ginastas que gera o volume do capital social que a mesma poderá adquirir em meio ao campo.

Habitus 9: Aproximação das ginastas aos espectadores por meio de apresentações.

A constituição de campos autônomos no esporte também é abordada por Bourdieu (1990) a partir de discussões sobre as diferenças entre profissionais e amadores e o desenvolvimento do esporte-espetáculo separadamente do esporte comum. Fatores extrínsecos da prática como a vitória em um jogo possibilitam que pouco a pouco muitos passem apenas para o papel de espectadores, embora o autor acredite que ainda estamos em um estágio de que profissionais se apresentam para amadores que ainda praticam ou já praticaram um dia determinada atividade.

A técnica fazia várias apresentações pra gente entrar em quadra em outros lugares, com os alunos da UNOPAR a gente fez milhares de

⁵² Refere-se aqui aos Jogos Pan Americanos de Guadalajara realizados em 2011.

vezes, também chamava a família e quanto mais gente perto, quanto mais entrava na quadra melhor, e não ficar só em quatro paredes (G2).

A gente leva as meninas pra apresentar nos colégios, na cidade, leva para apresentar em eventos, ou se não tem nada no sábado a gente faz treino controle⁵³, convida os parentes, os amigos, abre o ginásio pra fazer esse treino controle (T4).

Na GR um dos principais fatores da preparação tática é a montagem de coreografias, já que é por meio das composições que se organizam as ações individuais e as de conjunto de forma racional e nos limites do regulamento do esporte. Laffranchi (2001) ressalta outros fatores igualmente importantes no planejamento da preparação tática, como: a escolha do collant, penteado, maquiagem e o plano de aquecimento antes da competição. Para Santos, Lourenço e Gaio (2010) para compor a série deve-se considerar a trilogia: elementos corporais, música, utilização dos aparelhos e maestria, tendo como eixo central uma ideia guia, com início, meio e fim.

A gente procurou escolher músicas que tivessem bem a cara do Brasil, eram duas músicas extremamente brasileiras, Aquarela do Brasil para arco e fita, e uma música que era um maracatu pra maças. Então a gente procurou mostrar o Brasil, refletir o Brasil (T1).

Me disseram que queriam música brasileira, tá bom, só brasileiras, escolhemos duas músicas brasileiras (T3)

Foi trabalhoso, no trabalho braçal, inovando com as séries e músicas com ritmos nossos, foi um ano que a gente apresentou e competiu bastante (G9).

Surge então a oposição entre a prática de esporte e o simples consumo esportivo, que pode ser gerado pelas dificuldades encontradas para a prática em espaços específicos como clubes sociais que, em geral, reúnem a população mais favorecida economicamente e que ainda utilizam as atividades esportivas como pretexto de encontros nestes locais ou, ainda, pela beleza das coreografias que tem alto grau de dificuldade para execução dos que não tem preparação física e técnica para isso.

No entanto é possível relatar também que o esporte espetáculo motiva a prática real do mesmo, embora possivelmente levado pela ideia inicial de tornar-se como o ídolo, no caso da GR em especial as meninas que querem um dia ser como as ginastas que estão na SBC.

⁵³ Treinamento realizado com a presença de árbitros e/ou público que não fazem parte da SBC.

Habitus 10: Utilização da experiência como atleta para futura carreira profissional.

Enquanto estão na fase de formação, as ginastas preocupam-se apenas em treinar, competir, viajar, ganhar medalhas ou ainda melhorar o resultado anterior, mas ao chegar à categoria adulta começam os questionamentos sobre o que farão quando encerrarem suas carreiras esportivas, quando passarem para o grupo dos ex-atletas. Naturalmente emergem as possibilidades de carreira esportiva enquanto profissão, uma vez que esta modalidade é totalmente amadora. Entre as ginastas da SBC não é diferente: “[...] eu levei a faculdade junto com os treinos e foi muito bom pra minha formação, é um conhecimento que ninguém tira da gente” (G2).

Bourdieu (1983) alega que seguir uma carreira no esporte de forma profissional ou amadora sugere a busca pela maximização da eficácia específica sugeridas por interesses e valores, em especial de classes populares e médias que podem ser pontuadas por títulos ou vitórias conquistadas, mas que só podem ser alcançados por meio da racionalização da preparação que é o treinamento intenso, diário e planejado para determinado fim.

Entendemos que o autor está claramente se referindo à carreira como atleta, mas façamos uma analogia para a continuidade neste campo esportivo como profissional, que pode ser para estas ginastas uma boa oportunidade se manter no mesmo, pois a intenção é continuar envolvida com o esporte.

Se eu pudesse tinha sido ginasta vida inteira, mas não pode. Minha vida era ser ginasta, mas não pode (G3).

Eu pretendo continuar no ginásio porque eu gosto muito [...] (G10).

Minha passagem pela Seleção foi essa, mais pontos positivos do que negativos, com certeza, porque abriram várias portas para a minha vida profissional, é isso [...] (G1).

Assim, as viagens, as experiências, os treinos, a convivência com as outras meninas, foi muito grandioso pra mim como atleta e como pessoa, porque hoje eu trabalho com a ginástica, eu sou treinadora, e muita coisa que eu carrego hoje eu aprendi na época de seleção (G8).

Naturalmente, como abordado no decorrer do texto, entre pessoas dotadas dos mesmos *habitus* há uma tendência a uma organização direcionada, e este *habitus* adquirido como atleta no meio esportivo é mantido, o que facilita posteriormente a inserção na carreira profissional como treinadora ou mesmo dirigente. Entre as

treinadoras que participaram deste estudo, duas delas foram ginastas de conjunto e individual na infância e adolescência, uma competiu somente individual e a outra não foi ginasta, porém vivenciou a dança.

O *habitus* está ligado à extensão de um aprendizado passado. Para Bourdieu (1983, p. 147) existem situações que ilustram as dificuldades encontradas para dar andamento a uma sociologia científica do esporte: “[...] de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo...”.

O autor ainda trata dos que não sabem quase nada da prática, mas falam sobre o assunto com suposta propriedade e, claro, isso pode ser preocupante, sendo o esporte um dos objetos de luta política na qual um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento de um grupo socialmente constituído é a concorrência entre as organizações. Esse é um dos motivos que nos faz considerar que as atletas que continuam nas quadras como profissionais colaboram para o desenvolvimento da modalidade, trazendo experiências e o *habitus* adquirido na convivência diária e contínua do meio esportivo específico da GR. Cabe aos que possuem o *habitus* colaborar com a evolução da modalidade, pois os mesmos sabem o que deve ser mantido e o que pode ser mudado para melhor, é claro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou identificar, por meio do discurso de treinadoras e ginastas, o *habitus* esportivo presente na SBC de GR no período de 1997 a 2012, a partir do conceito de *habitus* implícito na Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu. A utilização da metodologia de história oral permitiu construir uma visão mais concreta do funcionamento deste grupo social do campo esportivo, tendo a GR como subcampo. Com base nos depoimentos orais no recorte de tempo proposto para o estudo, direcionamos nossa atenção para a memória pessoal das envolvidas no contexto, para assim identificar os elementos constituintes do *habitus*.

A sistematização organizada para o processo de entendimento da construção dos *habitus* na SBC se deu a cada surgimento de um assunto, uma ação ou

um comportamento em comum na fala das entrevistadas validando, assim, a organização dos mesmos de forma convincente, independente do ciclo em que cada uma esteve envolvida, pois o *habitus* está ligado à extensão de um aprendizado passado relacionado a etapas de desenvolvimento esportivo e de vida. Mesmo que passando por readequações que podem lhe conceder transformações dentro de limites pré-estabelecidos, adquire-se por meio de uma experiência durável de determinada função ou posição no mundo social.

Com o olhar inicial para dados relacionados à rotina de treinamento, viagens, estudos e relacionamentos, ao pontuar os 10 *habitus* apresentados neste estudo nós encontramos informações relacionadas ao processo de entrada e saída da equipe, comando, superação pessoal em prol do grupo, manutenção do peso corporal, amadurecimento, rotinas de viagens e estudos, manutenção de resultados, convivência intensa, esporte espetáculo e intenção de continuidade na vida esportiva.

Ao reconhecer os elementos constituintes dos *habitus* no subcampo esportivo da GR, fica evidente que este é um espaço que necessita de pessoas dotadas do mesmo *habitus* e que fazem parte de um mesmo grupo orquestrado de forma espontânea com compreensão mútua, que se entenda com meias palavras até mesmo em meio a conflitos. A forma de abordar a constituição do campo esportivo possibilita uma análise e uma reflexão sólida que culmina no entendimento da realidade estabelecida entre as interdependências encontradas no conjunto de relações presentes no desenrolar da modalidade ginástica rítmica. O *habitus* esportivo precisa ser compreendido em sua complexidade e na conscientização de que o mesmo é dinâmico e vai se renovando a cada nova integrante que carrega consigo os *habitus* adquiridos na sua formação esportiva anterior à SBC.

Entendemos que os *habitus* apresentados aqui não são provenientes de 100% das ginastas que passaram pela SBC nos últimos quatro ciclos olímpicos, porém consideramos uma amostra significativa para dar um norte para os posicionamentos e as incertezas sobre o assunto que passarão a surgir a partir deste, gerando novas pesquisas com abordagens diferenciadas que, seguramente, complementarão este estudo que, embora inovador tem o interesse maior de contribuir no entendimento de

como se dão as organizações próprias de uma equipe de conjunto de GR que representa um país.

A ginástica rítmica é uma modalidade jovem e carente de estudos científicos. A necessidade de ocupar este espaço é urgente para que o crescimento aconteça de forma equilibrada com subsídios fidedignos para sua evolução ordenada, mas com atenção a todos os atores envolvidos neste processo.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, L. O. T., NINA, A. C. B. Investigando a construção do estilo esportivo de vida por intermédio do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 2, p. 303-312, 2, 2010.

AUGUSTINI, M. S. P. **Raízes históricas da ginástica em Joinville**. 2002. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

AUGRAS, M. História oral e subjetividade in: SIMSON, O. R. de M. V. (org). **Os desafios contemporâneos da história oral** – 1996. Campinas, Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.

AVILÉS, M. I. DÍAZ, Y. G. BORRÁS, N. O. Reflexões sobre o planejamento e o controle do treinamento esportivo na ginástica rítmica: respostas a partir da pesquisa científica. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org.). **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, cap. 10, p. 219-239, 2014.

BOBO, M. PALMEIRO, M. A. **Ximnasia Rítmica Deportiva - adestramento e competición**". Edicións Lea, Santiago de Compostela, 1998.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis; Vozes, 2003. 149p.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234p.

_____. **O poder simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 311p.

CLOSS, L. Q. **Transformações contemporâneas e suas implicações nos processos de aprendizagens de gestores**. 2009. 257f. Tese (Doutorado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CORBELLA, I. VIRÓS, M. BARBANY, I. CAIRÓ, J. R. Ultrasonidos y RX como métodos complementarios em la exploración cineantropométrica de um grupo de gimnastas rítmicas. **Medicina Del Sport**, v.29, n. 114, p. 301-308.

CRAUSE, I. I. **Ginástica rítmica desportiva**: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação da ginasta. 1985. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

DEMARTINI, Z. de B. F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O. M. V. (org). **Experimentos com histórias de vida**: Itália- Brasil. São Paulo: Vértice, p. 44-105. 1988.

DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. v.17. Newbury Park: SAGE, 1989.

FIORIN, C.M. **A Ginástica em Campinas**: Suas formas de Expressão da Década de 20 a década de 70. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física: Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica**. Londrina: UNOPAR, 2001. 157 p.

_____. **Planejamento, aplicação e controle da preparação técnica da ginástica rítmica: análise do rendimento técnico alcançado nas temporadas de competição**. 2005. 267p. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto, Porto, 2005.

LISITSKAYA, T. **Gimnasia rítmica**. Barcelona: Paidotribo, 1995. 410p.

LLOBET, A. C. **Gimnasia rítmica deportiva**: teoria e práctica. Barcelona: Paidotribo, 1998. 296 p.

LOURENÇO, M. R. A. **Ginástica rítmica no Brasil**: a (r)evolução de um esporte. 2003. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o voleibol**: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). 2001. 282 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: Proni, M. & Lucena R. **Esporte**: historia e sociedade (orgs.). Campinas-SP: Autores Associados, 2002, p. 84.

OLIVEIRA, M. S. **A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística de alto rendimento**. 2014. 183f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indivizível" ao "divizível". In: VON SIMSON, O. R. M. (org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, p. 14 - 43. 1988.

RIBAS, J. A. - **Os Jogos Abertos do Paraná na contextualização do esporte paranaense entre 1987 e 2005**. 2007. 220f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

RODRIGUES, F. X. F. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 1, p. 111-125, jan./jun. 2005.

SANTOS, E. V. N. dos; LOURENÇO, M. R. A.; GAIO, R. **Composição coreográfica em ginástica rítmica: do compreender ao fazer**. Jundiaí: Fontoura, 2010. 127 p.

SARÔA, G. Diferentes caminhos da Ginástica Rítmica na cidade: ecos de sua história em Campinas. In: PAOLIELO, E.; TOLEDO, E. (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte Editora, cap. 3, p. 73-110, 2010.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos**. 2009. 357f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, J. e MARCHI JR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 293-315, 2010.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, p. 93-122, 2000.

STAREPRAVO, F. A. **Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico**. 2011. 422f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

VIANA, D. F. W; MEZZARROBA, C. Esporte de alto rendimento faz mal à saúde? Uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. **Motrivivência**. Florianópolis. Ano XXV, n.41, p.190-205, dezembro, 2013.

VON SIMSON, O. R. M. A arte de recriar o passado: a metodologia da História Oral e suas contribuições à promoção do envelhecimento bem sucedido. In: NERI, A. (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papyrus, p.141-160, 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica passou por um processo rápido de transformações a partir do início sistemático de suas convocações. Seus integrantes, ginastas e equipe técnica e administrativa, vivenciaram constantes aprendizados seguindo uma tendência natural de adaptação e sobrevivência no mundo do esporte de alto rendimento. Considerar e discutir as estruturas encontradas neste estudo é mais do que tratar da GR, é aventar fases da própria vida pessoal e profissional em momentos como ginasta, treinadora e árbitro. Períodos de introspecção e reflexões se instalaram no decorrer das discussões do estudo com a frequente preocupação e responsabilidade de escrever sobre as mesmas com clareza, objetividade e ética.

O espaço conquistado no continente americano a partir das seguidas vitórias nos Jogos Pan Americanos é fator determinante na formação e continuidade das seleções permanente. Formar uma seleção nacional e não simplesmente qualificar um clube foi o diferencial para o início de grandes resultados conquistados pela SBC, aliados à concentração das melhores ginastas, em especial as que abdicaram do individual, em uma sede específica com objetivo único de treinar conjunto. Nos quatro ciclos pesquisados percebemos que as organizações das seleções brasileiras não mudaram muito. No panorama encontrado, percebe-se uma evolução natural de acordo com as possibilidades estruturais oferecidas em novas sedes e também a partir do potencial técnico de cada treinadora que assumia suas funções, além das características particulares dos grupos formados ao longo dos ciclos.

O formato de apresentação desta tese em estudos segregados, possibilitando um olhar direto para o objetivo proposto a cada capítulo, não impediu a manutenção do foco na ideia central do estudo, encaminhando para o entendimento das organizações técnicas e administrativas passando pelo perfil de treinadoras e ginastas e oportunizando a compreensão do *habitus* esportivo da SBC a partir das considerações sobre o espaço social e a posição ocupada por cada um de seus

integrantes. Este *continuum* pode ser identificado na apresentação e discussão de cada um deles e na ordem em que os mesmos estão dispostos.

O perfil das ginastas que representam nosso país não difere no decorrer dos ciclos, já as treinadoras apresentam características mais variadas em sua formação e trajetória profissional. O processo de selecionamento de ginastas para a SBC realizado por meio de seletivas abertas a todo o país ou fechada em nomes pré-estabelecidos é eficiente, porém há que se criar procedimentos de acompanhamento da formação de base das ginastas brasileiras para que o nível técnico não seja comprometido com o passar dos anos, pois as treinadoras já estão encontrando dificuldades em selecionar um número razoável de ginastas para compor um conjunto que execute as coreografias com técnica mais apurada. Esta responsabilidade é da CBG e deve ser assumida pela entidade o mais rápido possível em parceria com as federações estaduais, uma vez que é sua função fomentar e desenvolver a GR em todo o território nacional.

Não existe uma base nacional de dados sobre infraestruturas esportivas ou para o esporte de alto rendimento no país e, no que se refere à estrutura física destinada à SBC nos ciclos pesquisados, percebemos que embora exista uma preocupação em melhorias, estas ainda estão longe de oferecer a tranquilidade necessária para que os integrantes se ocupem apenas com o desempenho técnico. Preocupações com o local e a qualidade da alimentação, e também compra e manutenção de equipamentos esportivos não deve ser de responsabilidade das treinadoras e sim de um gestor contratado para tal atuação.

O mesmo acontece com a organização técnica na SBC que contou com equipe multiprofissional apenas do ciclo 2, de 2001 a 2004. Atletas que treinam em média 8 horas diárias e representam nosso país em Jogos Pan Americanos e Olímpicos merecem no mínimo suporte para manutenção da integridade física e psíquica, afinal estão no pequeno nicho do esporte de alto nível. Em se tratando do treinamento em geral, com exceção da preparação tática, as treinadoras que assumiram a SBC nos ciclos 1, 2 e 3 atuaram de forma semelhante tecnicamente. Já no ciclo 4 a alternância nos encaminhamentos técnicos por conta de demissões e contratações neste período foram primordiais para a não obtenção de resultados plenos neste ciclo, pois mesmo vencendo os Jogos Pan Americanos em 2011, a vaga para os Jogos Olímpicos de

Londres não foi garantida após três ciclos contínuos de classificação para o evento mais importante do esporte mundial.

Os dados relacionados à organização administrativa da SBC nos remetem a um número diversificado de informações porque cada ciclo contou com uma dinâmica diferenciada. A grande semelhança está na responsabilidade da treinadora por funções que não deveriam ser das mesmas, como organização de documentos e estudos além dos cuidados com assuntos financeiros. Os ciclos 1, 2 e 3 foram conduzidos administrativamente pela CBG e parceiros locais e apenas no ciclo 4 a CBG assumiu todas as responsabilidades pela SBC ao levar o treinamento para sua sede em Aracaju.

Em se tratando de organização como um todo, o ciclo 2 reuniu as melhores condições físicas e técnicas e conseqüentemente os melhores resultados. O ciclo 3 apresentou a estrutura mais interessante para os estudos e estágios internacionais com a manutenção de resultados e o ciclo 4 ofereceu a melhor estrutura administrativa, mas registrou quedas significativas no ranking de resultados da FIG.

A identificação do *habitus* esportivo presente na SBC por meio do discurso das ginastas e treinadoras permitiu construir uma visão mais concreta do funcionamento deste grupo social colaborando para o entendimento de como as estruturas se complementam com as atitudes, costumes, ações e rituais específicos de seus atores. Passados de geração a geração, na SBC os *habitus*, que são sistemas de disposições transponíveis, são absorvidos ciclo a ciclo pelos atores do processo e vão se renovando a cada nova integrante, pois o *habitus* não é estático, ao contrário, é dinâmico e está sempre em via de reestruturação.

Ao finalizar nossas considerações, apontamos para limitações do estudo no que diz respeito a não participação de dirigentes da entidade nacional responsável pela GR, o que certamente enriqueceria os dados relacionados à gestão. E acenar para o fato de que, embora todos os ciclos tenham ginastas contempladas não ouvimos todo o universo da pesquisa em se tratando de atletas. Também seria interessante ouvir ginastas que se desligaram antes de participar de uma das competições utilizadas como critério de inclusão para este estudo, assim teríamos um quadro mais fiel da realidade geral da SBC.

Por fim, apresentados os caminhos percorridos em 16 anos de estruturação da SBC, atingindo os objetivos do estudo, que era o analisar, por meio do discurso de técnicas e ginastas, o perfil dos integrantes da SBC de GR no período de 1997 a 2012, bem como sua estrutura técnica e administrativa, e o *habitus* esportivo construído, reforçamos que as discussões documentam de forma científica as organizações técnicas e administrativas das equipes de conjunto do Brasil no período proposto, bem como a identificação do *habitus* esportivo do grupo. Mesmo esbarrando na insuficiência de literatura específica para a discussão de determinados assuntos, apresentamos dados de um trabalho vivenciado por muitos profissionais e atletas da GR, com resultados impressionantes, avaliados a partir das informações ofertadas pelo estudo na qual pudemos visualizar exatamente os acertos e as dificuldades encontradas para fazer esporte de alto nível no nosso país que ainda é carente de políticas de gestão esportiva.

Pela importância do registro inédito, este estudo poderá subsidiar novas pesquisas, despertando reflexões para novos direcionamentos e, em especial, colaborar com as futuras organizações da SBC contribuindo efetivamente no desenvolvimento da ginástica rítmica no Brasil.

ANEXOS



ANEXO A: Aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP).

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ													
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP														
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA														
Título da Pesquisa: ORGANIZAÇÃO TÉCNICA POLÍTICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012.														
Pesquisador: IEDA PARRA BARBOSA RINALDI														
Área Temática:														
Versão: 2														
CAAE: 27735614.2.0000.0104														
Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá														
Patrocinador Principal: Financiamento.Próprio														
DADOS DO PARECER														
Número do Parecer: 739.303														
Data da Relatoria: 24/06/2014														
Apresentação do Projeto:														
<p>O presente estudo terá como objetivo registrar o processo de organização das seleções de conjunto de ginástica rítmica no Brasil nos últimos quatro ciclos olímpicos, ou seja, de 1997 a 2012. A metodologia utilizada será história oral, por meio de depoimento de 12 ginastas e quatro treinadoras e história de vida de uma dirigente nacional e internacional. Para análise dos dados será utilizada a técnica de análise de conteúdos. O referencial teórico que dará embasamento às discussões são os estudos de Pierre Bourdieu sobre o habitus esportivo. A coleta dos dados sob a responsabilidade da autora acontecerá de acordo com a disponibilidade de cada participante, após terem assinado a autorização de participação no estudo, em local a ser definido individualmente.</p>														
Objetivo da Pesquisa:														
<p>Reconhecer e historiar o processo de organização das seleções de conjunto de ginástica rítmica no Brasil nos últimos quatro ciclos olímpicos.</p>														
Avaliação dos Riscos e Benefícios:														
<p>Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.</p>														
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:														
<p>O estudo a ser realizado é caracterizado com interlocuções com os sujeitos que serão realizadas</p>														
<table border="0"> <tr> <td>Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Bairro: Jardim Universitário</td> <td>CEP: 87.020-900</td> <td></td> </tr> <tr> <td>UF: PR</td> <td>Município: MARINGÁ</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Telefone: (44)3011-4444</td> <td>Fax: (44)3011-4518</td> <td>E-mail: copep@uem.br</td> </tr> </table>			Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG			Bairro: Jardim Universitário	CEP: 87.020-900		UF: PR	Município: MARINGÁ		Telefone: (44)3011-4444	Fax: (44)3011-4518	E-mail: copep@uem.br
Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG														
Bairro: Jardim Universitário	CEP: 87.020-900													
UF: PR	Município: MARINGÁ													
Telefone: (44)3011-4444	Fax: (44)3011-4518	E-mail: copep@uem.br												
Página 01 de 02														



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 739.303

por meio de entrevistas. Foi apresentado um cronograma de execução prevendo total de 1 ano (15/04/2014 a 14/04/2015) com início da coleta de dados para 15/04/2014, envolvendo 17 sujeitos (12 ginastas, 4 treinadoras e 1 dirigente). O orçamento do estudo foi avaliado em R\$9.450,00, com custeio próprio pesquisador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram juntados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

MARINGÁ, 05 de Agosto de 2014

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICES



APÊNDICE A: Termo de Autorização



Universidade Estadual de Maringá

Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física – UEM/UEL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____
 após entendimento do estudo, autorizo a utilização dos dados por mim declarados para fins exclusivos de realização e publicação da pesquisa intitulada **ORGANIZAÇÃO TÉCNICA POLÍTICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012**, tendo como responsável a professora Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi, que tem por objetivo registrar por meio de história oral o processo de organização das seleções de conjunto de Ginástica Rítmica no Brasil nos últimos quatro ciclos olímpicos.

Equipe:

Nome: Ieda Parra Barbosa Rinaldi
 Telefone: (44) 3011-1342 ou (44) 3011-4315
 E-mail: parrarinaldi@hotmail.com

Nome: Márcia Regina Aversani Lourenço
 Telefone: (43) 3325-9670 ou 9993-3797
 E-mail: marcia.aversani@sercomtel.com.br

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Biblioteca Central – Campo Central – tel. (44) 3011-44 - e-mail: copep@uem.br

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Ginastas



Universidade Estadual de Maringá

Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física – UEM/UEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo (la) a participar da pesquisa intitulada **ORGANIZAÇÃO TÉCNICO POLÍTICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012**, que faz parte do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação Associado UEM/UEL em Educação Física, e é orientada pela professora Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é registrar por meio de história oral o processo de organização das seleções de conjunto de Ginástica Rítmica no Brasil nos últimos quatro ciclos olímpicos. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se dará da seguinte forma: a partir de uma entrevista semi estruturada enquanto ginasta da Seleção Brasileira de Conjuntos de Ginástica Rítmica da Confederação Brasileira de Ginástica em parte do período escolhido para esta pesquisa. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, _____ (nome por extenso do sujeito da pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pela professora Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura ou impressão datiloscópica.

Eu, Ieda Parra Barbosa Rinaldi declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores, conforme os endereços abaixo:

Nome: Ieda Parra Barbosa Rinaldi

Endereço: Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. Departamento de Educação Física. CEP 87020-900. Maringá/PR.

Telefone: (44) 3011-1342 ou (44) 3011-4315

E-mail: parrarinaldi@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecido com:

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP), da UEM no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá/PR.

Tel: (44) 3011-4444

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE C: Termo de Consentimento Treinadoras



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo (la) a participar da pesquisa intitulada **ORGANIZAÇÃO TÉCNICO POLÍTICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA NO PERÍODO DE 1997 A 2012**, que faz parte do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação Associado UEM/UEL em Educação Física, e é orientada pela professora Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é registrar por meio de história oral o processo de organização das seleções de conjunto de Ginástica Rítmica no Brasil nos últimos quatro ciclos olímpicos. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se dará da seguinte forma: a partir de uma entrevista semi estruturada enquanto treinadora da Seleção Brasileira de Conjuntos de Ginástica Rítmica da Confederação Brasileira de Ginástica em parte do período escolhido para esta pesquisa. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com ética e fidedignidade. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, _____ (nome por extenso do sujeito da pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em

participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela professora Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura ou impressão datiloscópica.

Eu, Ieda Parra Barbosa Rinaldi declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores, conforme os endereços abaixo:

Nome: Ieda Parra Barbosa Rinaldi

Endereço: Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. Departamento de Educação Física. CEP 87020-900. Maringá/PR.

Telefone: (44) 3011-1342 ou (44) 3011-4315

E-mail: parrarinaldi@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecido com:

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP), da UEM no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá/PR.

Tel: (44) 3011-4444

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE D: Matriz Analítica

MATRIZ ANALÍTICA			
DIMENSÃO	INDICADORES	INSTRUMENTO	OBJETIVO RELACIONADO
Perfil – ginastas	<ul style="list-style-type: none"> - Estado de origem; - Idade; - Idade de ingresso na modalidade, primeira competição e aposentadoria; - Tempo de treinamento na modalidade e na Seleção Brasileira de Conjuntos; - Títulos nacionais e internacionais anteriores; - Principal título da carreira; - Formação; - Atuação profissional; - Influências. 	Questionário: (apêndice C)	ginastas
Perfil - treinadoras	<ul style="list-style-type: none"> - Estado/país de origem; - Idade; - Idade e local em que começou a atuar na modalidade; - Idade da aposentadoria (se for o caso); - Títulos nacionais e internacionais anteriores; - Principal título da carreira; - Formação; - Atuação profissional; - Influências. 	Questionário: (Apêndice D)	treinadoras
Seletivas para as ginastas	<ul style="list-style-type: none"> - Como se deu a convocação para a Seleção Brasileira de Conjuntos; - Qual foi a documentação oficial; - Realização de testes seletivos e de que forma. 	Entrevista semiestruturada	1: ginastas (apêndice E)
Contratação das treinadoras	<ul style="list-style-type: none"> - Como se deu o convite para assumir e o desligamento no cargo de treinadora da Seleção Brasileira de conjuntos; - Qual foi a documentação oficial; - Equipe de ginastas já em treinamento ou convocação própria; - Realização de testes seletivos e de que forma; - Contatos oficiais com as demais treinadoras. 	Entrevista semiestruturada	1: treinadoras (apêndice F)

Identificar os procedimentos de seleção, o processo de contratação e desligamento e o perfil de ginastas e treinadoras integrantes da Seleção Brasileira de Conjuntos no período de 1997 a 2012.

<p>Estrutura da Seleção Brasileira de Conjuntos - ginastas</p>	<p>– Estrutura física, técnica e administrativa.</p>	<p>Entrevista semiestruturada 2: ginastas (Apêndice C).</p>	<p>Registrar, por meio de depoimentos de ginastas e treinadoras da Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica, os procedimentos e os comportamentos técnicos, assim como a estrutura administrativa ofertada nos últimos quatro ciclos olímpicos apontando suas semelhanças e diferenças.</p>
<p>Estrutura da Seleção Brasileira de Conjuntos - treinadoras</p>	<p>– Estrutura física, técnica e administrativa.</p>	<p>Entrevista semiestruturada 2: treinadoras (Apêndice D).</p>	<p>Registrar, por meio de depoimentos de ginastas e treinadoras da Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica, os procedimentos e os comportamentos técnicos, assim como a estrutura administrativa ofertada nos últimos quatro ciclos olímpicos apontando suas semelhanças e diferenças.</p>
<p><i>Habitus</i> esportivo</p>	<p>– <i>Habitus</i> esportivo: rotina de treinamento, viagens, estudos, relacionamentos.</p>	<p>Depoimento ginastas e treinadoras (Apêndice E)</p>	<p>Identificar, por meio do discurso de técnicas e ginastas, o <i>habitus</i> esportivo presente na Seleção Brasileira de Conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012.</p>

APÊNDICE E: Questionário - ginastas

QUESTIONÁRIO – GINASTAS

TESE: A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído.

CAPÍTULO 2: O perfil de ginastas e treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012

- 1) Nome completo: _____
- 2) Período que esteve na Seleção Brasileira de Conjuntos: _____
- 3) Data de nascimento: _____
- 4) Ano e local de início como ginasta:

Iniciação: _____	Local: _____
Treinamento: _____	Local: _____
- 5) Ano de aposentadoria como ginasta: _____
- 6) Títulos nacionais anteriores à convocação para a Seleção Brasileira de Conjuntos:

- 7) Títulos internacionais anteriores à convocação para a Seleção Brasileira de Conjuntos:

- 8) Principal título da sua carreira esportiva:

- 9) Qual a sua formação escolar?

- 10) Qual a atuação profissional atual? Ou a que pretende exercer no futuro?

- 11) Você recebeu alguma influência que te estimulou a praticar a GR?

Doutoranda: Márcia Regina Aversani Lourenço
Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

APÊNDICE F: Questionário - treinadoras

QUESTIONÁRIO – TREINADORAS

TESE: A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído.

CAPÍTULO 2: O perfil de ginastas e treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012

1) Nome completo: _____

2) Período que esteve na Seleção Brasileira de Conjuntos: _____

3) Data de nascimento: _____

4) Foi ginasta? _____ Individual () Conjunto ()

5) Ano e local de início como ginasta:

Iniciação: _____ Local: _____

Treinamento: _____ Local: _____

6) Ano de aposentadoria como treinadora:

7) Ano e local de início como treinadora

Iniciação: _____ Local: _____

Treinamento: _____ Local: _____

8) Principais títulos internacionais anteriores ao seu trabalho na Seleção Brasileira de Conjuntos:

9) Títulos internacionais anteriores à convocação para a Seleção Brasileira de Conjuntos:

10) Principais títulos nacionais anteriores ao seu trabalho na Seleção Brasileira de Conjuntos:

11) Principais títulos nacionais após o seu trabalho na Seleção Brasileira de Conjuntos:

12) Principais títulos internacionais após o seu trabalho na Seleção Brasileira de Conjuntos:

13) Principal título da sua carreira como ginasta:

14) Principal título da sua carreira como treinadora:

15) Qual a sua formação escolar?

16) Você recebeu alguma influência que te estimulou na sua profissão de treinadora de GR?

Doutoranda: Márcia Regina Aversani Lourenço

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

APÊNDICE G: Entrevista semiestruturada 1 - ginastas**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – GINASTAS**

TESE: A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído.

CAPÍTULO 2: O perfil de ginastas e treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012

Nome completo: _____

Período que esteve na Seleção Brasileira de Conjuntos: -

1. Como se deu sua convocação para a Seleção Brasileira de conjuntos?
 - 1.1 Recebeu alguma documentação oficial?
 - 1.2 Participou de testes seletivos?
 - 1.3 Se sim, como foram realizados?

Doutoranda: Márcia Regina Aversani Lourenço
Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

APÊNDICE H: Entrevista semiestruturada 1 - treinadoras**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – TREINADORAS**

TESE: A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído

CAPÍTULO 2: O perfil de ginastas e treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012

Nome completo: _____

Período que esteve na Seleção Brasileira de Conjuntos: _____

1. Como se deu o convite para assumir o cargo de treinadora da Seleção Brasileira de conjuntos?
 - a. Recebeu alguma documentação oficial?
 - b. Havia uma equipe de ginastas em treinamento ou você fez uma convocação?
 - c. Se sim, como foi este processo?
 - d. Teve contato oficial com a treinadora anterior?
2. Quais eram pontualmente as suas responsabilidades?
3. Durante o tempo que permaneceu à frente da Seleção Brasileira de Conjuntos Seleção Brasileira de Conjuntos como foi o processo de convocação e dispensa de ginastas?
4. Como se deu seu desligamento do cargo de treinadora da Seleção Brasileira de conjuntos?
 - a. Recebeu alguma documentação oficial?
 - b. Teve contato oficial com a treinadora que assumiu a Seleção Brasileira de Conjuntos na sequência?

Doutoranda: Márcia Regina Aversani Lourenço

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

APÊNDICE I: Entrevista semiestruturada 2 - ginastas

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – GINASTAS

TESE: A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído

CAPÍTULO 3: A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: estrutura técnica e administrativa no período de 1997 a 2012 na visão de ginastas e treinadoras

Nome completo: _____

Período que esteve na Seleção Brasileira de Conjuntos: _____

- **ESTRUTURA FÍSICA:**

1. Qual era a estrutura física para o treinamento da SBC?
 - 1.1 Ginásio (todas as áreas de treinamento)
 - 1.2 Alojamento
 - 1.3 Refeitório

- **ESTRUTURA TÉCNICA:**

2. Como era constituída a equipe técnica?
3. Qual o tempo de duração do treinamento diariamente, como era dividido e de que forma pela equipe técnica?
 - 1.1 Preparação física (geral e específica)
 - 1.2 Preparação técnica (anotações diárias?)
 - 1.3 Preparação psicológica
4. Como era seu dia a dia de treinamento na SBC? Descreva um dia normal de treino antes do período competitivo.
5. Descreva detalhadamente um dia de treinamento na SBC no período competitivo.

- **ESTRUTURA ADMINISTRATIVA:**

6. Como era a organização administrativa da seleção?
 - 6.1 Documentos
 - 6.2 Viagens
 - 6.3 Estudos
 - 6.4 Questões financeiras

Doutoranda: Márcia Regina Aversani Lourenço

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinald

APÊNDICE J: Entrevista semiestruturada 2 - treinadoras

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – TREINADORAS

TESE: A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído.

CAPÍTULO 3: A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: estrutura técnica e administrativa no período de 1997 a 2012 na visão de ginastas e treinadoras

Nome completo: _____

Período que esteve na Seleção Brasileira de Conjuntos: _____

• **ESTRUTURA FÍSICA:**

5. Qual era a estrutura física para o treinamento da Seleção Brasileira de Conjuntos?
 - a. Ginásio (todas as áreas de treinamento)
 - b. Alojamento para ginastas
 - c. Moradia para treinadora
 - d. Refeitório

• **ESTRUTURA TÉCNICA:**

6. Como era constituída a equipe técnica que atuou com você durante o período na Seleção Brasileira de Conjuntos?
 - a. Cargos e funções
 - b. Nos eventos esta equipe a acompanhava?
7. Qual o tempo de duração do treinamento diariamente, como era dividido e de que forma pela equipe técnica?
 - 1.4 Preparação física (geral e específica)
 - 1.5 Preparação técnica (anotações diárias?)
 - 1.6 Acompanhamento psicológico, fisioterapêutico e nutricional?
8. Como era o dia a dia de treinamento na Seleção Brasileira de Conjuntos? Descreva um dia normal de treino antes do período competitivo.
9. Descreva detalhadamente um dia de treinamento na Seleção Brasileira de Conjuntos no período competitivo.

• **ESTRUTURA ADMINISTRATIVA:**

10. Como era a organização administrativa da seleção?
 - a. Documentação
 - b. Organização dos assuntos relacionados às viagens e estudos
 - c. Questões financeiras

Doutoranda: Márcia Regina Aversani Lourenço

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

APÊNDICE K: Roteiro depoimentos – ginastas e treinadoras

ROTEIRO DEPOIMENTO

TESE: A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído

CAPÍTULO 4: O perfil de ginastas e treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012

Nome completo: _____

Período que esteve na Seleção Brasileira de Conjuntos: _____

- Após lembrar os objetivos da pesquisa e explicar a dinâmica da realização dar início por meio de questão aberta (sem intervenção).

- Faça um relato da sua experiência de vida na Seleção Brasileira de Conjuntos desde sua convocação ou convite para assumir os treinamentos até seu desligamento.

- TEMAS GERADORES:
 1. Estrutura física
 2. Estrutura técnica
 3. Estrutura administrativa

Doutoranda: Márcia Regina Aversani Lourenço
Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi

APÊNDICE L: Quadro – *Habitus* da Seleção Brasileira de Conjunto

CAPÍTULO 4: O perfil de ginastas e treinadoras da seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica no período de 1997 a 2012

Quadro: *Habitus* da Seleção Brasileira de Conjunto

	<i>Habitus</i>	<i>F</i> <i>Ginastas/ treinadoras</i>	<i>F</i> <i>Ciclos</i>
1	Renovação contínua da equipe no decorrer dos ciclos.	16	4
2	A articulação de todas as atividades que envolvem a equipe é assumida pela treinadora, o comando geral é da treinadora.	16	4
3	Rotina de treinamentos longos e intensos com foco no resultado final. Superação pessoal (esforço, cansaço e dor) em prol do grupo.	16	4
4	Dietas contínuas para manutenção do peso corporal e pesagem corporal diária.	14	4
5	Compreensão da importância da função de reserva e de titular do conjunto. Respeito às companheiras e em especial às ginastas mais experientes.	14	4
6	Rotina de muitas viagens e poucos estudos.	12	4
7	Contínua pressão para novas conquistas e manter o que já foi conquistado por equipes anteriores.	12	4
8	Convivência intensa nos treinamentos, na residência, na escola e nas atividades de lazer.	12	4
9	Aproximação das ginastas aos espectadores por meio de apresentações	10	4
10	Utilização da experiência como atleta para futura carreira profissional.	8	4

APÊNDICE M: Quadros – Estrutura física, técnica e administrativa da Seleção Brasileira de Conjunto

CAPÍTULO 3: A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: estrutura técnica e administrativa no período de 1997 a 2012 na visão de ginastas e treinadoras
 Quadro: Ginásio, alojamento e refeitório.

Quadro – Ginásio, alojamento e refeitório.

	Categorias	F Ciclos	Ciclo completo	Ciclo Parcial
Ginásio	Ginásio exclusivo para treinamento de ginástica rítmica com tapete e som ambiente.	4	1 e 2	3 e 4
	Ginásio com tablado.	3	2	3 e 4
	Ginásio com 2 tablados.	2	-	3 e 4
	Ginásio com condições irregulares (teto baixo ou curvado, ventilação, iluminação, obras).	3	2	3 e 4
	Ginásio pequeno.	2	1	3
	Materiais mínimos para treinamento (barra para <i>ballet</i> , espaldar, aparelhos para treino e competição).	4	1 e 2	3 e 4
	Materiais básicos (parede com espelhos, colchão gordo, trampolim).	3	1 e 2	3
	Outros materiais (banco sueco, colchonetes).	2	1 e 2	-
	Borracha em baixo do tapete para amortecimento.	1	1	-
	Armário para guardar aparelhos.	2	1 e 2	
	Ginásio e alojamento próximos.	3	1 e 2	4
Alojamento.	Alojamento amplo, mobiliado, bonito com três ou quatro quartos com banheiro.	4	1, 2, 3 e 4	
	Funcionária para limpeza do alojamento e segurança/porteiro.	4	1, 2, 3 e 4	
	Ginastas da cidade sede e/ou treinadora estrangeira morando no alojamento.	1	2	
Refeitório	Café da manhã no próprio alojamento.	4	1, 2, 3 e 4	
	Almoço em restaurante com boa variedade.	4	3 e 4	1 e 2
	Refeições no próprio alojamento.	2	-	1 e 2
	Kits de alimentação prontos com cardápio da nutricionista (café/lanche da manhã/almoço/lanche da tarde/jantar/ceia).	1	-	2
	Jantar na escola ou faculdade (lanche ou fruta).	1	3	-
	Faziam marmita no almoço para jantar a noite.	1	4	-

Quadro: Treinamento: geral, preparação física, técnica, tática, psicológica e acompanhamento médico, fisioterápico e nutricional.

	Categorias	f	Ciclo completo	Ciclo Parcial
Treinamento geral	6 a 7 horas diárias de treino, 2 períodos distintos de treinamento, quarta-feira e sábado apenas um período de treino, domingo livre, periodização definida.	4	1, 2 e 3	4
	6 horas diárias de treino em um período único	1	-	4
	Preparação física mais extensa no início da temporada	1	2	-
	Pesagem diária	2	2 e 3	-
	Treinamento sem muitas divisões	1	-	4
	Treinamento próximo da competição mais longo	1	-	4
Preparação Física	Aula de ballet clássico, chão, barra, diagonal, flexibilidade ou exercícios no espaldar.	4	1, 2 e 3	4
	Preparação física geral no final do treino da tarde	4	1, 2 e 3	4
	No período competitivo a preparação física diminuía consideravelmente	4	1, 2 e 3	4
	Corridas antes ou depois do treino para quem precisava emagrecer	3	1 e 2	4
	Treino sem muitas divisões	1	-	4
Preparação Técnica	Planilha de anotações diárias com dados estatísticos (treinadora ou auxiliar)	3	1, 2 e 3	4
	Repetições diárias de lançamentos (trocas), colaborações e pequenas partes da coreografia sem música e depois com música	4	1, 2 e 3	4
	Exigência de número de acertos independente do número de repetições	3	1, 2 e 4	-
	Execução da coreografia inteira	3	1 e 2	4
	Treino de um aparelho pela manhã e outro pela tarde /dias alternados	3	1, 2 e 3	-
	Volume de acordo com a fase da planificação - treinamento baixo, médio e alto durante a semana.	4	1, 2 e 3	4
	No período competitivo apenas séries completas	4	1, 2, 3, 4b	4
	O treino no período competitivo buscava a qualidade	4	1, 2 e 3	4
	Apenas período competitivo sem alterações de fases	1	-	4
	Repetições diárias de dificuldades corporais	1	3	-
	Exigência de série com expressão no período competitivo	1	-	4
	No período competitivo continuava todo o treino normal somente mudava as passagens com música	1	3	-
Preparação Tática	Escolha de músicas nacionais para uma das séries	4	1, 2 e 3	4
	No período competitivo se a série fosse sem aparelhos no chão ("cravada") diminua o número de vezes de execução	4	1, 2 e 3	4
	Apresentações em locais diferenciados simulando o ambiente de competição	3	1, 2 e 4	-

	Treino controle aos sábados simulando competição se possível com a presença de árbitros	2	1 e 2	-
	Análise da melhor execução na ordem de passagens no treinamento para saber qual seria a melhor opção no dia da competição	1	2	-
	Começar o treino informando às atletas qual seria a meta do dia ou da semana	1	3	-
Preparação psicológica	Presença de psicólogos duas vezes por semana	1	1	-
	Encontros com psicólogo em grupo e individual	1	2	-
	Professor de neurolinguística (acompanhamento emocional)	1	3	-
	Psicólogo acompanhou a equipe em poucas competições	1	1	-
Atendimento médico, fisioterápico e nutricional	Atendimento fisioterápico no local do treinamento	3	1 e 3	4
	Atendimento em clínica particular com acompanhamento fisioterápico e/ou médico	2	1	4
	Massagem terapêutica após o treino da tarde	1	2	-
	Fisioterapeuta acompanhava as competições	1	2	-
	Fisioterapeuta acompanhou em apenas uma competição	2	3	4
	Nutricionista apenas responsável pelo cardápio	1	2	-
	Médico ortopedista que atendia outros atletas do ES	1	3	-
	Plano de saúde particular e individual	1	3	-

Quadro: documentação, estudos, transporte e assuntos financeiros.

	Categorias	f	Ciclo completo	Ciclo Parcial
Documentação	Convite para a seletiva aberto para todo Brasil enviado para o clube	2	1 e 3	-
	Convocação enviada para o clube ou para o técnico com o nome de todas as convocadas e com data de início e as competições do ano	2	1 e 4	-
	Não recebeu convocação por escrito	1	2	-
	Convocação foi anunciada no microfone ao final da seletiva	1	3	-
	Não havia documento de dispensa de ginasta, somente quem passava na seletiva anual continuava a treinar	3	1, 2 e 4	-
	Os cortes após a seletiva eram semestrais	1	3	-
	Solicitações de desistências diretamente para a CBG	1	4	-
	Treinadora era o elo entre a CBG e as ginastas e responsável pelas informações burocráticas (viagens, informativos COB, documentos para os pais)	3	1, 2 e 3	-
	As informações sempre pela treinadora e/ou da coordenadora de seleções	1	4	-
	Ginastas tinham contato com a CBG via e-mail para	1	3	-

	o envio de documentos			
	Responsável local (sede) cuidava da contratação e administração de funcionários para o alojamento e a comida	3	1, 2 e 3	-
	Organização das viagens e estágios por parte da CBG	2	3 e 4	-
	CBG levava documentos e contratos para as ginastas no ginásio	1	4	-
	Planejamentos e relatórios mensais enviados para a CBG	1	4	-
	Organização das viagens "em cima da hora"	1	-	4
Estudos	Houve tentativa de estudar no supletivo / Ginastas iam para aula apenas uma vez por semana e professores enviavam trabalhos / treinadora intermediava os estudos/conversava com professores	1	1	-
	Ginastas estudavam pela manhã / coordenadora e treinadora resolviam os assuntos de escola	1	-	4
	Ginastas estudavam a noite / Responsável pela sede ou coordenadora de seleções resolviam os assuntos de escola juntamente com a treinadora	3	2 e 3	4
	Universidade cuidava da organização dos estudos para quem estava no ensino superior e para a educação básica, os próprios pais e a treinadora resolviam, porém a escola era a mesma das demais ginastas	1	2	-
	Ginastas na universidade resolviam as matrículas sozinhas e depois regularizava a situação	1	3	-
	Ginastas faltavam na aula apenas quando viajavam	1	3	-
Transporte	Transporte levava e buscava na escola saindo do alojamento	3	1, 2 e 3	-
	Transporte levava para o treinamento	1	3	-
	Transporte para fisioterapia/médico/qualquer necessidade	1	3	-
	Transporte para médico ou algo mais eram realizados de taxi e reembolsados pela CBG	1	4	-
Assuntos financeiros	Algumas viagens tiveram passagens pagas pelos clubes / ginastas pagavam seus uniformes no início	1	1	-
	Prolabore para as ginastas vindo da entidade parceira.	2	1 e 2	-
	100% de bolsa de estudos em universidade parceira	3	1, 2 e 3	-
	Valores das despesas de viagens administrados pela CBG	4	1, 2, 3 e 4	-
	Alimentação, moradia responsabilidade do parceiro da sede.	3	1, 2 e 3	-
	Ajuda de custo CBG (depositava na conta de cada ginasta) / Contrato com a CBG de acordo com os títulos, assinatura de recibo com a treinadora	2	2 e 4	-
	Bolsa atleta	2	3 e 4	-

	Consultas médicas eram pagas pela universidade parceira	1	1	-
	Problemas de pagamento na faculdade	1	-	4
	CBG enviava um chefe de delegação nas competições	4	1, 2, 3 e 4	-
	Cartão cooperativo do COB para a treinadora quando responsável pelas despesas	1	3	-